



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

JOSÉ FRANCINILTON DA SILVA

**NARRATIVAS MATERNAS: EXPERIÊNCIAS DE SUPERAÇÃO DE DESAFIOS NO
PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DE FILHOS COM AUTISMO**

MOSSORÓ

2020

JOSÉ FRANCINILTON DA SILVA

**NARRATIVAS MATERNAS: EXPERIÊNCIAS DE SUPERAÇÃO DE DESAFIOS NO
PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DE FILHOS COM AUTISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC - da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ

2020

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586n Silva, Jose Francinilton da
Narrativas Maternas: experiências de superação de desafios no processo de inclusão educacional de filhos com autismo. / Jose Francinilton da Silva. - Mossoró/RN, 2020.
155p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Narrativas Maternas. 2. Autismo. 3. Inclusão Escolar. 4. Experiências de superação. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

NARRATIVAS MATERNAS: EXPERIÊNCIAS DE SUPERAÇÃO DE DESAFIOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DE FILHOS COM AUTISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC - da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM: 17/03/2020

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação
Orientadora – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Avaliador Externo – Universidade Rural do Semi-Árido – UFERSA

Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim
Avaliadora Interna – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dedico à minha mãe, meu porto seguro e fonte de inspiração para todo sempre, e a todas as mães de crianças com autismo, mulheres guerreiras que sonham com a inclusão de seus filhos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao poderoso Deus. Por isso, meu primeiro agradecimento é direcionado a Ele, que é meu refúgio e minha fortaleza. Agradeço por ter me abençoado durante toda minha vida, por ter me concebido a oportunidade de cursar o Mestrado em Educação, pela proteção divina, sabedoria e força para vencer os obstáculos, as lutas, os conflitos e as tristezas encontrados pelo caminho.

Agradeço também à minha família. Em especial à minha mãe, Francisca Maria da Silva, pela dedicação, que sempre me apoiou e incentivou, pois venho de uma família simples, mas com muitos princípios, que me ensinaram a ser uma pessoa digna, honesta, e também, a lutar e correr atrás dos meus sonhos.

Aos meus irmãos, José Francielio da Silva e Maria Eduarda da Silva, pelo incentivo e por me motivarem durante todo esse processo.

Agradeço ao meu padrasto, Antônio Pereira, por estar sempre ao meu lado nessa caminhada.

Ao meu companheiro, Emanuel Aclécio, pelo incentivo, dedicação, compreensão e motivação durante esse tempo. Quando pensava em desistir, sempre me mostrou que iria conseguir.

Não poderia deixar de agradecer às minhas queridas amigas e amigos do Curso de Mestrado, pois durante todo esse tempo passamos muitas coisas juntos, mas o que levarei serão as boas lembranças e os momentos bons. Sou muito grato a todas que tiveram presentes em muitos momentos da minha vida, sempre me apoiando e incentivando. Agradeço a todas as amigas pelos momentos de alegrias, aprendizagem e trocas de conhecimentos. Enfim, sou muito grato, pois a amizade é fundamental, e sem ela, muitas vitórias não teria conseguido.

Em especial gostaria de agradecer à minha amiga Priscila Brito, por ter segurado em minha mão, ajudando e incentivando nos momentos que quase pensei em desistir. Creio que Deus planejou tudo para que nosso caminho se cruzasse e Priscila foi mais um anjo enviado pelo Senhor em minha vida.

Não poderia esquecer de agradecer à minha mentora, Rosa Siqueira, que me guiou e caminhou comigo desde quando sonhava em ingressar no Mestrado em Educação. Seus conselhos, ajuda e incentivo foram primordiais para chegar até aqui.

Agradeço também a todos os professores do POSEDUC (UERN). Tenham certeza que vocês contribuíram muito para minha formação pessoal e profissional, levarei sempre comigo os conhecimentos adquiridos durante todo processo de formação. Quero parabenizar a todos

pelo carinho e pelos momentos de aprendizagem, trocas de conhecimentos e experiências vivenciadas.

Em especial à minha orientadora, Ana Lúcia Oliveira Aguiar, pela paciência, pelas orientações, pela compreensão, pelo apoio e confiança e pela contribuição para a realização deste trabalho. Como também, agradecer pelos conhecimentos comigo compartilhados, esses que me ajudaram na conclusão desta dissertação. Quero lhe parabenizar por ser essa excelente profissional. Tenha certeza que te admiro e sempre me lembrarei de você, como um exemplo a ser seguido.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

Pesquisas apontam que o processo de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas crianças provoca fortes impactos no âmbito familiar. Diante de suas particularidades, a criança com autismo requer uma atenção especial em seu processo de desenvolvimento, assim em algumas situações, quem assume essa maior responsabilidade do cuidado são as mães, desde a aceitação até a luta pela efetivação da inclusão. Este estudo busca compreender, a partir de narrativas das mães, as táticas para a superação das barreiras encontradas no processo de inclusão educacional de filhos autistas. A questão norteadora da pesquisa consiste em: “Como mães superam desafios no processo de inclusão educacional de filhos com autismo?” Nosso objetivo geral é “compreender, a partir de narrativas (auto)biográficas, como mães superam os desafios encontrados no processo de inclusão educacional de filhos autistas”. A metodologia utilizada nesta pesquisa está vinculada à abordagem qualitativa de investigação, a qual propicia uma relação mais próxima entre pesquisador e pesquisado. Dentro dessa perspectiva metodológica, aliamos-nos ao método (auto)biográfico para o processo de investigação. A (auto)biografia, por ter uma proposta mais reflexiva, permite ao autor das narrativas uma apreensão das alterações sociais e culturais que por ele foram vivenciadas, proporcionando contribuições para a (auto)formação dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O estudo foi realizado com duas mães de crianças com autismo na cidade de Baraúna/RN, por meios das sessões de narrativas (auto)biográficas. Os resultados apontam que, durante o processo de inclusão escolar vivido pelas participantes e seus filhos com TEA, cada uma dentro de sua singularidade, existem inúmeras barreiras que dificultam o avanço desse processo. No entanto, as mães, como mulheres de lutas, criaram táticas para a quebra das barreiras, desde o momento do diagnóstico, sendo considerado período doloroso, pela constituição do luto, até as situações encontradas dentro das instituições de ensino. É possível perceber, nas narrativas maternas, a inclusão escolar em construção rumo a efetivação de fato, porém precisa de uma atenção especial por partes dos envolvidos, como família, escola e órgãos públicos.

Palavras-chave: Narrativas Maternas; Autismo; Inclusão Escolar; Experiências de Superações.

ABSTRACT

Researches indicate that the diagnostic process of Autism Spectrum Disorder (ASD) in children causes strong impacts in the family environment. Faced with their particularities, the child with autism requires special attention in her developing process, thus in some situations, those who have this greater responsibility for care are mothers, from acceptance to the struggle for effective inclusion. This study seeks to understand, based on mothers' narratives, the tactics for overcoming the barriers found in the educational inclusion process of autistic children. The guiding question of the research is: "How do mothers overcome challenges in the process of educational inclusion of children with autism?" Our general objective is to "understand, from autobiographical narratives, how mothers overcome the challenges found in the process of educational inclusion of autistic children". The methodology used in this research is linked to the qualitative research approach, which provides a closer relationship between research and researched. Inside this methodological perspective, we ally ourselves with the autobiographical for the research process. The autobiography, because it has a more reflective proposal, allows the author of the narratives an apprehension of the social and cultural changes that by him were experienced, providing contributions to the (self)training of the subjects involved in the research. The study was conducted with two mothers of children with autism in the city of Baraúna/RN, by means of narrative autobiographical sessions. The results indicate that during the school inclusion process lived by the participants and their children with ASD, each one within its uniqueness, there are numerous barriers that hinder the advancement of this process. However, the mothers as women of struggles, have created tactics for breaking barriers, from the moment of diagnosis, being considered a painful period, by the constitution of mourning, to the situations found within educational institutions. It is possible to perceive, in maternal narratives, the school inclusion under construction towards the effectiveness of fact, however it needs special attention from those involved, such as family, school and public agencies.

KEYWORDS: Maternal Narratives; Autism; School Inclusion; overcoming experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 01 - Francinilton com dois meses de nascido	26
FOTO 02 - Maria no sexto mês de gestão do primeiro filho	39
FOTO 03 - Estágio Supervisionado I- Educação Infantil	52
FOTO 04 - Atividade com Nilo- Professor/estagiário	58
FOTO 05 - Colação de grau em 2008.	59
FOTO 06 - Orientação da monografia com a professora Ana Lúcia Aguiar	67
FOTO 07 - Desenho da criança com autismo	130
FOTO 08 - Desenho da criança sobre sentimentos	131
FOTO 09 - Desenho da criança sobre a relação mãe e filho	131
FOTO 10 - Desenho feito por Vitória sobre a inclusão escolar	132
FOTO 11 - Atividade do filho de Superação na APAE	133
FOTO 12 - Atividade na escola do filho de Superação.....	135

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Narrativas maternas sobre as táticas para superação de barreiras no processo de inclusão escolar de crianças com autismo.	107
QUADRO 2 - Narrativas maternas sobre a relação família e escola.....	123
QUADRO 3 - interpretação sobre os diários das mães	138

LISTA DE SIGLAS

- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- BDTD – Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CAS – Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo
- CE – Ceará
- CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- DAE – Diretoria de Assuntos Estudantis
- DSM-V- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- ERNAB – Encontro Regional de Narrativas (Auto)biográficas
- GEPEMABI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias, (Auto)Biografias e Inclusão
- IEP – Instituto de Ensino Profissionalizante
- LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
- PDA – Projeto de Desenvolvimento de Área
- POSEDUC – Programa de Pós-graduação em Educação
- PPCs – Projeto Pedagógico de Cursos
- PSV – Processo Seletivo Vocacional
- RN – Rio Grande do Norte
- TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
- TEA – Transtorno do Espectro Autista
- UCSAL – Universidade Católica do Salvador
- UEI – Unidade de Educação Infantil
- UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
- UFPB – Universidade Federal da Paraíba
- UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

“ABRE-TE, SÉSAMO”: ENTRE TRAJETÓRIAS DE UM NOVO CAMINHAR	12
CAPÍTULO 1: AS MEMÓRIAS DE UM JOVEM SONHADOR: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS NO PERCURSO DE FORMAÇÃO	23
1.1 “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”: memórias de uma infância vivida na zona rural.....	24
1.2 Histórias de mim: formação de um sujeito espelhado na figura materna.....	35
1.3 "Ser ou não ser, eis a questão": a escolha pela tão sonhada profissão e a aproximação com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	45
1.4 O método (auto)biográfico no percurso de formação e o encontro com o objeto de estudo.....	61
CAPÍTULO 2: “UMA VIAGEM INESPERADA”: SER MÃE DE CRIANÇA COM AUTISMO, ASSUMINDO A MISSÃO ESPECIAL	71
2.1 Ser mãe: um novo sentimento, uma nova trajetória.....	72
2.2 “Do luto à luta”: narrativas sobre o processo de diagnóstico da criança com autismo	83
2.3 “Quem pariu Mateus que balance”: a responsabilidade da mãe no processo de educação de seus filhos com TEA	92
2.4 A caminhada na busca pela inclusão: barreiras encontradas nesse percurso	95
CAPÍTULO 3: O OLHAR MATERNO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SEUS FILHOS COM AUTISMO: POSSIBILIDADES	104
3.1 Mães de coragem: construindo táticas para superar as barreiras	105
3.2 A mãe e a legislação para crianças com TEA: quais os direitos do meu filho?	114
3.3 A mãe e a escola: uma parceria fundamental para o processo de inclusão	120
3.4 “Vencendo os limites”: experiências de superações rumo à inclusão.	128
“FECHA-TE, SÉSAMO”: CONSIDERAÇÕES DE MAIS UM TRAJETO PERCORRIDO	143
REFERÊNCIAS	147

“ABRE-TE, SÉSAMO”: ENTRE TRAJETÓRIAS DE UM NOVO CAMINHAR

Mãe é coisa de Deus. A mais bela das criações traz em seu seio todas as outras. A figura materna sempre foi algo muito forte em minha vida, desde cedo aprendi o quanto a nossa genitora tem um papel importante em todos os processos de desenvolvimento de nossas vidas.

Nascido¹ na zona rural no município de Baraúna/RN, vivi momentos difíceis em minha infância. Primeiro, por morar na zona rural, pois todos sabem da realidade de quem mora nessas localidades, há dificuldade em todos os aspectos. Fui criado apenas com a participação da minha mãe, logo cedo meu pai nos abandonou e ela assumiu a responsabilidade de criar três filhos sozinha, sem dúvida, uma missão difícil, uma vez que as dificuldades seriam enormes para uma agricultora cuidar de seus filhos sem nenhuma ajuda.

Foram inúmeros os desafios que enfrentamos. Minha única esperança em um dia mudar de vida e buscar o melhor seria por meio dos estudos, pois minha mãe sempre frisava a importância de estudar em nossas vidas, em sua fala, ela afirmava: “os estudos são a única herança que posso deixar para você”. Firmei-me sempre nessa narrativa com perseverança para um dia conseguir o êxito. Saía todos os dias às 13 horas e chegava em casa às 19 horas, isso quando o ônibus não apresentava problemas. No ano de 2009, foi necessário mudar para a cidade. Como sempre, destaquei-me na escola e consegui alguns cursos ofertados para os melhores alunos e tinha que morar próximo para cursar. Mais uma vez vi minha mãe lutar por algo junto comigo.

Em 2013, ingressei na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Curso de Pedagogia, através do Processo Seletivo Vocacionado (PSV). O Curso me proporcionou inúmeras experiências fundamentais para o meu processo de formação, as disciplinas, os cursos e, sem dúvidas, a monitoria da disciplina “Antropologia e Educação”, em 2017, fez-me ser o que sou hoje. Ao longo de minha formação, tive o privilégio de atuar na Rede Municipal de Ensino em Mossoró/RN, mais precisamente, na Unidade de Educação Infantil Júlio Galdino Neto, como “Professor/Estagiário”, participando ativamente do processo de inclusão e desenvolvimento de uma criança com autismo.

¹ O texto foi escrito em duas pessoas verbais, pois consideramos que o trabalho traz momentos de narrativas de experiências pessoais do autor da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e os sujeitos da pesquisa. Desse modo, justifica-se o uso da primeira pessoa do singular para marcar o posicionamento do autor e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e os sujeitos da pesquisa.

A experiência como Professor/Estagiário se evidenciou como fundamental dimensão em meu processo de formação profissional. Foi um momento que tive a oportunidade de entrar em contato direto com a realidade profissional na qual seria futuramente inserido. Além disso, pude associar minha experiência com pressupostos teóricos, adquiridos pela observação de determinadas práticas específicas e do diálogo com profissionais mais experientes. No estágio, tive a oportunidade de investigar, analisar e intervir na realidade profissional que desejava seguir, mantendo um vínculo de aproximação com a realidade educacional, organização e funcionamento da instituição e da comunidade. Nada melhor que colocar o pé no chão e conhecer a realidade em que iria atuar como profissional formado. O estágio me possibilitou isso e, até mesmo, minha decisão quanto à minha área de atuação.

Durante essa experiência, algo me chamou atenção e somou-se com a escolha para o desenvolvimento desta pesquisa: foi a participação ativa no processo de inclusão da mãe da criança com autismo, a qual eu auxiliava em uma Unidade de Educação Infantil na cidade de Mossoró/RN. Ela, a todo tempo, estava ciente de todos os direitos de seu filho. Em uma de nossas conversas, a mãe me relatou que foi muito difícil descobrir que seu filho era autista, mas que seu papel, a partir daquele momento, era lutar para que ele sempre tivesse acesso a tudo de maneira igual as outras crianças. Uma de suas lutas foi estar sempre na Secretaria Municipal de Educação do Município de Mossoró/RN, buscando a presença do “Professor/Estagiário” dentro da sala de aula, porque via a necessidade de seu filho possuir uma atenção especial. No início, incomodei-me um pouco com tamanha pressão por parte da mãe, pois achei que chegou a ser um pouco invasiva, mas, com o decorrer do tempo, percebi que ela estava apenas preocupada com o desenvolvimento do seu filho. Além disso, observei também o quanto sua participação ativa estava contribuindo com o processo de inclusão da criança. Todos os dias ela procurava saber como foi o comportamento do seu filho em sala de aula, se tinha conseguido desenvolver as tarefas, se estávamos precisando de algo para ajudar em sala.

Com o passar do tempo, comecei a associá-la em minhas leituras, período em que comecei a produção da monografia para obtenção do diploma, ao ler sobre a história de Berenice Piana, mãe de uma criança com autismo, que lutou de forma incansável para ver seu filho ter seus direitos respeitados e postos em prática. Em decorrência de um processo de fartas discussões entre a sociedade civil e as comunidades de pessoas com deficiências, todos engajados na busca para a efetivação de direitos das pessoas com autismo, foi aprovada, no ano de 2012, a Lei Nº. 12.764/12, intitulada Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a qual prevê a participação da comunidade na formulação das políticas públicas voltadas para os autistas, além

da implantação, acompanhamento e avaliação da referida Lei. Esse instrumento legal assegurou o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento.

A partir disso nasceu em mim o desejo de pesquisar o autismo por meio do olhar materno, compreender como acontece o processo de inclusão de crianças com autismo através das narrativas (auto)biográficas de suas mães, conhecendo o percurso, as dificuldades, as lutas e as superações. Acredito que o estudo poderá trazer grandes contribuições para futuras mães que venham enfrentar a realidade descrita, em parte, nesta justificativa e, até mesmo, o uso destas narrativas como autorreflexão para essas mães, para se formarem e se pensarem formadoras a partir de suas vivências. Trabalhar com narrativas (auto)biográficas é, para mim, algo prazeroso, pois já pude vivenciar esse momento e, como próprio autor das minhas narrativas, posso afirmar que elas nos ajudam a repensar nossas práticas, a nos enxergarmos como sujeitos da história contada.

O nosso estudo surge da seguinte problemática: Como mães superam desafios no processo de inclusão educacional de filhos com autismo? Com o desejo de respondermos essa questão, delimitamos quatro objetivos, sendo um geral e três específicos. Como objetivo geral pretendemos: Compreender, a partir de narrativas (auto)biográficas, como mães superam os desafios encontrados no processo de inclusão educacional de filhos autistas. E como objetivos específicos: Narrar minha (auto)biografia, com ênfase no percurso de formação pessoal, acadêmica e no encontro com o objeto de estudo e o método (auto)biográfico; Descrever o percurso da maternidade, o diagnóstico e as barreiras encontradas no processo de inclusão escolar de mães de filhos autistas; e Evidenciar de que modo mães superam os desafios encontrados no processo de inclusão educacional de filhos autistas.

A metodologia utilizada nesta pesquisa está vinculada à abordagem qualitativa de investigação, a qual propicia uma relação mais próxima entre pesquisador e pesquisado. A escolha por essa abordagem parte do princípio que esta ajudará a responder nossos objetivos propostos, uma vez que oferece apoio metodológico, possibilitando ao pesquisador compreender e analisar, com mais detalhes, o universo subjetivo que compõe os sujeitos e suas experiências cotidianas. Dentro dessa perspectiva metodológica, aliamos-nos ao método (auto)biográfico como recurso para a investigação. A (auto)biografia por ter uma proposta mais reflexiva permite ao autor das narrativas uma apreensão das alterações sociais e culturais que por ele foram vivenciadas, proporcionando contribuições para a formação e para a autonomia.

Nessa perspectiva, o processo de narrativas torna-se ainda mais reflexivo, pois o sujeito tem o prazer de partilhar o que acha conveniente, refletindo sobre sua trajetória de vida.

Para os aspectos metodológicos para a realização da pesquisa, selecionamos duas mães de crianças com autismo, na cidade de Baraúna/RN. Delimitamos alguns critérios para a escolha dos sujeitos: o primeiro, diz respeito à seleção de mães que tenham filhos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA); o segundo, optamos por selecionar mães que demonstrassem participação ativa no processo de inclusão educacional do seu filho, ou seja, que tenham alguma atuação em espaços educacionais, seja como representante das demais ou como “militante” na defesa da inclusão do seu filho; o terceiro critério de escolha, foi a disponibilidade e o interesse das mães em participar da pesquisa como colaboradoras, o real desejo em quebrar o seu silêncio através das narrativas (auto)biográficas, podendo expor seus sentimentos, dores e trajetória de vida, que por muito tempo foram silenciados.

Para uma melhor compreensão de nosso estudo, optamos por realizar um levantamento das discussões sobre essa temática no ambiente acadêmico. Nessa perspectiva, partimos em busca de trabalhos que se assemelham com nossa pesquisa, que tem como objetivo descrever as experiências de mães de crianças com autismo no processo de inclusão de seus filhos. O estado do conhecimento, aqui realizado, tem como objetivo conhecer o que vem sendo discutido em relação à nossa temática “o autismo e o olhar materno”, analisando o foco de cada pesquisa já realizada, com o olhar sobre os pontos em comum e o distanciamento de cada um deles, para que, assim, pudessem contribuir de forma significativa com o nosso estudo. Ao todo, encontramos onze trabalhos que, após critérios de seleção, aproximaram-se mais de nossa proposta de estudo.

Pesquisamos trabalhos acadêmicos que aproximassem estes dois temas: o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as mães como protagonistas da pesquisa. Inicialmente, definimos em quais repositórios realizaríamos nossa pesquisa, definindo quatro possíveis bancos de dados: o site de periódico da CAPES, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) repositório institucional, o site do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Optamos por realizar a pesquisa na BDTD, por apresentar uma quantidade de estudos completos, como teses e dissertações. Procuramos obter resultados utilizando a seguinte expressão: “Olhar materno sobre o autismo”, não conseguindo extrair resultados satisfatórios, foi então que decidimos usar a opção de “Buscas avançadas” utilizando as palavras-chave: “Autismo” e “Mães”, e encontramos sessenta e seis trabalhos. Para uma melhor filtragem, selecionamos o assunto

“Autismo”, caindo para vinte o número de estudos, no entanto, ao selecionar por títulos, foram escolhidos três para a análise de ligação com nossa pesquisa. Os critérios para a seleção desses foram: as que traziam em seus títulos as palavras-chave utilizadas em nosso estudo e que tinham como participante principal do estudo as mães de crianças autistas.

O segundo momento do estado do conhecimento, refere-se à filtragem de pesquisas que unam estes dois temas: a “Inclusão” e o “Método (auto)biográfico”. Iniciamos nossa pesquisa no repositório institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no entanto, não obtivemos resultados satisfatórios, pois nos faltou domínio sobre as ferramentas de busca disponíveis no site. Optamos, então, em realizar a busca na página do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), disponível no site da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Salientamos que, nesse processo, não foi necessário o uso de palavras-chave ou expressões, uma vez que a página não disponibiliza ferramentas de busca e filtragem. No desenrolar da pesquisa, encontramos oito pesquisas, utilizando como critérios para seleção as produções defendidas nos últimos cinco anos que trouxessem, em sua metodologia, as narrativas dos sujeitos e que o tema central fosse a inclusão de pessoa com deficiência.

Dentre os estudos encontrados no processo de realização do levantamento das pesquisas, destacamos o estudo de Menk (2007) que busca “compreender à luz da Sócio-Antropologia do Cotidiano, proposta por Michel Maffesoli, o universo cotidiano destas mães, através de suas representações simbólicas, construídas frente à vida”. Mesmo que escrita com outras palavras, a ideia da autora tem algumas ligações com o nosso objetivo proposto, em que pretendemos compreender, por meio das narrativas maternas, os desafios encontrados no processo de inclusão educacional de crianças com autismo, partindo da importância da participação das mães nesse processo. No percurso metodológico, encontramos outros pontos de aproximação com nossa proposta de estudo, como a pesquisa na abordagem qualitativa e as entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente como técnica para coleta de dados, como também a análise e interpretação das entrevistas.

Outro estudo que destacamos em nosso levantamento refere-se a pesquisa de Teixeira (2014) e traz como objetivo geral “conhecer a forma como as mães de crianças com autismo percebem o desenvolvimento da criança nos aspectos de interação, comunicação, comportamento e educação e o que esperam desse processo”. A autora fala de suas motivações para a realização da pesquisa, a qual ressalta que surgiu a partir de uma prática relacionada à sua profissão como psicóloga, desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

(APAE), de Campinas, por meio do contato com mães de crianças com autismo e os seus relatos de expectativas quanto ao futuro dos filhos.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, a dissertação de Teixeira (2014) elegeu um pequeno grupo com cinco mães de crianças com autismo, que frequentavam um grupo de acompanhamento do desenvolvimento infantil de reabilitação na Unicamp. Nesse ponto, a autora fala sobre a relação de vínculo entre pesquisadora e mães, decorrente dos encontros para as entrevistas. Segundo Teixeira (2014, p. 81), “algumas mães mostraram-se à vontade para falar de forma livre, espontaneamente, no primeiro encontro, o que revelou uma necessidade de se sentirem ouvidas”. Corroborando com a autora, enfatizamos a importância de dar voz a essas mães que há muito tempo foram silenciadas, dar oportunidade a essas mulheres que vivem momentos angustiantes no processo de diagnósticos de seus filhos com TEA e que precisam compartilhar suas dores com alguém.

Como metodologia da pesquisa, Teixeira (2014) fez uso da abordagem qualitativa e de um estudo de caso transversal com técnicas de análise de conteúdo e, para a obtenção dos dados, uma entrevista semiestruturada individual com as mães, gravando as entrevistas em aparelhos de MP3, depois fazendo a transcrição e divisão por categorias da seguinte forma: Dinâmica familiar; Sentimentos maternos; e Percepções e expectativas maternas. Todo esse processo foi de fundamental importância para os resultados encontrados na pesquisa.

Outro estudo que nos leva a uma reflexão sobre a relação das mães com seus filhos diagnósticos com TEA, e entra em destaque dentro de nosso levantamento de pesquisas, é de Coutinho (2017), apresentado na Universidade Católica de Salvador (UCSAL). A pesquisa de Coutinho (2017) apresenta alguns aspectos de proximidades e outros de distanciamento em relação ao nosso estudo. Analisando, por exemplo, seu objetivo geral de estudo, podemos perceber certa divergência com o nosso objetivo, que tenta trazer à tona os desafios encontrados e as possíveis superações no processo de inclusão educacional de crianças com autismo a partir das narrativas maternas. Já o objetivo da autora pretende elucidar como/qual é a dinâmica do cuidado entre mães-cuidadoras, analisando os processos convergentes e divergentes de cuidado, após a Política Nacional de Inclusão da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007). Em relação aos sujeitos investigados nesse processo, notamos a aproximação com a proposta de nosso estudo. A pesquisa de Coutinho (2017) propõe um estudo com cinco mães-cuidadoras de estudantes com autismo, o que se assemelha com nosso sujeito que também são mães de crianças que frequentam escolas e são diagnosticadas com autismo.

Em relação à metodologia utilizada na pesquisa de Coutinho (2017), existem pontos de proximidades com nosso estudo: a utilização das entrevistas semiestruturadas e a abordagem

qualitativa. O que devemos nos atentar é em relação ao sentido atribuído às narrativas utilizadas pela autora. Na pesquisa intitulada *Narrativas maternas: experiências de superação de desafios no processo de inclusão educacional de filhos com autismo*, as narrativas estão relacionadas à valorização da voz dos sujeitos que, por muito tempo, foram silenciados das experiências do cotidiano materno. O estudo de Coutinho (2017), por sua vez, utiliza a definição de narrativas do autor Lima *et al* (2015), a qual afirma que a narrativa utilizada na pesquisa “é extrair lições que valham como conhecimentos produzidos a posteriori, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada” e complementa afirmando que esse tipo de narrativa não pode ser confundida com a (auto)biográfica que faz brotar do sujeito as experiências vividas.

Em visita ao site do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN), selecionamos oito pesquisas para fazer parte de nosso levantamento, dentre elas o estudo de Lins (2014), *Trilha do Redimensionamento da Formação Docente à Inclusão do Aluno Com Surdez na UERN: (Auto)biografia da Educadora Apoena*, a qual traz como objetivo analisar a trajetória da educadora Apoena e o seu redimensionamento para a inclusão de aluno com surdez, de modo que viabilizasse a sua permanência e conclusão da graduação do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A pesquisa trouxe grandes contribuições para a Educadora Apoena, como também para a comunidade surda que ganha esse novo olhar, permitindo o acesso a uma educação inclusiva.

Outro estudo em destaque é a pesquisa de Costa (2014), intitulada *Relação Pedagógica Professor, Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Aluno Surdo do Curso de Pedagogia da UERN*. Investigou as relações construídas entre o professor, intérprete de LIBRAS e o aluno surdo no curso de pedagogia da UERN. A pesquisa realizada com uma professora do curso de Pedagogia do Campus Central da UERN, uma intérprete de LIBRAS e um discente surdo egresso do curso, contribuiu para o ingresso e permanência dos alunos surdos no ensino superior e um novo olhar sobre o trabalho do intérprete dos alunos em todos os níveis de ensino.

Já os estudos de Viana Neto (2015), com o estudo intitulado *Práticas de Formação e Inclusão de Alunas Surdas: Narrativas de Experiências de Professores da Escola Municipal Jonas Gurgel-Caraúbas/RN*, objetiva analisar as práticas de formação de professores de alunas surdas na Escola Municipal Jonas Gurgel com vista ao processo de inclusão. A pesquisa foi feita com duas professoras de uma escola de Caraúbas/RN, e traz em suas contribuições sugestões e apontamentos de reflexões acerca dos êxitos e carências identificadas na prática de formação dos professores do município de Caraúbas/RN, visando uma melhor preparação para esses sujeitos.

Destacamos a dissertação de Gurgel (2015), com o título *Práticas Pedagógicas: Narrativas de Experiências de Professores de Aluno Com Deficiência Visual da Escola Municipal Rural Antonia Eurlí de Brito de Janduís/RN*, realizada com duas docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, traz em seu objetivo geral identificar de que forma as práticas desenvolvidas pelos professores da Escola Municipal Rural Antonia Eurlí de Brito podem contribuir para o processo de inclusão de um aluno com deficiência visual. O autor enfatiza, em seu estudo, a necessidade de se repensar o papel do professor frente à educação inclusiva, na perspectiva da mudança de suas metodologias para atender alunos com deficiências visuais.

Ainda nesse viés, selecionamos o estudo de Carvalho (2015), em sua pesquisa *Contribuições do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e de Atendimento ao Surdo (CAS) Junto às Escolas Públicas de Mossoró – RN*, realizada com professores do CAS, objetiva refletir sobre a proposta educacional do CAS e suas contribuições para o atendimento ao surdo junto às escolas públicas de Mossoró/RN. A autora ressalta que, diante dos resultados de sua pesquisa, é possível pensar em educação inclusiva, e ressalta também do quanto os profissionais da instituição pesquisada eram comprometidos com os alunos.

Outro estudo selecionado que traz em seu mote a inclusão e o método (auto)biográfico refere-se à pesquisa de Costa (2017), *Narrativas da inclusão de um aluno autista: as crianças e seus modos de fazer inclusivos no contexto escolar*, na qual busca compreender como os modos de fazer das crianças podem incluir um aluno com autismo em uma escola da cidade de Mossoró/RN com base em suas narrativas. Em seus resultados, o autor destaca que os modos de fazer das crianças apontam possíveis caminhos para uma cultura inclusiva. De todas as pesquisas analisadas, essa foi a que mais se aproximou de nosso estudo, pois traz como tema a inclusão de crianças com autismo, distanciando-se quando se refere aos sujeitos da pesquisa, uma vez que se tratam de quatro crianças, colegas de turma de “Vida”, um aluno diagnosticado com TEA.

Freitas (2018), em sua pesquisa *Sujeitos em (auto)formação: experiência pedagógica de docente na inclusão de discente com baixa visão no ensino superior*, traz narrativas de uma docente e de um discente do Curso de Direito da Universidade do Estado do Rio Grande Norte (UERN), e objetiva analisar as práticas docentes para a inclusão de alunos com baixa visão no ensino superior. O autor finaliza o estudo dizendo que é preciso ir além e enxergar no outro a possibilidade de transformação e de aprendizagem.

Finalizamos o nosso levantamento com a pesquisa de Amaro (2018), intitulada *O Programa Libras nas escolas: (auto)biografia, escrita de si e do outro em espaços formativos*, realizada com alunos surdos e professores de uma escola de Mossoró/RN, que traz como

objetivo analisar as contribuições do Programa Libras nas Escolas para os processos de aprendizagem inclusiva. A autora enfatiza que, durante o processo de pesquisa, foi possível constatar que o aluno surdo aprende com os outros alunos ouvintes e com os professores e, em alguns momentos, esses também foram professores daquele.

Observamos que todas as pesquisas encontradas trazem como tema principal: a educação inclusiva por meio das narrativas (auto)biográficas dos sujeitos envolvidos. Podemos perceber também que a nossa pesquisa irá somar com as demais no seguimento das discussões sobre a educação inclusiva. Enfatizamos ainda a relevância do nosso trabalho para o Programa, pois percebemos a singularidade quando pretendemos trazer as narrativas de mães sobre o processo de inclusão de seus filhos, apresentando os desafios e as experiências de superação ao longo desse percurso. Podemos notar que nenhuma das pesquisas realizadas traz a perspectiva do cotidiano, das experiências do dia a dia de mães de crianças com TEA.

As discussões acerca da maternidade e do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma temática bastante pertinente, pois evidenciamos algumas pesquisas que visam contemplar alguns aspectos desses dois temas, buscando apresentar todo o processo de aceitação, a responsabilidade das mães na vida estudantil de seus filhos com autismo e o olhar materno sobre a importância de uma participação ativa na vida dessas crianças para um melhor desenvolvimento.

Assim, constatamos que há alguns pesquisadores que vêm tentando priorizar suas discussões sobre o cotidiano de mães de crianças com autismo, tratando-as como protagonistas, dando voz e vez a esses sujeitos, que, muitas vezes, sentem a necessidade do rompimento do silêncio. Em relação aos estudos com foco na educação inclusiva, por meio das narrativas (auto)biográficas, percebemos que a cada ano aumenta o número de pesquisas no Programa de Pós-graduação em Educação da UERN, o que contribui com as discussões já finalizadas. Cada pesquisador com um objetivo diferente e com sujeitos de pesquisa diferentes, mas que caminham lado a lado na luta pela efetivação da inclusão.

A relevância social de nosso estudo justifica-se pela visibilidade para além dos muros da escola. A sensibilidade de conhecer a realidade de mães de crianças com autismo, evidenciando os momentos de angústias e de conquistas no processo de inclusão educacional de seus filhos. Bem como a importância da exposição dessas experiências para que outras mães possam ter acesso e se espelhem nas histórias de vida dessas mulheres de luta, que romperam com todas as barreiras na busca pela inclusão de seus filhos. A relevância científica evidencia-se pela singularidade de nossos sujeitos participantes da pesquisa, sendo a primeira dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) a enfatizar as histórias de vida de

mulheres mães de criança com autismo, trazendo narrativas do seu cotidiano e experiências no ambiente escolar. Os resultados fortalecem as discussões sobre a inclusão escolar de criança com autismo, bem como evidencia a importância da participação da família, representada pela mãe, na busca pela efetivação das políticas de inclusão.

A pesquisa está estruturada em três capítulos, da seguinte forma: no primeiro capítulo, *As memórias de um jovem sonhador: narrativas de experiências no percurso de formação*, serão apresentadas minhas narrativas (auto)biográficas, com foco nos momentos importantes que constituíram meu processo de formação pessoal e profissional. Narrar momentos de minha infância, meu primeiro contato com a escola e o incentivo do Projeto da Visão Mundial no meu processo de formação como sujeito, bem como a história de luta da minha mãe, Francisca Maria, tornando-se meu espelho de um sujeito digno e persistente em busca dos seus sonhos. Apresentamos também meu processo de escolha da profissão, a difícil missão de decidir, tão jovem, minha área de atuação. Além de toda a narrativa desse percurso de formação acadêmica, o encontro com o método (auto)biográfico e com o objeto de estudo que originou esta pesquisa.

No segundo capítulo, *“Uma viagem inesperada”: ser mãe de criança com autismo, assumindo a missão especial*, apresentaremos, através das narrativas maternas, todo o percurso de como se constituir mãe, da missão especial de ter uma criança com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, mostraremos o processo do diagnóstico, a aceitação e o rompimento do luto enfrentado no momento da descoberta, a responsabilidade posta a essas mães de cuidar e educar as crianças, bem como as barreiras encontradas diante do processo de inclusão educacional de seus filhos na escola. Nesse capítulo, entraremos em algumas discussões teóricas para fundamentação da pesquisa por meio das reflexões de Ariés (1986), com o objetivo de fazer uma contextualização acerca da figura materna, como era vista a mãe, antigamente, e as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo.

O terceiro capítulo, *Narrativas cotidianas de mães na luta pela inclusão de seus filhos com autismo*, apresentaremos as narrativas do cotidiano de mães de crianças com autismo, com ênfase nas táticas utilizadas pelas mães para a superação de barreiras encontradas ao longo do processo de inclusão educacional de seus filhos. Essa seção abordará, por meio das narrativas (auto)biográficas, o olhar materno sobre a legislação, o conhecimento dos direitos de seus filhos e as leis que amparam o direito à inclusão escolar de crianças diagnosticadas com autismo. Além disso, apresentará discussões sobre a relação entre a mãe e a escola na luta pela inclusão, a importância da parceria harmônica entre ambos. As mães de crianças com autismo encontram diante de si um longo caminho de obstáculos na educação de seus filhos, e a participação ativa neste processo determinará o avanço educacional dessas crianças. Ainda nesse capítulo,

traremos as narrativas de experiências de superação no processo de inclusão das crianças, em que as mães irão narrar momentos de êxito no caminhada pela inclusão.

CAPÍTULO 1: AS MEMÓRIAS DE UM JOVEM SONHADOR: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS NO PERCURSO DE FORMAÇÃO

[...] para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades. (JOSSO, 2004, p. 47)

A autora nos leva a refletir sobre o sentido particular de cada experiência vivida em nosso percurso formativo, as aprendizagens adquiridas por meio de nossas atitudes, comportamentos e o nosso saber-fazer no dia a dia, bem como as contribuições das vivências na construção da nossa identidade. Falar de “experiências formadoras” nos recorda dos desafios que enfrentamos. Nós aprendemos muito com as experiências, todas elas vêm a somar e acrescentam em nosso percurso de (auto)formação.

Este capítulo tem como objetivo o registro de minhas narrativas (auto)biográficas, o início da infância, em seguida, apresento narrativas de meu processo de formação como sujeito, formação acadêmica e o envolvimento e a aproximação com a temática sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o método (auto)biográfico. Revelo também momentos importantes no meu percurso de formação pessoal e profissional.

Início com a apresentação dos momentos de minha infância vividos com simplicidade no Sítio Boa Sorte, zona rural do município de Baraúna/RN, recordo memórias de uma criança feliz, que mesmo em meio às dificuldades não se deixou abater ou desviar-se do caminho certo. Exponho meu primeiro contato com a escola ainda na Educação Infantil, em seguida, minha formação nos anos iniciais, em uma sala multisseriada, até as dificuldades encontradas no Ensino Fundamental Anos Finais, devido à locomoção do sítio para cidade em um ônibus escolar. As brincadeiras de garotos do sítio, sem nenhum risco, onde a única preocupação era o joelho ralado. A importância de minha família e do Projeto da Visão Mundial para meu processo de formação como sujeito e a transição do sítio para a cidade de Baraúna/RN, apresento as experiências da mudança de vida importantes na minha formação humana e estudantil. Evidencio meu processo de formação como sujeito, espelhado na figura materna de minha mãe, mulher persistente, a qual com sua trajetória de luta me ensinou valores e princípios éticos para viver honestamente e batalhar pelos meus sonhos. Relato narrativas da vida de minha mãe, desde sua infância até os dias atuais, evidenciando os momentos difíceis de sua vida, percebendo as táticas utilizadas para se sobressair dos problemas.

Apresento narrativas do meu momento de escolha da profissão, assim como experiências vividas no meu processo de formação acadêmica, desde o ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no ano de 2013. Nesse percurso, passeio pelas experiências contribuintes para minha formação profissional e explico as contribuições das disciplinas da matriz curricular, bem como os momentos de encontro com o método (auto)biográfico, o qual aconteceu na minha participação como ouvinte do I Encontro Regional de Narrativas (Auto)biográficas (ERNAB), intitulado *Povos do Mar: memória, formação e história oral*, realizado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Esse contato deixou-me bastante curioso a respeito do uso do método nas pesquisas acadêmicas e me instigou a aprofundar os estudos acerca da temática. A experiência como professor/estagiário oportunizou-me a paixão pela educação inclusiva e pelos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista e o encontro com o objeto de pesquisa, que me inquietou a investigar esse tema.

1.1 “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”: memórias de uma infância vivida na zona rural

A vida na zona rural não é uma realidade fácil. Marcada pelas lutas em busca de dias melhores, o cotidiano das comunidades rurais é caracterizado pelo duro trabalho dos moradores residentes nessas localidades. O principal meio de sobrevivência é a agricultura, seja ela para o próprio sustento ou para projetos de irrigação. Como nos diz a expressão popular, “acordar com os galos”, é uma constante realidade vivida por homens e mulheres do campo, que começa na infância, pois uma característica da vida no campo é de se principiar o trabalho muito cedo para ajudar aos pais no sustento de casa.

São inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos moradores do meio rural, e a falta de investimentos do poder público nessas regiões impossibilita aos sítiantes terem uma vida melhor. Faltam escolas para estudar, dificuldades de deslocamento devido às péssimas condições das estradas carroçais, faltam empregos e também qualidade nos serviços de saúde. Esses e outros obstáculos são encontrados na realidade das comunidades rurais, e colocam as famílias dessas localidades em situações de vulnerabilidade.

Por outro lado, a infância na zona rural tem seus privilégios. Viver mais próximo à natureza, o contato com os animais, as amizades construídas nas brincadeiras livres no terreiro de casa, correr sem medo de ser atropelado por carros, andar a cavalo, andar de bicicleta e ser amparado pelo solo ao cair. Não tem sensação melhor, como tomar o banho de chuva, entrar

nas enormes poças d'água formadas nas estradas, nas brincadeiras de faz de conta, a árvore vira uma casa, o talo da carnaúba um cavalinho e a rede uma gangorra.

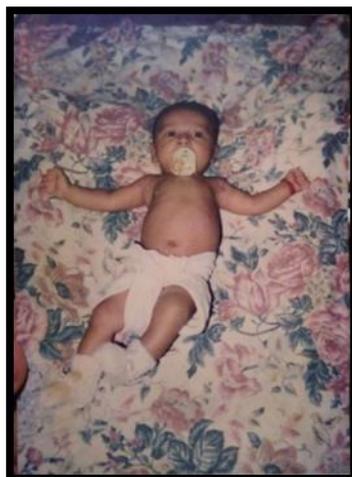
Sou filho de José Batista Silva Galvão (Dedé), agricultor, nascido e criado na comunidade rural Sítio Boa Sorte, no município de Baraúna/RN, o qual começou o trabalho na roça ainda na infância ao lado de seus pais, Geraldo Batista Galvão e Maria Júlia da Silva, e também seus seis irmãos. Analfabeto, devido à falta de oportunidade, não conseguiu estudar, pois antes eram inúmeras as dificuldades para se chegar à escola. Não se tinha muita opção, necessitava trabalhar, pois precisava ajudar o pai no roçado para trazer o alimento a ser consumido em casa.

As comunidades em zonas rurais são caracterizadas pelo pequeno número de habitantes, com isso, todos se conhecem e acabam criando laços de amizade entre as famílias. Nas tradicionais desbulhas de feijão, meu pai conheceu minha mãe, Francisca Maria da Silva (Dinha), filha de João Jose da Silva (*in memoriam*) e Maria Rosa da Silva (*in memoriam*), também agricultores, tinham a roça como principal fonte de renda para o sustento. Diferente do meu pai, a minha mãe teve acesso à escola da 1ª a 4ª série, depois desse ciclo teve seu sonho de estudar interrompido, pois, na época, para dá continuidade aos estudos, teria que ir morar em Mossoró/RN, porém meus avós não lhe permitiram viver esse momento de formação.

Os namoros daquela época eram cheios de restrições, com isso, os jovens acabavam fugindo de casa para viverem seu grande amor. No auge da juventude, essa foi a decisão de meus pais, e, certa noite, aproveitaram a distração dos meus avós e resolveram fugir para morarem juntos em uma casa mais distante. Planejaram tudo com cautela para não dá errado. Enquanto meus avós paternos dormiam, meu pai pegou a bicicleta, foi até a casa de minha mãe, que já estava à espera do seu assovio, sinal combinado para poder sair de casa. Minha mãe conta que para sair teve que se rastejar por baixo da rede dos meus avós sem acordá-los. Inúmeras foram as dificuldades enfrentadas, era um casal jovem, minha mãe com apenas dezessete anos e meu pai com vinte e dois, sem nenhuma experiência e fonte de renda, passariam a ter responsabilidades de assumir uma casa.

No ano de 1995, após um ano de casados, nasceu o primeiro filho do casal, José Francinilton da Silva. Nasci no dia 22 de julho de 1995, na cidade de Mossoró/RN, que era o local mais próximo para realização do parto. Na época, as mulheres grávidas estando próximas do momento de dar à luz, tinham a obrigação de ir para uma comunidade mais próxima à cidade de Mossoró-RN, chamada Jucurí. Três dias após meu nascimento, fui levado para casa, na comunidade de Boa Sorte, onde cresci e vivi momentos importantes e desafiadores em minha vida.

Foto 01: Francinilton com dois meses de nascido



Fonte: Acervo do autor (1995)

Nessa foto, eu estava com dois meses de nascido. Percebemos a vida simples na época, meus pais não tinham condições de comprar fraldas melhores, como também não tinha berço, e sim uma rede. Na fotografia, estou deitado no chão protegido por um lençol. Diante das dificuldades financeiras, meus pais passavam a maior parte do tempo na casa dos meus avós maternos, os quais dividiam o pouco para não verem a filha, o genro e o neto passarem necessidade. Minha avó Maria Rosa, conhecida como Mãe Neném, cuidava de mim com todo amor e carinho, e isso fez com que eu me apegasse tanto a minha avó que não queria mais ficar com meus pais, embora morassem perto. Minha mãe relata que, às vezes, quando resolvia ficar em casa, eu passava o dia inteiro doente e chorava com saudades de minha avó. Nesse período, fui morar com meus avós maternos, mas mantive o contato com meus pais, afinal, as casas ficavam perto uma da outra.

Logo em meus primeiros anos de vida, minha família começou a observar o aparecimento de manchas pretas em partes do meu corpo. De início, acharam ser algo normal, mas com o passar do tempo, a quantidade de manchas se espalhou por todo o corpo. Ir ao médico na época era uma enorme dificuldade, mesmo morando em uma comunidade no município de Baraúna/RN, tudo só se resolvia em Mossoró/RN. Mesmo sem condições financeiras, tiveram todo esforço para poder realizar minhas consultas. A minha mãe relata os momentos difíceis, pois nenhum médico conseguia diagnosticar o meu problema, a cada consulta era um exame diferente, um encaminhamento para outro médico e, assim, o aumento de gastos. O único meio de transporte era no “misto de Raimundinho”, que tinha esse nome porque era a mistura de um ônibus com pau de arara. Na frente dele, tinha uma boleia dupla

para passageiros, seguida da carroceria para as cargas. O “misto” saía de Limoeiro do Norte/CE com destino à Mossoró/RN. Como a comunidade fazia ligação entre os dois Estados, os moradores utilizavam esse carro para chegar à cidade. Segundo minha mãe, saíamos pela madrugada de casa para chegar cedo à cidade. Nós ficávamos esperando atendimento, e em alguns desses dias ela só levava o dinheiro contado do exame e das passagens, e ela passava a manhã sem comer.

Tive uma infância embalada pela simplicidade, residia em uma casa de taipa, localizada às margens da BR-437, na comunidade rural Sítio Boa Sorte, município de Baraúna/RN. O lugar era caracterizado pelo pouco número de habitantes, tinha cerca de quarenta famílias, todas de vida simples, algumas viviam em moradias melhores, como os donos de pequenos comércios, que tinham uma condição de vida melhor comparada aos demais. As dificuldades faziam-se presentes em nossa realidade, passamos por momentos difíceis.

Meu avô, seu João Domingo (*in memoriam*), como era conhecido na comunidade, foi muito afamado pela sua generosidade e honestidade, trabalhava todos os dias na roça e como lenhador, carregando caminhões de lenha para viajantes. Não media esforços para adquirir o sustento para nossa família, e ainda com tão pouco, conseguia ajudar ao próximo. Foi um homem íntegro, que ensinou a seus filhos e netos os valores da vida, a importância do trabalho para manter a dignidade, sem nunca querer pisar em ninguém ou pegar algo de outras pessoas.

A minha família era bastante querida na comunidade, nossa casa vivia cheia de pessoas, eram os vizinhos ou mesmo convidados de fora, se sentiam bem em estar na nossa residência, graças à receptividade e hospitalidade oferecida pelos meus avós. Lembro-me de tudo com muita alegria, as noites da cantoria no terreiro da nossa casa, ao som do violão, pandeiro e triângulo, e eu junto com meus primos dançando no meio da roda, como dizia meu avô: “os piolhos de forró²”. Lembro-me também das missas, dos cultos, e com alegria havia espaço para tudo no nosso querido terreiro.

Quando completei três anos, nasceu meu irmão Francielio, para mim foi uma alegria muito grande, pois iria ter um companheiro para minhas brincadeiras e não iria mais ficar sozinho em casa. Passou-se o tempo e, a cada dia, tinha mais prazer em brincar com meu irmão, embora não tivéssemos condições para ter os melhores brinquedos, improvisávamos com materiais recicláveis, até a lata do leite se transformava em algo útil em nossa imaginação. Nosso tio nos presenteava com carrinhos feitos de madeira ou aquelas latas de óleo antigas. A

² Expressão usada pelo meu avô quando se referia às crianças, em específico aos netos que gostavam de dançar forró. Devido à nossa estatura, ele nos comparava a um piolho.

nossa mãe não tinha dinheiro para comprar brinquedos em lojas. Possuímos um carrinho de plástico uma única vez, quando uma madrinha da minha mãe trouxe uns brinquedos já usados pelos seus netos e reutilizamos em nossas brincadeiras.

Por ter uma criação acompanhada pelos meus avós e meus pais, tive uma vida bem disciplinada, a educação foi prioridade. Aos quatro anos de idade, ingressei como aluno na Creche Francisco Silveiro, por se tratar de uma comunidade pequena, a sala tinha várias crianças com idades diferentes, que iam até os seis anos, pois não existia a divisão por níveis. Mesmo não possuindo um nível escolar alto, meus avós e meus pais me instigavam a me esforçar na escola. Como minha mãe estudou até a 4ª série, conseguia me acompanhar nas atividades de casa, isso contribuiu muito no meu processo de formação e desenvolvimento.

No ano de 2001, aos seis anos de idade, inicia-se uma nova trajetória em minha vida estudantil, ingressei no Ensino Fundamental Anos Iniciais, na mesma escola, pois a instituição só disponibilizava de duas salas de aula, uma para creche e outra para o ensino multisseriado de 1ª a 4ª série. Meu professor, Francisco Carlos, dedicado, dividia os dois quadros ao meio para atender todos os alunos, e assim passava as atividades de acordo com cada nível de ensino. Durante esse processo, esforcei-me muito para aprender a ler e escrever. Lembro-me bem: estudava no turno matutino e no turno vespertino voltava à escola para um reforço de leitura com Francisca das Chagas, Tia Caxíca, que voluntariamente disponibilizava seu tempo para ajudar as crianças da comunidade no processo de desenvolvimento da leitura e escrita.

Minhas tardes eram embaladas pelas leituras de histórias infantis, como Pinóquio, A Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos. Tramas que me levavam ao mundo da fantasia e, assim, meu gosto pela leitura ia aflorando a cada livrinho terminado. Além desse apoio, tinha o grande incentivo da família, pois eles acreditavam muito na educação, e falavam sobre a importância dos estudos em nossa vida, pois era a única herança deixada para nós.

Ir à escola para mim não era uma obrigação, era uma satisfação, pois ler, escrever e ainda brincar com os coleguinhas era um momento prazeroso e fantástico. Nossa escola não possuía uma boa estrutura, ainda lembro que bebíamos água em um filtro de barro, nosso único espaço para brincadeira era o campo de futebol localizado ao lado, e no fundo da escola tinha um “pé de goiaba”, o qual usávamos para nos divertir. Destacava-me graças ao zelo e capricho nas atividades, também pelo bom comportamento, respeitando o professor e os colegas, pois tinha meu professor como exemplo, e respeito e gratidão por me proporcionar grandes aprendizagens.

Relembrar momentos da minha infância é um processo emocionante, com algumas lembranças, meu rosto banha-se em lágrimas, pois vivi momentos marcantes ao lado de minha família, com dificuldades e, ao mesmo tempo, histórias de lutas e superação. Recordo-me com alegria do campo de futebol improvisado no terreiro de casa, no qual brincava com meninos e meninas de minha idade. Nossa única preocupação era os ferimentos adquiridos, resultado de nossas brincadeiras de crianças. Nessa época, não tinha televisão em minha casa, e o passatempo era brincar com meu irmão e alguns amigos, caçar passarinho na mata, brincar com a baladeira e subir nas árvores para comer cajarana ou seriguela.

As narrativas (auto)biográficas têm um propósito fundamental nesta pesquisa: dar vez e voz à pessoa-sujeito da investigação (eu), oportunizando-me a aprender, crescer e desenvolver a partir de minhas experiências pessoais, profissionais e formativas. Enfim, a partir de um “processo de caminhar para si”, caracterizando-se:

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p. 5).

Vale ressaltar que esse processo busca trazer à tona um passado vivido na intenção de compreender e aprender com as vivências, as memórias, as experiências e os momentos, sejam eles bons ou ruins. Exteriorizar sobre si permite ao sujeito compreender a aprendizagem, evidenciando pareceres de sua própria identidade. Entretanto, essa identidade “não é uma individualidade sem ancoragens coletivas (familiar, de pertencas a grupos diversos com os quais todos e cada um tem uma história)” (JOSSO, 2010, p. 81).

Nessa (re)construção de si, o sujeito torna-se autor de sua própria história. Por consequência, conhecer a si mesmo lhe proporciona compreender melhor como ele se formou por meio desse conjunto de experiências. Ademais, esse reconhecimento de si o impulsiona a encarar o seu itinerário de vida com base em uma auto-orientação possível.

Em 2004, já na idade de oito para nove anos, comecei a participar de um projeto desenvolvido pela Visão Mundial³, por meio do Programa de Desenvolvimento de Área Jucuri-PDA Jucuri/RN, os monitores atuavam na cidade e nas comunidades rurais, agindo em áreas

³ A Visão Mundial é uma organização cristã de desenvolvimento e resposta às situações de emergência. Está no Brasil desde 1975 atuando através de programas e projetos nas áreas de proteção, educação, advocacy e emergência, priorizando crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidades diversas.

vulneráveis, e junto às escolas desenvolviam inúmeras atividades e buscavam contribuir com a formação de crianças e adolescentes dessas comunidades. Atividades de capoeira, dança, teatro e música proporcionavam aprendizados e diversão para crianças de zona rural e periferia. Além disso, o projeto contribuiu muito para meu processo de formação, a oportunidade de conviver com outras pessoas, conhecer novas culturas através das apresentações teatrais e as viagens realizadas pelo Programa de Desenvolvimento de Área.

O projeto da Visão Mundial tinha uma ligação com pessoas do Canadá, que destinavam verbas para manter o projeto ativo, além de manter contato com as crianças participantes por meio de cartas e fotos. O PDA realizou uma Amostra Cultural sobre o Canadá, isso nos oportunizou conhecer o país de maneira geral sobre a cultura canadense, aspectos políticos e geográficos, levando-nos a uma verdadeira viagem ao país.

O Programa me proporcionou um vasto conhecimento em diversas áreas. Nas oficinas de teatro realizadas na comunidade de Jucuri, município de Mossoró-RN, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas de diferentes realidades, e suas histórias de vida me despertavam o desejo de evoluir através dos estudos e não me deixar levar para outros caminhos. Ouvir relatos de jovens, antes envolvidos com drogas e que, através das atividades do PDA, puderam ocupar seus momentos livres com algo interessante, e lhes possibilitavam um novo olhar sobre o caminho a seguir, fazia-me ver as possibilidades de um futuro melhor.

Em junho de 2003, recebemos a notícia da gravidez de minha mãe. Mesmo meu pai trabalhando em uma empresa de carteira assinada, a situação financeira não era das melhores. Na época, meus pais resolveram ir morar com meus avós maternos. Passamos por momentos de aperto, pois era necessário comprar as coisas do bebê. Mesmo diante às dificuldades, não poderíamos deixar de expressar a alegria com a chegada de mais uma criança. Para nossa surpresa, minha mãe resolveu fazer o exame de ultrassonografia e descobriu o sexo, era uma menina, ficamos muito felizes ao saber da novidade, nosso sonho era ter uma irmã. Em março de 2004, nasceu Eduarda, minha irmã mais nova, “meu xodó”.

No ano de 2005, comecei minha trajetória no Ensino Fundamental Anos Finais. A escola rural não supria mais a necessidade, e tinha que me deslocar todos os dias até a cidade de Baraúna/RN para estudar na Escola Municipal Manoel de Barros. De início, foi muito desafiador, pois tinha apenas nove anos de idade e era bem pequeno comparado aos demais alunos. Tudo era muito novo, todos os dias, ao meio dia, o ônibus passava com destino a cidade, retornando às 17h. Foram momentos desafiadores, além da cansativa viagem de 27 km, as péssimas condições para nossa locomoção, o ônibus velho quebrava em meio ao mato, sem nada por perto. A época do inverno era o período mais difícil, pois a estrada ficava com vários acúmulos de água e formava.

muita lama, quase todo dia o ônibus ficava preso na lama, tive dia de chegar em minha casa muito tarde da noite, ficando exposto ao perigo e à fome, no meio do nada e no escuro.

Nesse período aconteceram fatos influenciadores da minha formação educacional, pessoal e espiritual. Minha família, mesmo participando dos cultos evangélicos, denominava-se católica, pois participávamos mais de missas e das novenas de São José, portanto, seguíamos o catolicismo com mais frequência. No ano de 2006, decidi participar da igreja evangélica, por influência de minha prima, a qual me levava para a escola bíblica e o culto. Foi desafiador, pois como eu fazia parte de uma religião, tinha a necessidade de mudar alguns hábitos para seguir a doutrina. A minha família me respeitou e, a todo tempo, apoiou-me a seguir minha escolha. Na igreja, passei por várias experiências, como louvar e participar do grupo de crianças, era bem atuante nos cultos.

Em 2007, um fato marcante em minha trajetória estudantil foi ser escolhido como um dos alunos padrões na escola. Os professores votavam e escolhiam os cinco melhores alunos de cada turma a partir dos critérios: melhores notas, comportamento e disciplina com as atividades propostas. Com a escolha, ganhei um curso de informática. Esse acontecimento ratificou que estava no caminho certo, e todo esforço estava valendo a pena. O curso de informática era algo grandioso em minha vida, e não podia perder a oportunidade de fazê-lo, as aulas eram no turno matutino e não tinha transporte escolar para a cidade nesse horário. Então, para conseguir participar do curso, nos dias de aula, acordava às quatro horas para pegar um pau de arara, saía da comunidade para a cidade com passageiros, e só retornava para casa depois do final da aula no turno vespertino, ficava abrigado na casa de conhecidos de minha mãe.

No ano de 2008, concluí o Ensino Fundamental Anos Finais, e com o fechamento desse ciclo, minha vida passou por enormes mudanças. Nesse mesmo ano, aconteceu o processo de separação de meus pais, e isso me abalou emocionalmente, pois acreditava em uma mudança na nossa vida, porquanto ia ficar ainda mais difícil sem ajuda financeira dele. Outro fato marcante no ano de 2008, foi a realização do sonho de possuir meu primeiro aparelho celular, na época com doze anos de idade, meus colegas quase todos tinham celular, e eu pedia um para a minha mãe. Diferente dos aparelhos de alguns amigos, de situação financeira mais favorável, meu celular era daqueles bem mais antigos, só o utilizava para jogar, no sítio não tinha sinal de nenhuma operadora. Para fazer ligação, era preciso subir em uma árvore ou na janela do quarto. Em 2009, iniciei o Ensino Médio na Escola Estadual João de Abreu, mais um ciclo de minha trajetória estudantil se iniciava, e com ele, a oportunidade de vivenciar novas aprendizagens e experiências no meu processo de (auto)formação.

Cursando o primeiro ano do Ensino Médio, senti a necessidade de buscar outras formações e comecei a fazer um curso de informática avançado no Instituto de Ensino Profissionalizante (IEP), com o intuito de me preparar para futuras oportunidades de trabalho. As aulas eram duas vezes na semana, e para não perder tinha que dormir em Baraúna/RN, na casa de meu padrinho. Esse processo tornou-se bem doloroso para mim, pois não tinha o costume de dormir fora de casa, e relatava para minha mãe o quanto seria proveitoso para nós irmos morar na cidade. Em dezembro de 2009, minha família decidiu se mudar, e mesmo sabendo do quanto seria benéfico para o meu processo de formação, caracterizo essa mudança como um momento de transformação. No coração, o desejo de evoluir, de seguir meu caminho na busca por dias melhores; na mala, as lembranças de minha infância vivida na zona rural, dos amigos, da minha pertença com o lugar onde vivi momentos bons e ruins.

Essa mudança de lugar colocou-me em momentos de conflitos, pois mesmo já tendo o contato com a cidade, minha vida mudaria, seriam novos hábitos, novos amigos, e comigo trazia muitos medos e incertezas, se realmente iria dar certo. Logo nos primeiros dias, no processo de adaptação com a nova casa e os novos vizinhos, em alguns momentos cheguei a me sentir como um peixe fora d'água, pois era tudo muito novo. Para meus avós, foi um processo de mais resistência, de não aceitação com o novo lugar de morada. Quando falo sobre esse sentimento de pertença com a comunidade onde vivíamos, refiro-me a ideia do nosso lugar de origem, onde passamos grande parte de nossa vida, faz parte de nós, de nossa formação enquanto sujeitos no mundo. A ideia desse sentimento de pertença é citada por Koury (2001), quando o autor destaca que “esse sentimento de pertença como fundamento de si a partir de um lugar, de uma língua parece ser então elemento primordial para o embate de si consigo e para o estabelecimento das relações com o mundo”. Desse ponto de vista, podemos ver a pertença como algo singular do sujeito, a maneira como ele enxerga o mundo a partir do seu local de origem.

Esse processo de adaptação durou em torno de um ano. Nesse período, sentia a necessidade de voltar ao sítio, passar finais de semana na casa das minhas tias, matar a saudade dos amigos e do meu cotidiano no sítio. Após esse período, já me via dentro do contexto urbano, construí amizades, e podia perceber os benefícios da mudança. Nossa casa era localizada no centro da cidade de Baraúna/RN, ficando próxima à escola, isso me permitia ir à biblioteca da escola. Era também próxima à Biblioteca Municipal Engraça Costa de Oliveira, isso me possibilitava realizar minhas pesquisas, além do acesso à internet nas *lanhouses* próximas a minha casa. Esses pequenos avanços contribuíram muito para meu processo de formação. Quando chegamos em Baraúna/RN, morávamos em uma casa de aluguel, e minha mãe teve a necessidade de se desdobrar para ajudar nas despesas, e colocou uma lanchonete em frente a

uma escola da cidade que tem o maior número de alunos. Pela manhã, eu ficava vendendo, enquanto minha mãe resolvia outras pendências. No período da tarde, tinha de ir estudar e minha mãe ficava na lanchonete, foi um período muito bom, tínhamos muitos clientes, inclusive os meninos do sítio no qual morávamos.

Em 2010, um ano após nossa mudança, realizamos o sonho da casa própria, graças à renda de minha mãe junto a de meus avós e o dinheiro da venda do terreno no sítio, o que fez com que conseguíssemos comprar um terreno e construir uma casa. Nesse período, já aos dezesseis anos e finalizando o Ensino Médio, senti a necessidade de ajudar em casa, e comecei a procurar emprego. Minha primeira experiência foi em uma ótica, trabalhando como vendedor externo, saía às ruas junto a mais duas colegas, de porta em porta, marcando consultas para o oftalmologista, sem salário fixo, tínhamos o objetivo de convencer os clientes a fazer o exame e comprar os óculos, ou não receberíamos nada no final do mês.

Concluí o Ensino Médio em 2011, e como não consegui passar no primeiro vestibular na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), precisei então ir atrás de um trabalho fixo. Em outubro de 2012, consegui uma vaga como embalador de um dos maiores supermercados da cidade de Baraúna-RN. Essa experiência me ajudou muito, durante os primeiros meses fiquei somente como embalador, mas ficava atento à maneira como as operadoras de caixa manuseavam o sistema, e mesmo não sendo escalado como operador, já conseguia desempenhar algumas tarefas no computador. Minha patroa, observando meu desempenho e interesse, deu-me uma promoção para a função de operador de caixa e, com isso, o aumento do salário. Essa minha experiência teve duração de dois anos e meio. Durante esse tempo me bateu um cansaço devido ao estresse do trabalho e das atividades acadêmicas, pois enquanto trabalhava consegui ingressar na faculdade. Resolvi pedir demissão com o intuito de conseguir um emprego em minha área de formação.

O desejo de atuar como professor era grande, porém, no primeiro momento, acabei me frustrando com a profissão, quando percebi o preconceito ou receio das escolas da cidade em me contratar por ser do sexo masculino. Algumas chegavam a relatar que não sabia como seria a reação dos alunos em ter um professor em sala de aula, pois já eram acostumados com mulheres. Passaram-se seis meses e não consegui nenhum emprego, nesse percurso minha antiga patroa me convidou para ir ficar com ela em Fortaleza-CE, no ano de 2015. Passei três meses, e essa experiência me ajudou muito em minha (auto)formação, pois o contato com outra cultura, a troca de experiências e as narrativas das pessoas me impulsionaram rumo ao caminho de minha ascensão social. Retornei para Baraúna/RN e comecei a trabalhar mais uma vez no supermercado, na função de subgerente, outra experiência em meu percurso de formação. Após

ter vivido todas essas experiências, aconteceu um fato em minha vida que me colocou diante da ideia de jogar tudo para o alto e não seguir adiante. Como já relatei, tinha um apego muito grande à minha avó materna, que me criou desde muito pequeno, como uma mãe, a forma como ela me mimava, todos percebiam o zelo comigo, mesmo após minha fase da infância. Em dezembro de 2014, minha avó faleceu, classifico esse momento em minha vida como o pior e mais doloroso de toda minha história até hoje, passei dias sem conseguir ir trabalhar e sem ir à faculdade.

A mudança para a cidade foi primordial para minha construção como sujeito social e profissional, pois a possibilidade que me restava, se tivesse continuado morando na zona rural, seria seguir os passos de meus avós e de meus pais, e ir trabalhar na roça. Embora tenha vividos momentos dolorosos no processo de aceitação e adaptação, foi preciso passar por tudo isso para me perceber como constituinte de minha história. Apesar de todas as dificuldades, nunca baixei minha cabeça e sempre acreditei em dias melhores. Hoje olho para trás e vejo como tudo valeu a pena.

Em alguns momentos, fico a pensar como seria minha vida hoje se estivesse morando no Sítio Boa Sorte. Analiso a forma como os meus colegas de escolas se encontram, alguns caminharam comigo até o Ensino Médio, outros ficaram para trás. As meninas tornaram-se mães, donas de casa, com a responsabilidade de cuidar do marido, não deram continuidade aos estudos. Em específico, uns cinco rapazes conseguiram concluir e vivem a realidade de trabalhar na agricultura. Faço esse relato não com o objetivo de diminuir a profissão ou a forma de vida dos meus amigos, mas com o propósito de mostrar que, para conquistar os nossos sonhos, é preciso enfrentar as barreiras sem medo, e para mostrar a importância da família nesse processo de luta pelos nossos ideais.

Quando decidimos morar na cidade, sabíamos dos riscos, mas tínhamos a necessidade de tentarmos. Tudo na vida é aprendido, os erros, os acertos, bem como as consequências que precisamos assumir no momento de tomarmos certas decisões. Foi preciso encarar o medo de chegar a um mês e não ter o dinheiro do aluguel e termos que retornar para o sítio. Fez-se necessário romper com o sentimento da saudade das pessoas deixadas na comunidade, dos momentos de tranquilidade trocados pelos barulhos dos carros.

O título desse tópico iniciou-se com o trecho do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”. Quando me refiro a “minha terra”, é justamente para transmitir esse sentimento de pertença que ainda carrego comigo, o orgulho das minhas raízes, de não negar minhas origens. As lembranças de minha infância, o local onde nossa casa era alicerçada e hoje não existe mais. Na minha terra não tinha palmeiras,

mas tinha os mais variados tipos de árvores, a exemplo da carnaúba, além da sombra, seus talhos se transformavam nos mais belos carvalhinhos. O sabiá aqui representa as demais aves, e seus diferentes sons, como o galo-de-campina, do caboclinho e do papa-capim, que ao raiar do sol animavam o dia com suas melodias.

Viajar em minhas memórias de infância foi uma das melhores experiências por mim vivida. Voltar ao meu passado e recordar momentos meus, como criança, memórias adormecidas ao longo do tempo. Fazer essa viagem fez-me perceber o meu “eu” como sujeito histórico e cultural. Vejo-me histórico no sentido de ter toda essa trajetória e transformá-las em escritos culturais, na certeza de trazer comigo traços de todo esse meu percurso: a vida simples, os costumes de minha família e as pessoas que contribuíram com meu processo de formação pessoal e de sujeito oriundo da zona rural.

1.2 Histórias de mim: formação de um sujeito espelhado na figura materna

Passamos por transformações na constituição das famílias em nossa sociedade, que antes eram vistas apenas com a formação de pai, mãe e filhos, mas hoje existem novos arranjos na formação familiar. Uma das cenas mais comuns é a mulher, assumindo e constituindo essa família sozinha, exercendo a função de mãe e de pai ao mesmo tempo. Mulheres de coragem não se curvam diante das dificuldades para criar seus filhos. A música “Maria, Maria”, do cantor Milton Nascimento, gravada em 1978, traz à tona essa história de luta das Marias brasileiras, mulheres guerreiras, que não desanimam e correm atrás de seus ideais.

Maria, Maria

Maria, Maria
 É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece viver e amar
 Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta...
 (NASCIMENTO, 1978)

Meu primeiro contato com essa música foi em uma apresentação cultural, no dia internacional da mulher, realizado pelo Programa Desenvolvimento de Área – Jucurí, na

comunidade onde residia, com o intuito da valorização da imagem feminina, de homenagear essas mulheres de garra. Desde então passo a reconhecer minha mãe dentro da letra dessa canção. Apresento a vocês a minha Maria⁴, minha mãe e meu pai ao mesmo tempo, nordestina, agricultora, sitiante, mulher valente, de fibra, de garra, de raça e de graça, que traz na pele as marcas de uma vida simples, enfrentou muitas dificuldades desde a sua infância até os dias de hoje.

Filha mais nova de um casal de agricultores, residente do sítio Boa Sorte, zona rural no município de Baraúna/RN, Maria trabalhou desde sua infância para ajudar em casa, e comprar objetos de uso pessoal, uma vez que seus pais não poderiam comprar. Maria relata que em 1986, apenas com nove anos de idade, saía na vizinhança perguntando quem queria uma roladeira⁵ de água em troca de algumas moedas, ou por algum objeto de sua necessidade. Outra forma de Maria conseguir dinheiro, era limpando a casa das pessoas donas de comércio de vendas de mercadorias alimentícias, e em alguns casos ela recebia alimentos e levava para casa. Maria não se esquece dos momentos de grandes dificuldades em sua infância, em um de seus relatos, ela fala de quando não tinha nada para comer. Percebe-se em suas narrativas que minha mãe não partilhou de uma infância como as demais crianças, logo cedo teve a responsabilidade de uma pessoa adulta.

Quando tinha nove anos, as coisas eram muito difíceis, acordava olhava para de um canto para o outro e nem o fogo mãe tinha feito, pois não tinha o alimento. Olhava para mãe e percebia a tristeza em seus olhos, pois ela adorava tomar café e não tinha. Então, eu saía nas casas dos vizinhos e pedia um pouco de café, chegava na casa do outro pedia um pouco de açúcar, massa de cuscuz e, assim, voltava para casa e minha mãe tinha o que cozinhar. Nos dias que não conseguia nada, ou mãe não deixava eu sair para conseguir, a gente comia só a farinha seca com água ou farofa feita de cebola. Passamos por momentos de necessidade mesmo (Narrativa de Maria, Baraúna/RN, 2018).

Maria conta que um dos seus maiores sonhos era estudar, e sua maior alegria era ir à escola, carregava o desejo de aprender a ler e escrever e almejava se tornar uma médica veterinária, pois gostava de lidar com os animais. Iniciou seus estudos na Escola Municipal

⁴ Nome usado para identificar a minha mãe, Francisca Maria da Silva. A escolha do nome deu-se a partir da letra da música de Milton Nascimento “Maria, Maria”. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>. Acesso em 22 de outubro de 2018. A música me faz ver em sua letra a imagem de uma mulher que representa bem a minha mãe, guerreira, de graça e de raça.

⁵ Tipo de barril utilizado para transporte de água, movido por tração humana, puxado por meio de uma haste de ferro presa em ambos os lados ao centro do cilindro, típico do nordeste brasileiro.

Francisco Silvério, na zona rural de Baraúna/RN, em uma casa comum, de taipa, sem nenhuma estrutura física de uma instituição escolar. O quarto pequeno tornou-se a sala de aula, onde reunia crianças de todas as idades, a professora tentava ensinar a todos de acordo com cada nível de ensino. Em 1988, Maria concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental, e para continuar teria a necessidade de se mudar para Mossoró/RN, pois poderia morar com sua tia que residia na cidade. Maria até tentou convencer seus pais a permitir sua mudança para Mossoró-RN, mas seu pai lhe impediu de viver esse processo de formação, engavetando, assim, o sonho de sua filha. Mesmo não tendo a oportunidade de continuar avançando no processo estudantil, Maria não se deixou abater e continuou frequentando a escola mais quatro anos na mesma série só para não se afastar dos estudos. Maria frequentava a escola todos os dias, e estudava assuntos relacionados a 4ª série, mesmo com a conclusão desse ciclo e com o aprendizado adquirido, pois o seu prazer era estar na sala de aula.

Mesmo não dando continuidade aos estudos, Maria adquiriu um grande conhecimento de mundo a partir das experiências de vida durante a infância. Tornou-se uma adolescente muito inteligente, de saber criar estratégias para superações em desafios do cotidiano, concretizando com os estudos de Brandão (1985) quando o autor fala “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.” A ideia do antropólogo nos leva a reflexão, que para a educação acontecer, não precisamos necessariamente estar inserido em salas de aulas, o contato com o meio social através de nossa cultura, religião nos leva a adquirir conhecimentos necessários para o nosso cotidiano, vivemos em constante contato com a educação em todos os lugares, na convivência com o outro, na troca de experiências, aprendendo no dia a dia.

Maria apresenta em suas narrativas uma adolescência marcada pelas dificuldades de sua família, o desejo em possuir alguns objetos de uso pessoal, de higiene, e seus pais não tinham condições para dar esse tipo de coisa, o pouco que seu pai ganhava era para o sustento básico da família.

Quando tinha de quinze para dezesseis anos, minhas amigas todas tinham um batom, e meu sonho era possuir um. Aí ficava pedindo para elas me deixarem passar, como elas sabiam que eu gostava, elas ficavam se aproveitando, pediam favores e em troca eu passaria o batom. Na nossa casa não tinha shampoo, sabonete, esses tipos de materiais de higiene, aí eu como era mais esperta que minhas irmãs, ia à casa de Lucina, dona de uma mercearia na época, e pedia para lavar sua louça em troca de um pouco de shampoo. Lavava uma grande quantidade de prato e no final ela me dava um vidrinho daqueles de dipirona, o que não dava quase para nada, tinha primeiro que lavar o cabelo

com sabão para tirar o sujo, e depois passava o shampoo só para ficar com o cabelo cheiroso (Narrativa de Maria, Baraúna/RN, 2018).

Na narrativa de Maria, podemos constatar a dura realidade vivida em sua adolescência. Percebemos também as estratégias utilizadas para conseguir seus objetivos. Ao invés de lamentar-se e esperar que as coisas lhe chegassem de mãos beijadas⁶, ela ia à luta, usava de suas habilidades para em troca receber algo de seu interesse. Maria narra momentos felizes nessa fase de sua vida. Como é comum na fase da adolescência, as moças começam a namorar, e com ela não foi diferente. Maria conta que quando o inverno era muito bom na comunidade, e os sítiantes conseguiam colher uma boa plantação de feijão, todas as noites os vizinhos se reuniam para ajudar um ao outro nas desbulhas, e com isso se reuniam um grande número de moças e rapazes, e aproveitavam as distrações dos pais para namorarem. Em uma dessas noites, Maria conheceu seu primeiro amor, e começou a viver um romance com esse rapaz. Minha mãe conta que meu pai era muito bonito e namorador, todas as noites estava com uma moça diferente, era doida para namorar com meu pai, e em uma dessas noites ele a galanteou, desde então iniciaram o namoro. Maria relata que todas as noites o meu pai ia a sua casa, mas em momento algum eles ficavam sozinhos, pois o pai dela era muito rígido, e exigia a presença de sua mãe do lado, observando todo o movimento do casal, situação bem característica dos namoros de antigamente. Aos dezessete anos, após toda essa rigidez e cuidado dos pais, Maria resolveu fugir e ir morar com seu grande amor, com o sonho de construir uma família.

Há dias seu pai vinha chamando para fugir, que ele ia conseguir um emprego no forno de cal, e dava para nos sustentar. No dia 25/07/1994 decidimos que iríamos morar juntos. Nesse dia pai e mãe foram para a casa dos meus avós, que ficava no Ceará, e pediu para tio João Custódio vim dormir lá em casa comigo. Quando foi por volta de dez horas da noite, que tio já estava dormindo, eu arrumo minhas roupas e fico esperando seu pai dar um sinal que havia chegando. Escuto o assovio de seu pai e tenho que passar por debaixo da rede de tio João, pois ele tinha colocado a rede mesmo próxima à porta. Consigo sair e seu pai me esperava em uma bicicleta, e vamos para casa de seu irmão. No caminho pensei em voltar, mas não tinha jeito. Passei a noite inteira chorando arrependida do que tinha feito. Mas agora não tinha volta. No outro dia quando pai e mãe chegaram em casa e receberam a notícia, e pai ficou bastante furioso, porém não tinha o que fazer a não ser aceitar. (Narrativa de Maria, Baraúna/RN, 2018)

Maria assumiu a responsabilidade de ser dona de casa, na época desconhedora dos métodos para evitar uma gravidez. Apenas com três meses de casada, descobriu a gravidez do

⁶ Expressão usada no meio popular que significa receber algo gratuitamente; sem precisar dar retribuição.

primeiro filho, esse caso se refere a mim. Maria relatou a falta de preparação para ser mãe, tinha muito medo de como iria cuidar de uma criança. As dificuldades em comprar o enxoval para o seu filho fez com que Maria recorresse à ajuda dos pais, mesmo não possuindo as condições boas, esforçaram-se para ajudá-la.

Foto 02: Maria no sexto mês de gestação do primeiro filho



Fonte: Acervo do autor (1995)

Após o nascimento do filho, ela se sentiu mais madura e viu a necessidade de buscar recursos para ajudar nas despesas. Decidiu voltar a morar em uma casa sozinha com seu esposo e filho. Com o afastamento da minha avó, minha mãe começou a perceber meu adoecimento, não me habituava na nova casa, e minha doença era problemas emocionais, devido à saudade da minha avó Maria Rosa. Diante dessa situação, elas decidiram que eu iria morar com minha avó, na mesma comunidade. Como as casas eram bem próximas, minha mãe não deixava de participar da minha criação, todo dia ia para casa de minha avó, ajudava a cuidar e levava itens necessários para mim. Preocupada em ajudar sua mãe a criar seu filho, Maria decidiu que, no período da manhã, iria ajudar uma senhora nas tarefas domésticas em troca de um litro de leite que serviria para alimentar seu filho, pois minha família não tinha condições de comprar. Depois disso, Maria aprendeu a trabalhar como manicure, e atendia as pessoas que não tinham dinheiro em troca de açúcar e de leite em pó para ajudar no meu sustento.

Passaram-se os anos e Maria continuou na luta para não deixar nada faltar para a sua criança. Em 1997, foi tomada pela grata surpresa de sua segunda gravidez. Nesse momento, houve também um grande desespero. Com a chegada de mais um bebê, a situação se tornaria ainda mais complicada, no entanto, ela teve o apoio dos pais, que nunca a abandonaram. Quando chegou ao sétimo mês de gestação, seu marido foi embora e deixou Maria sozinha

nesse momento delicado. Ela retornou para casa de seus pais, sabendo que ia ser bem mais difícil sua situação. Quando nasceu seu segundo filho, Francielio, ela se reconciliou com o marido e voltou a morar em uma casa com ele e a criança no sítio Boa sorte.

No ano de 2000, em busca de uma vida melhor, ela foi morar no Assentamento Bom Sucesso dos Militares, município de Baraúna-RN, cerca de 10 km da casa de seus pais. Maria não deixava de acreditar em dias melhores e continuava na luta, buscando o melhor para a família. No assentamento, ela teria a oportunidade de plantar, pois além do terreno e da casa, eles tinham um lote de terra enorme que era destinado para a criação de animais e plantação. No início, eles conseguiram se estruturar bem e começaram a trabalhar com uma pequena criação de bodes, tirando o sustento do filho através desses animais. Mesmo com essa distância, a cada três dias ela saía de sua casa em uma carroça para visitar seus pais e seu filho (eu) no sítio Boa Sorte, trazendo leite e alguns alimentos para ajudar na criação.

Nesse período, Maria acreditava em uma melhoria nas condições de vida. No ano de 2001, com o dinheiro ganho em uma verba do Instituto de Colonização e Reforma Agrária-Incra destinado à reforma de sua casa, Maria pegou o dinheiro e decidiu abrir uma pequena mercearia, pois no assentamento não tinha esse tipo de comércio. Foram momentos muito bons, pois logo conseguiu muitos clientes, e sua venda começou a gerar bons lucros, ajudando a minha avó na minha criação e na meu irmão. Em 2002, quando tudo parecia seguir no caminho certo, seu marido começou a atrapalhar, envolveu-se com bebidas alcoólicas e pegava o dinheiro que Maria apurava na mercearia e gastava com bebidas. Com esse desvio do dinheiro e sem o apoio do marido, Maria aos poucos foi acabando com suas vendas e decidiu voltar a morar na casa de seus pais no sítio Boa Sorte.

Em 2003, Maria engravidou pela terceira vez, e para surpresa era uma menina, que chegava para alegrar a vida de todos da família. Em março de 2004, nasceu Eduarda. Dezoito dias após o nascimento de sua filha, Maria passou por sérias complicações de saúde, devido a uma hemorragia, e ficou hospitalizada vários dias. Maria relatou o medo de morrer e de deixar seus filhos ainda pequenos para serem criados pelos parentes. Ainda nesse período, após se recuperar de todo esse problema, Maria recebeu a notícia da morte da sua concunhada, ocasionada após o parto de seu filho prematuro. Deixando além do recém-nascido, mais quatro crianças pequenas. Maria decidiu cuidar dessas crianças, trazendo todas para a casa de sua mãe, onde morava com seus filhos, ficou cuidando dessas crianças durante três meses, dividindo-se entre os cuidados de sua filha pequena e do sobrinho prematuro.

Maria não se limitava apenas aos afazeres domésticos, e a todo tempo estava à procura de serviços para contribuir com a renda da família. Em 2006, ela começou a trabalhar com

venda de roupas e leite nas comunidades vizinhas. Acordava às 5 horas da manhã, ia em sua bicicleta para a fazenda Nova Esperança, a qual ficava a cerca de 3 km de sua casa. Fazia o processo de retirar o leite das cabras e vacas, colocava em um balde e saía vendendo na comunidade e em outros sítios vizinhos: Veneza, Poço Novo e Baixa Branca. Quando não vendia todo o leite, o restante trazia para casa, fazia doce e vendia. Já em 2007, vivendo todo esse momento de ascensão, Maria mais uma vez é abandonada pelo marido, que vai embora para a comunidade vizinha Poço Novo, e passa a viver com outra mulher. Após esse processo de separação, ela sentiu a necessidade de arrumar uma renda fixa, pois o pai de seus filhos, não ajudava em nada. No ano de 2009, conseguiu um emprego como trabalhadora rural na Intermelon, empresa produtora de banana localizada na zona rural no estado do Ceará. Levantava-se às 3 horas da manhã para se preparar e pegar o ônibus e ir trabalhar, retornando às 17 horas, quando não necessitava fazer hora extra e ficava até mais tarde na empresa.

Acordava 03:00h, ia primeiro preparar meu almoço, ajeitava toda a comida e levava em uma marmita. O ônibus passava em frente a minha casa as 04:00hs, a viagem até a empresa era uns cinquenta minutos. Chegando lá íamos direto para o campo. A cada semana era uma função diferente. Tinha dia que íamos colher a banana, já na outra semana era fase de cortar a folha do pé de banana que estava ruim para não prejudicar o crescimento. Era muito pesado, tinha que ter muita força para poder dar conta do serviço. Durante o período de inverno, criava muita lama e a gente fica caindo, era a chuva rolando e a gente lá trabalhando. Foi um dos serviços que mais me esforcei para dar conta, mais era preciso, pois tinha que alimentar meus filhos, e só o aposento dos meus pais não dava (Narrativa de Maria, Baraúna/RN, 2018)

Mesmo trabalhando nessa empresa, Maria percebeu a necessidade de uma renda extra. Decidiu colocar um bar no sítio Boa Sorte para vender bebidas e algumas comidas. Passava a semana trabalhando e aos finais de semana abria o estabelecimento. Toda essa rotina, o trabalho braçal na empresa sem descanso, fez Maria adoecer, além do esgotamento físico, passou a ter problemas infeccionais devido ao veneno tóxico utilizado nas plantações de banana. Chegou a ser hospitalizada por mais de uma semana para tratamento médico. Após o episódio, ela pediu demissão e deu seguimento na sua venda. Tudo estava caminhando bem, as vendas estavam produtivas, mas Maria sentia a necessidade de mudar-se para a cidade de Baraúna-RN, para ajudar seu filho mais velho (eu) a dar continuidade aos estudos. No ano de 2009, ela tomou a decisão de ir morar em Baraúna/RN, no princípio, veio a não aceitação por parte do seu pai, pois já era muito habituado ao local, mais de trinta anos de história e pertença com a comunidade. Aos poucos ela quebrou essa barreira e o convenceu a fazer a mudança.

Feita a mudança, veio com ela a preocupação de como pagar o aluguel, água, luz e outras despesas necessárias. Determinada, Maria sabia que tudo daria certo, e ao chegar em Baraúna-RN, por morar próximo a uma escola, decidiu colocar uma venda de lanches, de início deu muito certo. Ela sabia que não tinha condições de morar muito tempo no aluguel, decidiu vender a propriedade no Sítio Boa Sorte e com os empréstimos feitos pelos pais, compraram um terreno e iniciaram a construção da casa própria. Durante o processo de construção, Maria não tinha dinheiro para manter pedreiro e servente na obra. Ela mesma decidiu trabalhar na obra, preparando o cimento e carregando materiais para o pedreiro. Em pouco tempo a obra foi finalizada, e toda sua família se mudou, evitando assim maiores gastos. Com a mudança de casa, Maria ficou sem espaço para trabalhar, e arrumou um emprego como doméstica. Após essa experiência, Maria passou a ir trabalhar em um plantio de cebola, localizado na comunidade rural próximo a Baraúna/RN, todos os dias levantava cedo e saía em sua bicicleta com destino ao seu local de trabalho.

No ano de 2013, Maria conheceu um novo amor, com quem se casou e vive até os dias de hoje. Mesmo com a ajuda financeira do esposo, ela não se limitou a esperar pelo marido, continuou sua luta, pois seus três filhos necessitam de seu apoio. Conseguiu um emprego como cozinheira no Restaurante Sabores da Vida, com isso, conseguiu pagar meu curso de Administração em uma instituição na cidade de Mossoró/RN. Os custos saíam pesados, quando somava a mensalidade do curso e o preço das passagens. Algumas vezes, foi necessário Maria pedir ajuda a alguns amigos taxistas para me levar ao curso e depois ela pagava, pois não tinha dinheiro no dia. Por nunca ter se separado de seus pais, Maria tinha uma ligação muito forte com seus genitores, em especial com sua mãe, a quem confiava e considerava como melhor amiga. No ano de 2014, ela sentiu a dor da perda e separação de sua mãe. Em seus relatos, podemos considerar esse momento de sua vida como um dos piores. Segundo ela, uma dor que nem o tempo é capaz de curar. Após esse acontecimento, a reponsabilidade de Maria aumentou em relação aos afazeres domésticos, pois minha avó ajudava muito: ficava em casa, fazia almoço e as tarefas do dia a dia, e isso deixava minha mãe livre para trabalhar. Diante de suas impossibilidades de trabalhar, ela decidiu desenvolver serviços em sua casa para lhe garantir renda e o sustento de seus filhos. Dedicou-se ao serviço de manicure, mas não se limitou somente a isso, trabalhava como costureira, lavadeira, faxineira, vendedora de cosméticos, de produtos de cama, mesa e banho e de objetos feitos de madeira.

A história de vida da minha mãe contribuiu muito para meu processo de formação enquanto sujeito. Ouvir suas narrativas fez-me refletir sobre o empoderamento da mulher sendo alcançado ao longo dos tempos. Uma mulher de origem humilde de zona rural, conseguiu, no

decorrer de sua trajetória de vida, criar estratégias para vencer as situações de seu cotidiano. Mesmo com poucas condições, conseguiu cuidar e educar seus três filhos, sem baixar a cabeça diante das dificuldades impostas pela vida. Carrega consigo uma marca de humildade, honestidade, perseverança e generosidade, mesmo com o pouco que ganhava nunca se negou a ajudar ao próximo. Diante das situações pelas quais todas as circunstâncias apontavam para as dificuldades, ela deu a volta por cima.

Nossa relação vai além de um laço entre mãe e filho, somos amigos, confidentes, invertemos os papéis quando necessário, aconselhamos um ao outro. Minha mãe me ensinou todos os princípios básicos para viver em sociedade, mostrou-me os valores da vida, a ser justo e solidário com o próximo, ensinou-me a nunca querer me sobressair através de outras pessoas, e o mais importante: orientou-me a nunca desistir de meus sonhos, por maior que seja a dificuldade, erguer a cabeça e não desanimar, pois as lutas são necessárias para saborear nossas conquistas. Ver minha mãe deixar de comprar algo de sua necessidade para suprir as minhas, fez-me entender que o amor materno perpassa todos os limites.

A participação da minha mãe no meu percurso de formação é explícita em meio às narrativas. Refletindo sobre sua trajetória, podemos perceber uma mulher batalhadora, que trabalhou a vida inteira pensando nos filhos, e não em si. Lutou de forma incansável para me ver graduado, e luta para a continuidade no meu processo de formação, caminhando lado a lado, sem me deixar fraquejar, e me ajudando de todas as formas possíveis. Quando me perguntam: o que sua mãe representa para você? Muitas vezes chego a ficar sem palavras para chegar a essa definição, mas costumo dizer: ela é minha base, meu sustento, minha âncora e guia. Sou esse homem de hoje graças a essa Maria, mulher brasileira, de fé e coragem, nunca me abandonou, vivenciou comigo cada dor, segurando minha mão.

É comum ouvirmos críticas quanto à criação de filhos sem o apoio do pai. Para parte da sociedade, o filho criado sem a presença do pai tende a entrar na criminalidade, pois a ideia criada por essas pessoas é que a mãe, por ser do sexo feminino, não tem pulso firme para segurar o filho, principalmente se for do sexo masculino. A partir de minha experiência junto com meu irmão, posso parcialmente desconsiderar essa discussão. Em algumas situações, é notório tanto para mim sendo filho, como para minha mãe que a figura paterna faz falta, no sentido de aconselhar, pois em nossa casa éramos dois meninos, e sentíamos a necessidade de algumas conversas.

Lembro-me bem quando mudamos para a cidade de Baraúna-RN, meu irmão Francielio começou a criar laços de amizade com uns jovens mais velhos de 15 e 16 anos. Em conversas com os vizinhos, escutávamos relatos referentes a esses meninos. Alguns já tinham

envolvimento com pequenos furtos, uso de drogas e brigas com gangues. Nosso maior medo era meu irmão se envolver com esse tipo de situação e acabar preso ou morto. Minha mãe tinha seu jeito cuidadoso e carinhoso, e com muito amor sabia lidar com as diversas situações vivenciadas por mim e meu irmão. De início, Maria, com muito diálogo, tentou afastar Francielio dessas amizades. Como minha mãe trabalhava, praticamente passava o dia fora e quando chegava à casa, recebia muita reclamação de minha avó em relação ao comportamento do meu irmão. As conversas não estavam tendo um retorno positivo, e a cada dia meu irmão estava mais próximo desses jovens. Não conseguindo através diálogo amoroso, tenho guardada em minha memória o dia em que minha mãe chegou a ser muito dura. Em suas palavras, Maria foi clara ao dizer: “a partir de hoje, no dia que você ainda andar com esses meninos, eu não quero mais você morando em minha casa”.

Ver minha mãe fazer uso dessas duras palavras foi um embate forte, mas a partir dos resultados, pude entender a importância de sua rigidez naquele momento. Minha mãe utiliza muito o ditado popular “por falta de um grito se perde uma boiada”. Ao usar essa expressão, refere-se à necessidade de ser rígida em algumas situações para obter uma resposta positiva. Para aquele momento, se minha mãe não agisse daquela forma, iria perder seu filho para as drogas. Finalizo esse tópico apresentando esse relato, pois sinto a necessidade de mostrar o quanto aprendo a partir das experiências de minha mãe. Cada ensinamento é essencial para meu processo de formação como sujeito, suas narrativas mostram que é possível viver com pouco, é possível se sobressair das situações difíceis. A história de vida da minha mãe serve como base para o meu crescimento pessoal, bem como profissional, pois em seus relatos é notório a força de uma mulher trabalhadora, sem medo de enfrentar qualquer função dentro de uma empresa. Seja como agricultora, lavadeira, costureira, o importante seria prestar um serviço de qualidade.

A expressão utilizada para intitular esse tópico “Histórias de mim” passa a ideia da continuidade das minhas narrativas iniciadas no primeiro tópico referente a minha infância, porém, no decorrer da escrita, apresento a história de Maria, minha mãe, marcada pela simplicidade, por dias difíceis e a batalha de cuidar e educar três filhos sozinha. A ligação entre a história de vida da minha mãe junto ao meu percurso de vida é muito forte, espelho-me em seu modo de ser, em suas práticas como pessoa. Carrego comigo as marcas de uma mulher de garra, forte e determinada a lutar pelos ideais. Considero sua história de vida como uma herança valiosa, a qual me foi concedida por meio de suas narrativas durante meu processo de formação como sujeito. Utilizo-me de suas narrativas para firmar os relatos por mim citados. Nesse sentido, aproprio-me da história de vida de Maria e carrego comigo marcas de suas experiências que contribuíram com meu processo de formação enquanto sujeito espelhado na figura materna.

1.3 "Ser ou não ser, eis a questão": a escolha pela tão sonhada profissão e a aproximação com o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Na infância, as pessoas começam a nos fazer a seguinte pergunta: o que você vai ser quando crescer? Muitas crianças espelham-se nas profissões dos pais e querem dar continuidade, trilhando o mesmo caminho. No meu caso foi bem diferente. Meus pais eram agricultores, sem muitos recursos, e eu possuía uma vontade de mudar de vida, de trilhar caminhos diferentes e de alcançar meus objetivos através dos estudos.

Desde quando iniciei minha vida estudantil, na Escola Municipal Francisco Silvério, zona rural de Baraúna/RN, espelhei-me no meu professor do Fundamental Anos Iniciais, Francisco Carlos, oriundo da zona rural, este saía de casa todos os dias em um pau de arara para a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) com o intuito de concluir a graduação. Sua história de luta, superação e êxito, mostrava-me que seria possível vencer por meios dos estudos, e impulsionava-me a querer estudar mais.

Quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, eu respondia “professor”. Às vezes, eu e meus irmãos, primos e colegas nos reuníamos para nossas brincadeiras. Gostávamos muito de brincar de escolinha, e eu me identificava muito em ser o professor. O ser professor fazia parte de mim, com o passar do tempo esse desejo foi se aprimorando, e comecei a investigar como deveria fazer para me tornar um professor. Comecei então a perceber as dificuldades que enfrentaria para conseguir meu objetivo.

No ano de 2009, como já mencionei em outros relatos, aconteceu meu processo de mudança para a cidade, deixando a vida no sítio e indo à procura de novas oportunidades. Considero esse momento em minha vida como um divisor de águas, pois abriu-se um leque de oportunidades de aperfeiçoamento em minha formação. O contato com outras profissões, como advogados, enfermeiros, odontologistas, de forma direta, a conexão em um mundo mais modernizado por meio da internet, foram itens aos quais eu não tinha acesso e só vieram a contribuir com minha (auto)formação. Nesse mesmo período, comecei a conversar com professores, e nesses diálogos refletia sobre a escolha da profissão, pois em dois anos teria a missão de escolher o caminho a seguir.

A escolha da profissão é um momento cauteloso requer uma preparação, desde a conversa com a família, conselho de professores e até testes vocacionais realizados em alguns sites educativos. Segundo Valore (2008):

O ato de decidir a respeito de uma ocupação profissional constitui momento de crise em qualquer época da vida, pois não se trata apenas de executar novas tarefas e sim, de apropriar-se de uma nova identidade profissional; portanto, mais urgente do que a questão “O que quero fazer?”, surge a questão “Quem quero ser daqui em diante?” (VALORE, 2008, p. 66).

Assumir essa nova identidade profissional requer uma reflexão sobre o que vai dar prazer, e não de se escolher uma profissão por apresentar um bom status para sociedade. Mesmo carregando a ideia de ser professor desde minha infância, durante meu processo de formação, aconteceram situações que me puseram a pensar se era esse mesmo o caminho a seguir. Alguns relatos de professores sobre os desafios e a desvalorização da profissão me amedrontavam, pois, tinha em mente que, queria uma profissão com pouco trabalho e que ganhasse muito dinheiro. Comecei a pesquisar sobre o Curso de Direito, e nasceu a paixão pela advocacia, já a minha mãe queria me ver trilhar pela Enfermagem.

Em meio a tantas dúvidas, concluí o Ensino Médio em 2011. Em seguida, inscrevi-me no Processo Seletivo Vocacional (PSV), na UERN, e somente no dia de realizar minha inscrição decidi a minha opção de curso. Inscrevo-me para o Curso de Pedagogia, por identificá-lo como a profissão para minha vida, e por já ter ministrado aula de reforço para uma turma de alunos de variados níveis de ensino, ainda cursando o Ensino Médio. Identificava-me com a docência, embora não tivesse uma grande experiência na carreira. Não obtive o resultado esperado, e inicia-se uma nova fase em minha vida, não tinha mais escolas para ir, tinha a necessidade de arrumar um trabalho e ajudar no sustento de casa. Minha mãe trabalhava em um projeto de cebola na comunidade de Primavera, e começou a me levar junto com meu irmão para a gente trabalhar na roça e aumentar a renda, pois o salário era de acordo com a produção. O projeto, por se tratar de uma pequena propriedade, não era registrado, e trabalhávamos por produção, a cada cem metros de cebola colhidos, recebíamos cinquenta reais. Foram momentos difíceis para mim, pois não me sentia preparado para aquele ambiente, mas a necessidade nos obrigava.

Em outubro de 2012, consegui uma vaga de emprego na Rede 10 Supermercados, um dos maiores comércios da cidade de Baraúna-RN. Foi mais uma experiência a somar em minha formação pessoal e profissional, em pouco tempo comecei a me familiarizar com os setores administrativos e fui em busca de formação na área. Minha patroa me olhava e dizia “você tem cara de administrador”, e mais uma vez ficou a dúvida sobre qual profissão iria seguir. Em 2013, foi o momento de mais uma vez tentar o ingresso no Ensino Superior, e a dúvida do que fazer ainda fazia parte de mim. Decidi tentar Pedagogia pela segunda vez, a esperança de passar era mínima, pois não havia me preparado para a prova, devido à dedicação ao trabalho.

No dia 01º de abril de 2013, a UERN publicou o resultado e, para minha surpresa, fui aprovado na 11ª colocação, no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Em outubro de 2013, inicia-se minha trajetória acadêmica, um novo caminhar, em meio ao medo e incertezas. Era algo muito novo em minha vida, tinha medo de não acompanhar as leituras, as atividades e os seminários. Além das incertezas sobre se era o caminho certo, se realmente era a escolha certa como profissão, se iria conseguir conciliar com o trabalho. Minha família me apoiou e esteve do meu lado para mais uma caminhada em meio às dificuldades.

No início da graduação, passei por momentos desafiadores, pois os textos acadêmicos apresentam uma linguagem diferente do Ensino Médio e exigiam uma leitura mais aprofundada. Durante o primeiro período do Curso, algumas disciplinas foram importantes para conhecer a área que iria atuar futuramente, e me impulsionaram a ser um sujeito crítico e reflexivo. A disciplina de Introdução à Pedagogia, ministrada no primeiro semestre, pela Professora Ma. Brígida Lima Batista Félix, oportunizou-me conhecer todo o processo histórico do Curso de Pedagogia no Brasil, as modificações no próprio Projeto Pedagógico do Curso da UERN, como por exemplo, a abertura de novos campos de trabalho para o aluno de Pedagogia, que após a reformulação passou a ser licenciado para atuar na Educação Infantil, Anos Iniciais, Educação de Jovens e Adultos, Atuação em espaços não escolares, como empresas e hospitais. Houve mudanças no papel do pedagogo, pois antes era visto apenas como um cuidador, e hoje tem a função de formar, sendo esse profissional a base para todo o percurso estudantil do sujeito. Adquiriti conhecimentos sobre as transformações na atuação do pedagogo no mercado de trabalho, e consegui, a partir das leituras, romper a ideia de que o pedagogo só pode atuar em sala de aula.

Destaco também a importância da disciplina Antropologia e Educação no primeiro semestre, ministrada pelo professor Me. Emerson Augusto de Medeiros, a qual aprendi a ver o sujeito em seu contexto cultural, aprendi com a frase do escritor Paulo Freire “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Essa frase ensinou-me a nunca me diminuir diante das pessoas, por possuírem uma formação acima da minha, ou querer subestimar alguém por possuir uma formação em um nível mais baixo, pois cada sujeito vive sua particularidade, e possui conhecimentos diferentes, que são necessários para o seu cotidiano, seu contexto local e cultural. Aprendi a valorizar as diferentes culturas, e a respeitá-las, além de reconhecer o sujeito comum que, muitas vezes, não é visto por não possuir uma formação acadêmica. Essa disciplina propiciou experiências diversas, a exemplo dos seminários realizados como requisito para obtenção de notas. Tudo foi muito significativo e contribuiu na minha formação acadêmica e pessoal.

No segundo período da graduação, no ano de 2014, ao cursar a disciplina de Práticas Pedagógicas Programadas I, tive o primeiro contato com um dos campos de atuação do pedagogo: a escola. Durante uma semana, acompanhei juntamente com um grupo de colegas, todo o funcionamento da Escola Municipal Professor Amaurí Ribeiro da Silva, localizada na cidade de Baraúna/RN. Tínhamos como tarefa: observar a estrutura do prédio, o corpo docente da escola, o setor pedagógico e administrativo, conhecer cada setor e fazer anotações importantes para socialização na universidade. Esse momento oportunizou-nos conhecer de perto a realidade da escola pública, adquirindo conhecimentos práticos para uma futura atuação como professor, diretor ou coordenador escolar. Mais adiante, no terceiro período, ainda em 2014, com a disciplina Práticas Pedagógicas Programadas II, tive a proximidade com o pedagogo atuante no espaço não escolar. Realizei uma pesquisa durante uma semana na Secretaria Municipal de Educação de Mossoró, acompanhando o funcionamento do setor pedagógico, responsável pelas Unidades de Educação Infantil de Mossoró, adquirindo conhecimento sobre as formações destinadas a professores, os projetos políticos das Unidades de Educação Infantil do Município, entre outras aprendizagens.

Destaco ainda a importância da disciplina Educação Especial e Inclusão no quarto período da graduação, pois me oportunizou uma reflexão e, também, a produção de conhecimentos sobre a educação especial e práticas inclusivas. Abordou vários assuntos, os quais me deram suporte para compreender a Educação Inclusiva no contexto atual e conhecer o processo histórico da Inclusão Escolar das pessoas com deficiência. Mostrou-me que a sociedade vem se modificando para incluir todos os alunos com diferentes condições nas escolas regulares, havendo assim, uma maior inserção social. Despertou-se em mim o desejo

de me aprofundar na área da Educação Inclusiva, buscando leitura para embasamento teórico sobre o assunto, e estar na luta para que cada dia mais esse movimento ganhe força, tornando-nos uma sociedade inclusiva, respeitando as leis, para, deste modo, ajudar as crianças com deficiência a terem seus direitos assegurados, oportunizando o acesso a uma educação de qualidade.

Até o quarto semestre do curso, no ano de 2015, quase todas as disciplinas foram de natureza teórica, preparando os alunos para atuação nos Estágios Supervisionados. Nesse período, gostaria de enfatizar a importância dos programas de apoio aos estudantes da UERN. Fiquei desempregado e as dificuldades em continuar o curso aumentaram, pois necessitava de dinheiro para lanches, xerox e outros segmentos. Nessa época, fui contemplado com uma bolsa do Programa de Apoio Estudantil - PAE, no valor de R\$ 300,00 reais, destinado à discentes necessitados desse apoio. Essa bolsa foi fundamental para me manter na instituição.

Em 2016, no quinto período, era o momento de colocar em prática todo o conhecimento adquirido no percurso acadêmico. A disciplina de Estágio Supervisionado I trouxe o estágio como pesquisa, a relação entre teoria e prática e a preparação de planos de aulas e projetos de intervenção para a Educação Infantil. Enfatizo esse momento do curso como o divisor de águas, pois esse encontro com a atuação foi fundamental para minha descoberta como docente. No princípio, tive muito medo. O receio de assumir uma sala de aula faz parte desse processo. O estágio teve duração de quinze dias, sendo cinco dias destinados para observação da escola e da sala de aula e dez dias para prática em sala de aula, produzindo plano de aula e o projeto para ser trabalhado na Unidade de Educação Infantil.

Meu estágio supervisionado foi realizado na Unidade de Educação Infantil Adalgiza Fernandes Moreira, na época localizada no Bairro Boa Vista - Mossoró/RN. Meu primeiro contato com a unidade foi muito positivo. Junto com mais duas colegas fomos recebidos pela diretora da UEI, a qual nos apresentou toda estrutura da instituição e nos levou a cada sala de aula para conhecer as professoras e alunos. A semana de observação permitiu-me ter um contato com o sistema educacional do município, foi o momento de tirar minhas dúvidas quanto ao comportamento dos alunos, aos conteúdos a serem trabalhados com a faixa etária da turma escolhida para atuar e ver quais as dificuldades poderíamos encontrar na escola que fui inserido, somente assim estaria adquirindo experiência para a prática nas semanas seguintes.

Realizei minha prática em uma turma do Infantil I, com alunos na pré-alfabetização, composta por 25 crianças na idade de cinco anos. No início, quando a professora titular informou aos pais sobre a minha chegada na sala para realização do estágio, pude perceber o estranhamento de algumas mães, por ser do sexo masculino, é comum existir certo preconceito

por parte da família dos alunos em aceitar um professor na educação infantil, pois têm crianças ainda dependentes para serem acompanhadas ao irem ao banheiro, dentre outras tarefas que causam esse receio. Esse foi o primeiro desafio a ser enfrentado, ganhar a confiança da família, e manter uma relação amigável com os pais das crianças. O segundo desafio foi criar a relação de afetividade com as crianças. A falta de experiência como professor lançava-me a pensar e pesquisar maneiras de como criar essa relação, pois nunca havia dado aula até esse momento. Durante as aulas, trabalhei com o projeto sobre alimentação saudável, planejando as aulas dentro das áreas de conhecimentos de acordo com a temática. O projeto foi utilizado como base para o planejamento das aulas. Durante o bimestre, as temáticas das atividades eram dentro do tema alimentação saudável, o projeto era composto por uma fundamentação teórica, com objetivos a serem atingidos, bem como uma culminância, ao final, para avaliar os impactos na educação da criança.

Durante o período de regência⁷, aprendi e conheci de perto a realidade do dia a dia de um professor, a responsabilidade para se planejar uma aula pensando no nível de cada criança, as dificuldades na execução das aulas, devido à falta de material didático para desenvolver as atividades, a falta de estrutura física de qualidade para se trabalhar o desenvolvimento motor dos alunos. Outro aprendizado adquirido no período do estágio foi o processo de inclusão de crianças com deficiências. A escola possuía crianças com diagnósticos fechados, alguns em processo de observação. Desde que cheguei à sala do Infantil I, identifiquei logo a presença de uma criança com comportamento diferente das demais do grupo, pois, apesar dos seus cinco anos de idade, não falava muito, fugia da sala e não interagia com os demais colegas, demonstrando uma extrema agitação e rejeição nas atividades propostas. Em conversa, a professora relatou sobre a criança, informando-me que havia sido diagnosticada com TEA no ano anterior.

Ao longo dos quinze dias de observação e regência, junto com a professora, fomos construindo saberes, pesquisando e conquistando o aluno para avançar, dentro de suas potencialidades. Nossa prioridade era que o aluno aprendesse a brincar, a interagir com os colegas e compreender as regras sociais e a rotina da sala de aula e da escola. Contudo, a experiência me fez ver que uma das maiores dificuldades da professora para ensinar o aluno com autismo estava, justamente, em não o compreender e, muito menos, lidar com os

⁷ A regência é o momento em que o estagiário assume determinadas salas de aulas, sob a indicação, orientação e acompanhamento e avaliação do professor titular da disciplina.

comportamentos diferentes da criança. Por isso, procurei entender o espectro para adquirir estratégias para lidar com o autista em sala de aula.

O Estágio na Educação Infantil foi o momento de encontro com a minha profissão, pois nada melhor que “pôr o pé no chão” e conhecer na prática a realidade das escolas, campo onde seria inserido futuramente como profissional licenciado na área da Pedagogia. A troca de conhecimentos vivenciados por mim e pela professora titular, a qual já atuava em sala de aula há 25 anos foi muito importante, porque me serviu como espelho para a prática durante o período de regência. O período de estágio proporcionou-me vivenciar a teoria na prática, visto que essa vivência é de fundamental relevância não somente para a nossa formação acadêmica, mas também para nosso trabalho profissional. De acordo com Pimenta e Lima (2009): “A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e às vezes, reelaboração dos modelos existentes, consagrados como bons”. Dessa forma, através da observação feita no estágio supervisionado, além de analisarmos a estrutura física da escola e sua realidade educacional, adquirimos experiências para nossa prática pedagógica, experiências de como resolver problemas encontrados, e como eu poderia mudar ou mesmo fazer diferente caso estivesse no lugar do professor observado, ou se permaneceria com a mesma didática.

Foto 04: Estágio Supervisionado I- Educação infantil



Fonte: Acervo do autor (2016)

Destaco o período do estágio como divisor de águas em minhas tomadas de decisões e para construção e fortalecimento da minha identidade como professor. No momento, quando me refiro à ideia da minha construção de identidade docente, asseguro-me nas discussões de Pollak (1992, p. 5) quando o autor fala que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. A troca de experiência com as demais profissionais da instituição, tomando como referências as vivências das professoras, as metodologias utilizadas em sala de aula e a minha aceitação como docente, vista na avaliação final do estágio, levaram-me a essa construção, pois antes de passar por essa experiência, tinha muito medo de não está no curso certo, de não ser a profissão desejada.

Em 2016, iniciei uma nova trajetória dentro da universidade cheia de desafios, aprendizagens e emoções, na qual vivi momentos inenarráveis e aprendizagens significativas. Finalizando o quinto período do Curso de Pedagogia, e tendo cumprido o Estágio Supervisionado I na Educação Infantil, algumas professoras incentivaram a minha inserção na docência, pois era muito importante para o meu processo de formação, conhecer a realidade da profissão a qual havia escolhido exercer. O desejo de atuar em sala de aula foi crescendo, e ouvia minhas colegas inseridas no Estágio da Prefeitura, dizendo que era uma oportunidade única de manter o contato com a realidade e da união entre a teoria e a prática. Decidi conhecer como seria esse Estágio, e como fazer para conseguir essa oportunidade.

No mês de junho de 2016, abriu o edital para a seleção de trinta alunos dos cursos de licenciatura para atuarem como bolsista na rede pública de ensino, na cidade de Mossoró-RN, como professor/estagiário para atuar com crianças com Necessidades Educacionais Especiais. Lembro-me que foi uma tomada de impulso a decisão de fazer essa seleção. Os motivos foram a curiosidade de atuar na área e o desejo de poder me inserir mais no ambiente acadêmico, pois estava trabalhando no Rede 10 Supermercados, e não conseguia vivenciar os diversos momentos dentro da faculdade, como eventos, produções acadêmicas e projetos de extensão. Não queria apenas um diploma, e sim uma formação de qualidade, a qual me preparasse para atuar de forma positiva na minha profissão. Fiz minha inscrição e no dia seguinte saiu o número de inscritos. Assustei-me e cheguei a desacreditar na minha aprovação, pois a concorrência era imensa.

No dia da seleção com a equipe da Diretoria de Assuntos Estudantis (DAE), em junho de 2016, lembro-me do grande susto, pois eram muitos candidatos, cerca de 150 inscritos, divididos em dois dias de entrevistas. Ouvia os relatos entre os concorrentes e cada vez mais

tinha a certeza que não passaria. Muitas pessoas já haviam trabalhado como professores titulares de sala, outros já tinham experiências com a Educação Especial. Entrei na sala para a entrevista e o nervosismo tomava conta. Durante a entrevista, perdi o medo e fui respondendo todas as perguntas feitas pelo psicólogo do DAE, buscando teóricos para fundamentar minhas respostas.

A expectativa era grande. Enfim, chegou o dia do resultado e lá estava meu nome na 11ª colocação. Surgiram novos medos e muitas preocupações, pois, por morar em outra cidade, tinha medo de ser lotado em uma escola de difícil acesso e não poder assumir a vaga. Fui resolver toda a parte burocrática e organizar documentos. Nessa época, fui tomado por uma felicidade enorme e ao mesmo tempo um medo se fazia presente, pois tinham muitas dúvidas em minha mente: Como trabalhar com a criança? Qual seria a deficiência do aluno? Como seria recebido na escola? Como seria a aceitação por ser um homem como auxiliar dessa criança? Questionamentos que me amedrontaram, mas era chegado o momento de enfrentar.

Quando cheguei à Secretaria Municipal de Educação, deram-me várias opções de escolas, só eu cursava Pedagogia e uma das secretárias falou da importância da minha presença em uma Unidade de Educação Infantil, e indicou-me a UEI Júlio Galdino Neto para auxiliar uma criança com autismo, e por ficar perto para mim, daria para fazer uso do transporte escolar da minha cidade e evitar gastos. Encaminharam-me à UEI, e orientaram ir antes à instituição para a equipe não ser pega de surpresa. Chegando lá, fui bem recebido pela supervisora pedagógica Dulcineide Cavalcante, que logo de imediato passou todas as coordenadas para o início do meu trabalho com Nilo⁸, uma criança de 4 anos, diagnosticada há pouco tempo com autismo, e a escola estava em processo de adaptação para o trabalho com esse educando.

Meu medo diminuiu ao saber que Nilo era uma criança com autismo, pois já possuía um breve conhecimento sobre a deficiência. Nas primeiras conversas travadas com a professora de Educação Especial e Inclusão, ela havia apresentado o Transtorno do Espectro Autista em uma aula expositiva, mostrando a definição sobre o TEA, suas principais características, o diagnóstico e a questão das limitações das crianças com autismo. A princípio, não conhecia o transtorno, já ouvia falar do assunto, porém era leigo quanto ao espectro. Como requisito para obter nota na disciplina, foi solicitado o aprofundamento em uma deficiência para a realização de uma atividade de campo, a qual iríamos realizar uma entrevista com familiares de crianças com deficiência para acompanhar de perto o seu dia a dia. Escolhi trabalhar sobre o TEA, e vivenciei uma experiência ímpar ao lado de uma criança de 7 anos, na cidade de Baraúna-RN. Pude acompanhar sua rotina, observando suas atividades, seu comportamento e a relação com

⁸ Nome fictício para preservar a identidade da criança com o transtorno do Espectro Autista (TEA).

sua família, tudo em prol do seu desenvolvimento. Fiquei cada vez mais interessado em pesquisar e abordar o assunto. Essa experiência proporcionou-me um grande conhecimento sobre o TEA e auxiliou-me muito no trabalho com Nilo.

Meu primeiro contato com a criança me assustou um pouco, pois ele não queria minha aproximação, mas me confortava, pois, com o conhecimento teórico, eu sabia de sua resistência e teria que lutar um pouco para me aceitar na sua rotina. O apoio da professora titular, Sônia Maria, foi fundamental para meu processo de adaptação na sala de aula, deu-me total liberdade para planejar em conjunto, além de dar dicas de como trabalhar. Seus trinta anos de experiência ajudaram-me de uma forma primordial. Os dias foram passando e fui ganhando espaço com Nilo, a afetividade foi crescendo entre nós e em pouco tempo estávamos bastante apegados um ao outro.

Nilo era uma criança isolada, não gostava de participar das atividades em grupo, não gostava de se comunicar oralmente comigo e os demais, mas algo era fácil de perceber, Nilo possuía uma inteligência diferenciada, pois se destacava nos momentos das atividades individuais, possuía agilidade para terminar as tarefas, conhecia todas as letras e números, tudo isso facilitou meu trabalho. Busquei conhecer Nilo de todas as formas, o que gostava e o que não gostava. Todo tempo em parceria com a família através de conversas, compartilhando momentos de progresso no processo de aprendizagem da criança.

O trabalho inclusivo vai além de inserir o aluno em sala de aula, pois é preciso que estejamos preocupados com todos os impactos possíveis nesse processo. Busquei inserir Nilo em todas as atividades de socialização, incluindo-o nas brincadeiras com as demais crianças, porém como uma das características do autista, ele se mantinha isolado. Em sala de aula, todas as crianças preocupavam-se com o bem-estar dele, e como uma maneira de contribuir ainda mais com essa ligação de afeto entre eles, a todo tempo estava conversando com os demais, explicando sobre a importância de não se fazer muito barulho, pois Nilo se agitava, eu falava sobre o comportamento, pois se eles se comportassem mal, Nilo iria repetir. Havia momentos que mesmo rejeitando, ele acabava cedendo, pois eu colocava uma criança para ir a sua mesa brincar com ele. Era (auto)formativo observar como as crianças de apenas 4 e 5 anos se preocupavam com Nilo, em manter o ambiente propício para a criança, a preocupação em saber se Nilo queria brincar, se já tinha se alimentado ou se precisava ir ao banheiro.

A professora titular caminhou lado a lado comigo nessa experiência, e em nenhum momento me deixou sem ajuda, pois ela reconhecia a importância desse estágio para minha formação docente. A todo tempo deu-me autonomia para estar à frente da sala de aula, podendo contribuir com as demais crianças. A parceria entre mim e a professora foi de suma importância,

pois nunca jogou para mim a responsabilidade de ficar sozinho com Nilo. Em alguns encontros com outros estagiários ouvia relatos dizendo que a professora não ajudava com a criança especial, pois era dever nosso como professor/estagiário ficar com a criança, mas no meu caso, o aluno não era meu, era nosso, a professora estava ao meu lado, incentivando-me nos momentos difíceis.

Uma grande contribuição no desenrolar do meu cotidiano com Nilo, foi o contato com a professora de Atendimento Educacional Especializado, da Escola Municipal Dolores Do Carmo Rebouças. No meu Estágio Supervisionado II, conheci Nara⁹, a professora de Atendimento Educacional Especializado, que me ajudou bastante, passando muitas informações a respeito de como trabalhar com a criança autista. Nara deu várias sugestões de atividades para desenvolver em sala com Nilo, como gravuras ou atividades com seu nome, bem como nomes de elementos de seu cotidiano, colagens, palavras com a letra inicial de seu próprio nome, dentre tantas outras sugestões.

A partir disso, comecei a explorar bastante os recursos disponíveis na UEI, como jogos da memória, quebra-cabeças, jogos tipo lego, trabalhei matemática, cores e os seus nomes, coordenação motora e concentração, jogos e atividades em material concreto que explorassem vogais, alfabetos e números, e de várias formas, bem como músicas e danças. Busquei algo do interesse do educando, trabalhando de acordo com suas limitações, pois Nilo não gostava de estar em contato com os demais colegas, por isso, buscava trabalhar da forma como ele gostava, em sua cadeira, prendendo sua atenção com diversos recursos.

A grande dificuldade de Nilo estava justamente na interação com a turma. No decorrer do ano letivo de 2016, eu e a professora titular, a todo tempo estávamos lutando para conseguir desenvolver essa capacidade de Nilo de socializar com os demais, constantemente inserindo-o nas rodas de conversas, no contato direto com as demais crianças, incentivando as outras a conversar com Nilo. Com o passar do tempo, os avanços eram notórios, pois Nilo começou a construir um laço afetivo com Cici¹⁰, uma menina de sua idade, e já conseguia brincar, andar com ela na escola. Era lindo ver a aproximação dos dois, pois ele todos os dias queria sentar-se perto da menina. Passamos a desenvolver a prática de socialização com as crianças da sala de aula e em especial com Cici, para conseguir acalmá-lo, pois nos momentos de agitação, Cici dirigia-se até ele, e segurava em sua mão, trazia e se sentava em sua mesa.

⁹ Nome fictício para a professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE, em respeito à preservação de sua identidade

¹⁰ Nome fictício para preservação da imagem da criança citada na pesquisa.

O comportamento de Nilo oscilava. Em seus dias de calma conseguíamos desenvolver todas as atividades propostas, mas em alguns momentos, Nilo chegava na sala agitado, com algumas atitudes diferentes, e demonstrava um comportamento que exigia leituras sobre o autismo para que não considerássemos, de forma apressada, como agressivo. De início, cheguei a me assustar com seu comportamento, mas ao longo de todos os estudos sobre o espectro, já conseguia compreender o porquê do comportamento. Com o passar dos dias, fui notando que era uma maneira para chamar minha atenção, pois ele não aceitava quando eu me aproximava de outra criança, e vinha para cima de mim com empurrões ou puxava meu braço.

Nas rodas de conversas, Nilo permanecia sentado como as demais crianças, mas não socializava o seu dia a dia em casa, pois ele não gostava de falar. Nilo entendia todas as perguntas feitas, apenas não fazia uso da oralidade para se expressar. Durante todo o ano, Nilo fez acompanhamento com a fonoaudióloga de uma instituição privada, e havia a parceria entre a escola e os profissionais que faziam parte do seu cotidiano. A fonoaudióloga, por exemplo, passava-me importantes informações de como estimular a criança a desenvolver sua comunicação oral em sala de aula. Para mim, foi um momento riquíssimo quando a fonoaudióloga disponibilizou-se a vir à sala de aula, nos passar diversas formas de como se trabalhar com Nilo.

A partir disso, nosso trabalho começou a se desenvolver de forma positiva, pois nas consultas, a médica trabalhava com situações do dia a dia escolar, como a contação de história. Em pouco tempo, ele já conseguia falar pequenas frases, chamava-me pelo nome, conseguia descrever suas necessidades e já se comunicava com os demais colegas. A criação da rotina escolar foi fundamental, pois consegui ter mais controle sobre Nilo, pois ele aprendeu a sequência das atividades desenvolvidas a cada dia. Construir sua própria rotina parece que o tornou mais autônomo, e era incrível, pois ele sabia a hora exata para cada atividade.

O ano de 2017 foi praticamente todo novo para Nilo: a mudança de sala, a mudança de alguns colegas e o longo período de férias fizeram alguns progressos regredirem. Os primeiros dias de aula no Infantil II, sala de alfabetização, foram bastante intensos, pois ele não queria permanecer na sala, não tinha um vínculo afetivo com a nova professora, até comigo devido ao tempo distante, Nilo mostrou resistência. Seu comportamento de agitação começou a aparecer novamente, em um dos dias, ele chegou a quebrar os óculos da professora titular e começou a querer me morder e cuspir.

Foram dias difíceis e precisava de minha total atenção, pois existia uma grande dificuldade. A nova professora embora com vários anos de experiência nunca tinha lecionado para uma criança com autismo, e também não conhecia o TEA, assustava-se com os

comportamentos de Nilo, e isso levou a criar uma barreira entre professora e aluno. Com o passar dos dias, Nilo já queria se aproximar da professora, mas devido a alguns fatos ocorridos, ela tinha resistência em se aproximar do menino. Foi um momento bastante difícil para mim, pois não conseguia manter uma parceria, era como se Nilo fosse meu aluno, e as demais crianças fossem seus alunos.

O dia a dia em sala de aula com uma criança autista é uma tarefa desafiadora, e ao mesmo tempo gratificante ao ver cada avanço da criança. De início, ficamos um pouco assustados, mas só é possível desenvolver um trabalho de qualidade, se estivermos em constante busca de conhecimentos para obtermos resultados positivos.

Além do encontro com o Transtorno do Espectro Autista, a experiência como professor/estagiário teve a duração de quase dois anos e oportunizou-me um grande aprendizado, participei de formações na escola, dentre elas uma formação com a temática de musicalização na Educação Infantil, com a professora Núzia Roberta. Além de ganhar muita experiência, a partir das práticas das professoras, minhas colegas de trabalho, bastante dedicadas ao trabalho, não mediam esforços para me ensinar como lidar com as situações em sala de aula.

Foto 05: Atividade com Nilo- professor/estagiário



Fonte: Acervo do autor (2017)

Nos últimos semestres do curso, ainda em 2017, a partir das experiências e incentivo de alguns docentes da Faculdade de Educação - FE, nasceu em mim o desejo de uma formação continuada para atuação como professor universitário. No ano de 2017, no 8º semestre, decidi participar da seleção do Programa de Iniciação a Monitoria-PIM. De acordo com a ementa, “a

monitoria é compreendida como uma atividade acadêmica que subsidia o ensino de graduação, propondo novas práticas formativas com a intenção de articular os componentes curriculares dos Projetos Pedagógicos de Cursos - PPCs”. Dentre as vagas disponíveis, inscrevi-me para a monitoria da disciplina Antropologia e Educação, ofertada pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação. Fiz todo o processo seletivo e fui selecionado para atuar como monitor da disciplina, a aula acontecia às terças-feiras

. Durante a monitoria, oportunidades foram abertas para estudar e discutir leituras importantes para a formação dos alunos, a exemplo do texto “O que é educação?”, do autor Carlos Rodrigues Brandão, bem como a preparação do material para as aulas expositivas, além de auxiliar os alunos nas dúvidas referentes aos conteúdos e atividades. Enfatizo esse momento como único e decisivo para decisões do que iria seguir após a conclusão do curso. Viver ao lado da professora Ana Lúcia Aguiar fez-me abrir os olhos e ver minhas potencialidades, fez-me querer ir além do diploma da graduação. A troca de conhecimento com os alunos foi muito importante, poder contribuir com o aprendizado dos novos discentes do Curso de Pedagogia, ajudando a passar por todo processo formativo por mim vivenciado foi um momento gratificante.

Para finalizar o curso, tive como atividade final a escrita da monografia, trabalho final do curso. Decidi escrever sobre minha experiência como professor/estagiário, analisando por meio das narrativas (auto)biográficas as contribuições do professor/estagiário no processo de inclusão e aprendizagem de uma criança com Autismo, e convido a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar para me orientar na construção da pesquisa. Intitulado *O autismo e o olhar sensível do professor/estagiário: uma pesquisa (auto)biográfica entre o que se vê e o que se sente no processo de inclusão com um aluno autista*, a pesquisa trouxe contribuições no âmbito acadêmico, social, pessoal e profissional. Através do trabalho, vivenciei o momento de autoavaliação, e, por meio das narrativas, construí meu processo de (auto)formação, refletindo sobre pontos positivos e negativos da minha prática com professor/estagiário.

Finalizei a graduação com a certeza de que era só o início, e precisava voltar à academia para dar continuidade ao curso de pós-graduação. Havia chegado o momento do tão sonhado diploma. Olho para trás e percebo a importância de cada experiência vivida, pois tudo foi momento de grande aprendizado, seja pessoal ou profissional. O primeiro da família a concluir o Ensino Superior, oriundo da zona rural, vencendo os limites para alcançar o grande sonho de ser graduado.

Foto 06: Colação de grau 2018**Fonte:** Acervo do autor (2018)

No início de 2018, ingressei no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC, como aluno especial da disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, ofertada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Vivenciei diversas experiências ao lado da professora e dos demais alunos, alguns faziam parte do Mestrado na turma regular, e impulsionavam-me a participar do processo seletivo para ingressar efetivamente como aluno regular. Enfatizo a importância do seminário sugerido pela professora, pois me ajudou na quebra da timidez, bem como a experiência de gravar um documentário para obtenção da nota final, proporcionando-me a oportunidade de conhecer a realidade do dia a dia de Adailton Santos, um jovem com deficiência física na cidade de Baraúna - RN.

As discussões realizadas em sala, com os textos de Pollak (1992), Bueno (2002) e Josso (2004) foram primordiais para construção do meu anteprojeto de mestrado, e para conhecer ainda mais o método (auto)biográfico. Antes de finalizar a disciplina, foi aberto o edital para seleção de alunos regulares do Programa. Com a ideia em mente da pretensão de pesquisa, inscrevi-me para tentar uma vaga como aluno regular, obtendo sucesso e sendo aprovado na linha de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, com a orientação da Professora Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim, e em seguida, após reflexão sobre a proposta que trazia em meu anteprojeto de pesquisa, chegamos à conclusão que eu iria ser orientado pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

Na frase “Ser ou não ser, eis a questão”, escrita por William Shakespeare, em sua peça de teatro “Hamlet” (1599), falada e interpretada por Hamlet, o personagem utiliza a frase para

referir-se ao sentido de continuar vivendo em uma vida cheia de tortura e sofrimento ou morrer e ser liberto desse sofrimento. Nessa perspectiva, “o ser ou não ser” torna-se uma forma de agir, de tomar a decisão sobre algo.

Utilizo-me dessa concepção justamente para dar essa ideia de ação e decisão em minha vida, no sentido de escolher qual seria minha profissão. Como já mencionado, o momento de decidir o caminho a seguir, é muito difícil, afinal, a profissão é algo que iremos exercer pelo resto da vida, construindo a identidade profissional a partir das experiências e da formação. Meu desejo desde adolescência era ser professor e por algum tempo chegou a ser adormecido pela curiosidade de conhecer outras profissões e o contato com profissionais de diferentes áreas. Com a entrada no Curso de Pedagogia, comecei a construir minha identidade profissional, constituindo-me pedagogo a partir das experiências formadoras, vivenciadas no meu percurso de formação.

Nesse percurso, encontro-me e apaixono-me pelas temáticas da Educação Inclusiva, com ênfase no autismo. Costumo dizer que não escolhi permear por esse caminho, mas minha trajetória acadêmica guiou-me para o encontro com o Transtorno do Espectro Autista. Após toda essa vivência, sinto a cada dia a necessidade de ir além. O diploma de graduado já não me satisfazia, e foi preciso ir além, ser mestre, em seguida, doutor, bem como ir além dos muros da universidade, levar comigo a marca de uma formação de qualidade, contribuindo com a sociedade e com práticas inclusivas.

1.4 O método (auto)biográfico no percurso de formação e o encontro com o objeto de estudo

Escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um método de pesquisa para interpretar o cotidiano e a prática profissional do sujeito. No campo da Educação, as narrativas (auto)biográficas constituem-se como um método de construção do conhecimento, baseando-se na reflexão do fazer pedagógico e na resignificação da própria ação.

Até o ano de 2013, ao ingressar na universidade, não tinha nenhum conhecimento sobre o método de pesquisa (auto)biográfica, entretanto, se fizermos uma viagem nas lembranças, iremos perceber que as histórias de vida e narrativas estavam presentes em meu cotidiano desde minha infância, quando me sentava para ouvir as narrativas dos meus avós ou dos vizinhos. A curiosidade em saber sobre as lutas e o processo de superação das dificuldades encontradas na vida é algo que carrego comigo, e, após conhecer esse método, passo a compreender melhor os sentidos das narrativas para os diferentes sujeitos.

O meu primeiro contato com o método (auto)biográfico aconteceu no ano de ingresso na universidade, no período de 10 a 12 de dezembro de 2013, quando participei do *I Encontro Regional de Narrativas (Auto)biográficas (ERNAB)- Povos do mar: memória, formação e história oral*, realizado sob a coordenação da professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com o objetivo de promover o debate e a socialização de saberes, de fazeres e de experiências locais, a partir de narrativas de sujeitos que tiveram seus conhecimentos e histórias silenciadas, como os povos do mar, quilombolas, entre outros. O encontro contribuiu para união entre o conhecimento científico e acadêmico, com o conhecimento de pessoas para além dos muros da universidade, realizando encontros com toda a comunidade acadêmica, entendendo que a graduação pode fortalecer o diálogo entre suas fronteiras, abrindo portas para a promoção da formação do sujeito. No evento, vivenciei grandes experiências e ouvi as narrativas de pescadores da praia de Redonda - CE. A conferência de abertura com o tema “Educação, Memória e Formação: Saberes e Aprendizagens em Contextos Locais”, realizada na Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte, contou com os conferencistas o Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite (UFPB) e o Ms. Cleilton da Paz Bezerra¹¹. Foi um momento de muitas aprendizagens, pois oportunizou-me conhecer a (auto)biografia como um método de estudo e pesquisa e despertou-me o desejo de aprofundar-me nesse método.

Esse desejo ficou interiorizado, mas devido às atividades acadêmicas o desejo em pesquisar mais sobre o método (auto)biográfico adormeceu e priorizei outros afazeres acadêmicos. No período de 02 a 04 de dezembro de 2015, aconteceu a segunda edição do evento, *II Encontro Regional de Narrativas Autobiográficas- Povos do Campo: Memória, Saberes, Tradição*, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sob a coordenação da Prof.^a Dra. Ana Lucia Oliveira Aguiar. O evento trazia na sua proposta a perspectiva de ouvir as narrativas de sujeitos do campo que possuem suas histórias de vida marcadas pelo cheiro da terra, a dor e a alegria do trabalho, pela força dos movimentos sociais, pelo sentimento, pela pertença e pela identidade campesina. O II ERNAB apresentou o campo como uma teia de significados tecida por homens e mulheres comuns, como um lugar diverso, dinâmico, vivo, com conflitos e conquistas pelos direitos de seus povos. Buscou dar espaço e evocar as vozes protagonistas do campo para a vida acadêmica; valorizar os ensinamentos dos mestres da vida e da terra; reconhecer os saberes dos inúmeros alunos que vieram do campo; estabelecer o diálogo dos homens e mulheres imbuídos dos saberes e fazeres do/no campo.

¹¹ Na ocasião, apresentou-se como diretor do Grupo Flor do Sol da comunidade de Redonda - Icapuí/CE.

O evento contou, em sua conferência de abertura realizada no Hotel Villa Oeste, com a participação do conferencista João Luiz Joventino Nascimento¹² e trouxe como tema “Povos do campo, memórias, saberes, tradição”, um momento de troca de aprendizado entre os acadêmicos e os camponeses que vivem longe da realidade universitária. A partir da participação dos eventos, comecei a entender o sentido do uso do método (auto)biográfico nas pesquisas acadêmicas, a quebra de barreiras, e a abertura de espaço para o sujeito de saberes comuns que estão fora dos muros da academia, há muito tempo silenciado. O método preocupa-se com o dia a dia do sujeito e o modo como ele cria a sua realidade, procura entender os seus esforços e a maneira como utiliza estratégias para analisar uma situação e agir. Como aponta Passegi (1999, p. 1):

Esse novo paradigma, que se consolida nos anos 80, preocupa-se com as representações do sujeito e a maneira como ele constrói a realidade, interessa-se sobre os seus esforços cognitivos e a maneira como utiliza estratégias para analisar uma situação e agir e consequência, com o outro e sobre o outro.

Comecei a pesquisar sobre (auto)biografia no ano de 2016, durante o 6º período da graduação, em conversa com o professor Alex Gadelha¹³, a qual vinha desenvolvendo pesquisas nessa perspectiva, relatei o interesse em trabalhar esse método na minha pesquisa de conclusão do curso, e convidei-o para ser meu orientador. O professor informou que, infelizmente, não teria como, porque no período do desenvolvimento de minha pesquisa ele não estaria mais na universidade. No entanto, ele propôs a ideia de procurar a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, ministrante da disciplina Antropologia e Educação do Curso de Pedagogia/UERN. Segundo ele, a docente tinha total domínio sobre o método, pois ela o orientou em sua dissertação de mestrado. Mesmo não conhecendo a professora, fiquei decidido a procurá-la e fazer o convite para ser minha orientadora. Para minhas colegas de turma, era algo impossível a aceitação da orientação na pesquisa, pois a professora não me conhecia e não sabia do meu engajamento como aluno. Em conversa com alguns colegas, soube que a docente buscava orientar pesquisas que sinalizassem para um engajamento social, e que o aluno demonstrasse pertença com o estudo e com programas formativos dentro e fora da universidade.

¹² Conhecido como “João do Cumbe” representante dos movimentos de luta e resistências do Quilombo do Cumbe, Município de Aracati/CE.

¹³ Ingressou no Programa de Pós-graduação em Educação- POSEDUC, trazendo em sua proposta de pesquisa o uso da metodologia (auto)biográfica, sob a orientação da Prof.^a Ana Lúcia Aguiar, PhD em Educação. Concluiu o mestrado em 2013 com a pesquisa intitulada “O sujeito professor e sua trajetória (auto)biográfica para o processo de inclusão digital na escola”, obtendo aprovação com louvor.

Lembro-me bem que, no 21 de fevereiro de 2017, procurei a supracitada professora para fazer o convite. De início, fui com aquele receio, seria meu primeiro contato com Ana, Cheguei tímido, apresentei minha proposta de pesquisa e falei do interesse em tê-la como minha orientadora. Algo marcante em nossa primeira conversa foi quando a professora olhou em meus olhos e me lançou a seguinte pergunta: “Você tem disciplina quanto ao cronograma de estudo?”. Naquele momento pude perceber seu interesse e ao mesmo tempo o compromisso e responsabilidade com a produção acadêmica, buscando em seus alunos o dever e a disciplina com os princípios acadêmicos. Após minha resposta, Ana me pediu para enviar um e-mail apresentando minha proposta de estudo. Em seguida, a professora respondeu o e-mail com uma variação de textos para fundamentar a pesquisa e a preparação do meu projeto de monografia, tanto sobre a educação inclusiva, como sobre o método (auto)biográfico.

O primeiro texto lido sobre o método (auto)biográfico foi da escritora Belmira Bueno, escrito em 2002, intitulado “*O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*”, tratando de questões teóricas e metodológicas relacionadas às abordagens (auto)biográficas. No desenvolvimento da escrita, a autora faz uma contextualização do surgimento do método na década de 20 nas escolas em Chicago, trazendo em suas discussões o teórico Fraco Ferraroti (1988, p. 20), segundo ele, o método surge a partir da necessidade de uma “renovação metodológica”. O artigo traz questões sobre o método e o seu declínio. A autora ressalta que partir dos anos 80 o método (auto)biográfico começou a ganhar força nas pesquisas que pretendiam falar sobre a história de vida dos professores. A leitura desse artigo proporcionou-me conhecer de perto o percurso histórico do método nas pesquisas acadêmicas, compreendendo seus momentos de sucesso e declínio.

Outro texto que me auxiliou sobre a utilização das histórias de vida nas pesquisas foi o da autora Verena Alberti, escrito em 2005, intitulado “*Manual de História Oral*”. A escritora inicia explicitando que “fazer História Oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas”. Simplesmente não podemos pegar qualquer sujeito, entrevistá-lo e classificar como uma pesquisa. Segundo Alberti (2005, p. 29), quando se pretende usar a história de vida como método de pesquisa:

Não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é precisa haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa

a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado.

A construção do projeto de pesquisa serviu para que pudéssemos definir realmente como seria nosso percurso metodológico e nossa pergunta de partida sobre a pretensão de pesquisa. Chegamos à conclusão de realizarmos, por meio das narrativas e história de vida, a exposição de uma experiência vivenciada por mim, como aluno do Curso de Pedagogia, com ênfase na Educação Especial em uma unidade de Educação Infantil. Ressaltei a importância do auxiliar de sala para o desenvolvimento da criança com autismo, evidenciando momentos desafiadores e as superações conquistadas. Durante a realização da pesquisa, a cada dia apaixonava-me mais pelo método, além de me proporcionar a recordação dos melhores momentos de minha formação, a pesquisa oportunizou-me viver um momento de autoavaliação. A autoavaliação é um processo baseado na valorização de si mesmo, na própria capacidade que se dispõe para tal tarefa ou atividade, assim como também a qualidade do trabalho desenvolvido, especialmente no âmbito pedagógico. O sujeito se autoavalia, tomando em suas mãos o processo de valorização de suas próprias condutas, ideias e conhecimentos.

A escrita das narrativas exige bastante esforço do sujeito em sua construção, resultando em lembranças organizadas linearmente ou não. Para Josso (2004), a narrativa escrita permite ao sujeito passar por um processo de busca das experiências no seu interior para chegar aos acontecimentos e fornece estado de espírito, sensibilidade, pensamentos a propósito de emoções, sentimentos, assim como atribuições de valores.

A escrita de uma narrativa provoca interrogações em quem escreve, e a veracidade do que se escreve está justamente na habilidade de evocação do artista-narrador. Na escrita de si, cada um avalia sua identidade, as influências recebidas e as opções e escolhas feitas. Como nem tudo pode ser contado, é pertinente trazer as experiências mais significativas, aquelas que contribuíram para a construção identitária do sujeito. Em outras palavras, “a autenticidade da narrativa reside mais na pertinência das escolhas operadas em função da orientação dada à narração do que na sua exaustividade” (JOSSO, 2010, p. 205).

As narrativas escritas são um exercício para a memória, pois é o momento de o sujeito refletir sobre as mais diversas aprendizagens, conhecimentos, questionamentos, que, muitas vezes, nem lembrava. No ato da escrita, portanto, pensar e refletir sobre o seu processo, podendo assim, ir muito além do que se imaginava. Na escrita narrativa, lembrar é uma atividade que leva o sujeito a rever os fatos vividos e passados. No entanto, nem sempre a escrita sairá da

maneira como aconteceu, pois, as lembranças e algumas fatos podem ser esquecidos, deixados para trás.

O conhecer a si mesmo concede ao indivíduo compreender como ele se forma por meio de um conjunto de experiências. A trilha do caminhar para si é um projeto a ser construído ao longo da vida, mas, para isso, é preciso uma tomada de consciência, a fim de conhecer as características da sua subjetividade em exercício. Para Josso (2010, p. 86), esse (auto)conhecimento provoca um reexaminar da sua caminhada, com o objetivo de:

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação, para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal.

Em síntese, resgatar memórias torna as categorias memória e formação elementos articuladores de atividades, como uma ponte, permitindo o acesso ao que se passou na trajetória de vida, possibilitando estabelecer novos modos de sociabilidade e novas formas de compreender a sociedade. No intuito de continuar a extrair novos aprendizados, relacionando-os à minha formação, trago a seguir relatos de outra experiência. Nesse sentido, utilizo as minhas narrativas como método para me (auto)avaliar. Esse momento reflete sobre minha atuação como professor/estagiário, lembrando o meu dia a dia com a criança com autismo e minha prática docente como agente contribuinte no processo de inclusão. Busquei resgatar lembranças do meu cotidiano, refletindo momentos importantes para a minha vida profissional. Eu, como narrador da minha própria história, através da (auto)avaliação, fazendo uma viagem na minha experiência, buscando elementos significativos na minha formação.

Durante o processo da construção da monografia, entrei no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias, (Auto)biografias e Inclusão (GEPemABI). De acordo com o Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo tem objetivo geral de estudar, pesquisar, analisar e discutir diferentes aspectos do desenvolvimento humano, aprendizagem, cultura, modos de vida e formação em contextos locais com vistas a otimizar, aprofundar, ampliar seus estudos, alargando-os quanto à dimensão da socialização e troca de experiências, na realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão na Educação Superior. Participar do grupo de pesquisa aproximava-me do método

(auto)biográfico, a troca de experiências com outros discentes e docentes que utilizavam o método em suas pesquisas fazia-me apaixonar-se cada dia mais.

Cada orientação, troca de e-mail, processo de correção e a famosa expressão usada por Ana, “estourar os balões”¹⁴, contribuíram muito com meu processo de formação. Conseguimos, em dois meses e meio, construir um trabalho com grande relevância para a academia, a comunidade e o processo formativo de futuros pedagogos. Outra experiência com o método, foi durante a experiência como monitor da disciplina Antropologia e Educação, ofertada pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, a qual oportuniza aos alunos ingressantes do Curso de Pedagogia o primeiro contato com o método, expondo alguns textos de sua autoria, trazendo em sua metodologia a pesquisa (auto)biográfica. Uma atividade que chamou minha atenção foi o fato dela propor aos alunos um trabalho com as narrativas, levando os discentes a realizarem momentos de narrativas com os auxiliares de serviços gerais da UERN, conhecendo um pouco a trajetória de vida, o cotidiano e as experiências vividas.

Foto 07: Orientação da Monografia com a professora Ana Lucia Aguiar



Fonte: Acervo do autor (2017)

Ao ter essa experiência com a pesquisa (auto)biográfica, decidi continuar os estudos sobre e com o método. No começo de 2018, tentei ingressar como aluno em caráter especial, no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), da UERN, na disciplina de Memória, Formação e Pesquisa (auto)biográfica, ofertada pela professora Ana Lúcia Aguiar. Com a aprovação, durante o semestre, vivenciei múltiplas experiências, adquirindo ainda mais

¹⁴ Expressão usada pela professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, referente ao processo de correção da escrita. O “estourar balões” é o momento de corrigir o que foi proposto por ela em seus comentários ao lado da escrita nos balões.

conhecimento a respeito do método. A disciplina oportunizou-me conhecer novos teóricos e novos olhares acerca da (auto)biografia, o contato com autores como Pollak (1992), Josso (2004) entre outros, levaram-me a compreender ainda mais o método.

Em maio de 2018, decidi participar do processo seletivo para aluno regular do Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Uma das etapas do processo foi a elaboração do anteprojeto de pesquisa. Passeando em meio as minhas memórias, na busca por um possível objeto de estudo, recordo-me de minhas indagações feitas durante minha experiência como professor/estagiário, quando me pegava questionando sobre a participação da família no processo de inclusão de crianças com autismo. A família é umas das instituições sociais que desempenham uma função inigualável em nossas vidas. Nela nascemos, recebemos amor, carinho, educação e somos incluídos em uma cultura. Nela, também aprendemos princípios de moral e ética que nos guiarão e dirão muito sobre quem somos. Nossos pais são responsáveis por nossa primeira educação, e no seio de nossa família adquirimos um conjunto de conhecimento dos quais serão aprofundados posteriormente.

A relação família e escola é primordial para o desenvolvimento do autista, Cunha (2014, p. 89) ressalta que:

[...] escola e família precisam ser concordes nas ações e nas intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental. Isto significa dizer que a maneira como o autista come, veste-se, banha-se, escova os dentes manuseiam os objetos os demais estímulos que recebe para seu contato social precisam ser consoantes nos dois ambientes.

Os pais de crianças com autismo encontram diante de si um longo caminho de obstáculos na educação de seus filhos, e a participação da família, nesse processo, é determinante no avanço educacional dessas crianças. A família precisa manter uma boa interação com a escola, pois isso representa um fator positivo para a inclusão escolar dos filhos, e são os pais que possuem conhecimentos e experiências para ensiná-los. A família, em especial as mães, é quem melhor conhece a criança, porque a acompanhou desde seu nascimento e, dessa maneira, a criança sente-se mais segura estando próxima da sua família.

A família de Nilo fez-se presente no processo de ensino/aprendizagem e em seu processo de inclusão, procurando manter a parceria entre eles e a escola, para que seu filho pudesse participar de todas as atividades ofertadas pela UEI. Como já relatei, conversei com a mãe de Nilo para conhecê-lo melhor. Era clara a maneira como sua mãe preocupava-se com o desenvolvimento de Nilo na sala de aula. Era ciente de todos os direitos de seu filho, em uma

de nossas conversas ela relatou o quanto foi difícil para ela o processo de diagnóstico do seu filho, mas soube assumir seu papel de lutar pelos direitos para ele ter acesso a tudo de maneira igualitária. Uma de suas lutas foi conseguir com a Secretaria Municipal de Educação a presença do professor/estagiário dentro de sala de aula, pois ela via a necessidade de seu filho possuir uma atenção especial.

No início, incomodei-me um pouco com a tamanha pressão da mãe, pois achei um pouco invasiva, mas, no decorrer do tempo, percebi que ela estava apenas preocupada com o desenvolvimento do seu filho, e percebi também o quanto sua participação ativa contribuía com o processo de inclusão da criança. Todos os dias ela procurava saber como estava o seu comportamento em sala de aula, se tinha conseguido desenvolver as tarefas, se estávamos precisando de alguma coisa para ajudar em sala, todo esse engajamento só veio a somar no nosso dia a dia na escola.

A preocupação com o desenvolvimento do seu filho era notória. Em alguns momentos, foi preciso eu interferir, pois ela cobrava muito por parte da criança. Lembro-me que ela veio me perguntar se eu achava necessário um reforço escolar para Nilo. Nesse momento, eu a chamei em um local reservado, e expliquei sobre seu filho ser uma criança muito inteligente, e para sua idade e limitações ele era destaque entre os demais. Por isso, pedi que ela deixasse para exigir mais dele no futuro, quando houvesse realmente a necessidade. Nessa conversa, obtive resultados positivos, pois ela começou a entender o tempo da criança, e como mantivemos essa parceria, nossos diálogos eram bons, abertos à aceitação da opinião de ambas as partes.

Por se tratar de uma família com nível de graduação, já conhecia na prática os direitos de seu filho, como também os deveres que a escola precisava cumprir, como receber a criança e garantir a permanência de Nilo na sala. Um determinado dia, a diretora colocou-me para assumir uma sala de aula durante uma semana, alegando que Nilo não necessitava de um auxiliar direto, e sua mãe foi até a Secretaria e apresentou a situação, pois ela era conhecedora do direito do auxiliar para seu filho. A participação da família nesse processo, em diálogo com a professora titular, eu (professor/estagiário) e a parte administrativa da UEI foi de grande importância, pois a parceria com todos os responsáveis por esse processo, cada um reconhecendo e cumprindo seu papel, foi fundamental para o desenvolvimento de Nilo.

Quando me questionei sobre esse movimento de participação da família na escola, vi a possibilidade de um objeto de estudo. Lembrei-me, em uma conversa com a mãe de Nilo, que ela ressaltou a dificuldade de aceitação no processo de diagnóstico, em sua fala, enfatizou que é um impacto muito grande para qualquer mãe receber o diagnóstico, pois não esperava até

porque, desde o nascimento do seu filho, ela e o esposo tinham muitos planos para Nilo. Em suas narrativas, ela falou sobre o choro, mas ao mesmo tempo, percebeu a necessidade de não se fechar ao sentimento de tristeza, e sim correr atrás em busca do sucesso de seu filho, que apesar de suas limitações, pode ir muito longe.

Decidi, propor a pesquisa sobre o processo de inclusão escolar de crianças com autismo, a partir do olhar materno, conhecendo as barreiras encontradas e as experiências de superação ao longo desse processo. Escolhi as mães como sujeitos desta pesquisa, pois, no processo de educação dos filhos, elas se fazem presente no cotidiano escolar, nas reuniões, para receber reclamações, pois elas sentem na pele os desafios encontrados desde o processo de diagnóstico, de aceitação e de luta pelos direitos de suas crianças.

As narrativas (auto)biográficas têm um propósito fundamental nesta pesquisa: possibilitar vez e voz à pessoa-sujeito da investigação, oportunizando-lhe aprender, crescer e se desenvolver a partir de suas experiências pessoais, profissionais e formativas. Salientamos que esse processo busca trazer à tona um passado vivido, na intenção de compreender e aprender com as vivências, as memórias, as experiências e os momentos, sejam eles bons ou ruins. A relação entre as narrativas (auto)biográficas das mães e o arcabouço teórico base para a construção desta pesquisa busca desencadear reflexões sobre a importância da história de vida de cada sujeito no processo de (re)construção de si.

A nossa pesquisa com as mães de crianças com autismo mostra-se singular no Programa de Pós-graduação em Educação, pois constatamos que, dentre os estudos já finalizados, não existe nenhuma dissertação trazendo em sua metodologia o sujeito materno. A partir disso, pretendemos, por meio desse estudo, enfatizar as histórias dessas mulheres, mães que lutam pelo direito de inclusão de seus filhos. A pesquisa contribuirá para que outras mães de crianças com autismo despertem esse olhar sobre o processo de inclusão educacional de seus filhos, e, através das narrativas dos sujeitos de nosso estudo, possam superar as barreiras encontradas no caminho.

Nesse tópico apresentei minhas experiências com o método (auto)biográfico iniciando na graduação e, posteriormente, nos estudos no grupos de pesquisa, bem como minha aprovação no Mestrado em Educação. Apresentei também meu encontro com o objeto de estudo, que surgiu a partir de uma experiência por mim vivida: o quanto é importante a participação da mãe no processo de inclusão escolar de seu filho com autismo.

Neste capítulo, minha história de vida foi contada para atender ao primeiro objetivo específico, *Narrar minha (auto)biografia, com ênfase nos momentos importantes do percurso de formação pessoal e acadêmica e o encontro com o objeto de estudo e o método*. Esse capítulo

apresenta ao leitor meu percurso de vida, formação acadêmica e profissional, com foco nos momentos de aproximação com o tema da pesquisa e do método assumido em nosso estudo, bem como o caminho teórico metodológico utilizado nesse primeiro momento.

CAPÍTULO 2: “UMA VIAGEM INESPERADA”: SER MÃE DE CRIANÇA COM AUTISMO, ASSUMINDO A MISSÃO ESPECIAL

Enunciava-se uma longa lista de deveres a que nenhuma mãe deveria se furtar. Prova sem dúvida de que a natureza precisava ser solidamente respaldada pela moral! [...] Esse texto tem o mérito de pôr fim ao mito da felicidade feminina no sacrifício, e de substituir claramente o tema do instinto pela moral (BADINTER 1985, p. 269).

A partir da leitura desse trecho, podemos interpretar a ideia da autora em sua discussão sobre o fato da mulher antigamente se sentir obrigada a se constituir mãe a partir de uma pressão ideológica, e esse sentimento de “ser mãe” não era constituído de forma natural, com desejo e afeto. Para essas mulheres a maternidade representa culpa e frustração. Culpa no sentido de ser mulher e ter o dever de ter filho, e frustração em relação ao fato de não ter o direito de escolha.

Baseando-se na interpretação da ideia de Badinter (1985), interligamos com o objetivo do segundo capítulo, a qual pretendemos descrever, por meio das narrativas (auto)biográficas de mães de crianças com autismo, como se procede o percurso e a constituição da maternidade para essas mulheres, apresentando o sentimento de “ser mãe” para cada sujeito participante em sua singularidade, evidenciando as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre esse sentimento materno, e como a mulher se sente nos dias atuais ao descobrir que está grávida. Apresentaremos o percurso do diagnóstico e as barreiras encontradas no processo de inclusão escolar de seus filhos.

No decorrer do capítulo, apresentaremos uma historicidade do “ser mãe” em diálogo com autores como Ariés (1981) e Badinter (1985), nossa base teórica para falar sobre o processo de constituição da maternidade para a mulher desde a antiguidade. A partir das leituras dos autores, podemos voltar no tempo e perceber que nem sempre houve esse sentimento envolvido entre mãe e filhos, era bem diferente da atualidade, não existia esse cuidado e afeto da mãe para criança. Iremos apresentar narrativas de mães de crianças com autismo, com a pretensão de interpretar o que essas mulheres/mães entendem sobre o “ser mãe”, por meio de suas narrativas, iremos apresentar o sentimento que surge no momento da descoberta da gravidez, o verdadeiro sentido de ser mãe, e o processo de descoberta do espectro, bem como as dificuldades encontradas ao longo do caminho.

Apresentaremos narrativas de como acontece o processo de diagnóstico, o embate na aceitação, o medo, a insegurança de ser mãe de uma criança com autismo, o momento de luto vivenciado pela família, em especial pela mãe. Traremos considerações sobre o papel da mãe

na vida escolar das crianças com autismo, e a responsabilidade que elas carregam sobre a inclusão de seus filhos na escola. Desde os primórdios, escutamos muito sobre a responsabilidade da mãe no processo de educação dos filhos. Isso acontece graças ao papel que foi designado à mulher de ficar em casa e cuidar das crianças, enquanto o pai vai trabalhar em busca do sustento. A mãe ganha destaque nesse processo, pois é ela que deixa na escola, participa de reuniões escolares e outras atribuições dentro da vida escolar de seus filhos.

Apresentaremos narrativas das mães sobre a caminhada pela pretensão da inclusão escolar de seus filhos através do relato das dificuldades encontradas nesse processo. A luta pela inclusão escolar de crianças com autismo é uma longa caminhada, a qual é cheia de barreiras a serem enfrentadas, portanto, a mãe precisa caminhar ao lado do seu filho nesse percurso. As mães, com um olhar sensível e o sonho de ver seus filhos com autismo serem incluídos dentro das salas de aulas regulares, com as mesmas oportunidades e direitos que os demais, travam lutas constantes para romper barreiras ao longo dessa caminhada. Quais as barreiras encontradas no processo de inclusão? É a partir dessa pergunta que pretendemos, por meio das narrativas maternas, expor as dores e angústias vivenciadas pelas mães ao longo desse trajeto.

2.1 Ser mãe: um novo sentimento, uma nova trajetória

Ser mãe

Ser mãe é dádiva de Deus
 Ser mãe é tocar o céu
 Ser mãe é o maior presente
 É ganhar o maior dos troféus...
 Ó Deus me ensina a ser boa mãe
 (ARYDES, 2013)

Ao interpretarmos o trecho dessa música, podemos perceber a constituição da maternidade como algo divino, sendo o filho considerado para muitas mães como um presente de Deus em suas vidas. Nesse sentido, a letra da canção remete a maternidade como algo da natureza, em que a mulher carrega a dádiva de procriar. Entretanto, será que sempre foi assim?

Para falar sobre o “ser mãe”, é preciso estudar aspectos históricos da maternidade para percebermos as mudanças na relevância dada à mãe e às formas da função materna relacionadas às mudanças sócio-histórico-culturais pelas quais passaram a família. Essa revisão faz-se necessária para acompanharmos essas mudanças em relação à afetividade entre mãe e filho, compreendendo o “ser mãe” da atualidade.

Antigamente, o pai era a pessoa que tinha o maior domínio e poder na família, chefe da família, encarregado pelo comportamento da esposa e das crianças na sociedade. Com isso, a

mulher mantinha-se em condição inferior ao homem e tinha a obrigação de ser obediente, exercendo assim sua função como esposa. A Igreja fundamentava a autoridade do pai como algo a ser realizado em nome de Deus e validava a suposição filosófica vigente da inferioridade feminina. Assim, no século IV, foi atribuída às mulheres uma “malignidade natural”, sendo as mesmas tratadas pelos maridos por porcas e demônios, e passaram a sofrer espancamento (BADINTER, 1985).

Para a Filosofia, a justificativa para a autoridade do marido e do pai, era que havia uma desigualdade natural entre os seres humanos, o homem era a mais acabada das criaturas, a que mais se assemelhava a Deus, e a mulher, era inferiorizada. Sendo propriedade do homem, o único mérito da mulher era sua capacidade de procriação:

Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada de uma frágil capacidade de deliberação, o filósofo deduz logicamente que sua opinião não é digna de consideração. A única virtude moral que lhe reconhecia era a de “vencer a dificuldade de obedecer”. Sua honra residia num “modesto silêncio.” Ainda comprada pelo marido, era para ele um bem entre outros (BADINTER, 1985, p. 32).

Com bases nos estudos históricos, é possível identificar que, por muito tempo, a mulher viveu esse processo de submissão ao homem, considerada sexo frágil, sem direito a expor sua opinião ou tomar decisões sobre sua própria vida, tornando-se propriedade de seus cônjuges. Ainda em referência à historicidade da época, é possível perceber que a criança, assim como a esposa, não tinha nenhum valor perante a sociedade, pois eram consideradas seres sem capacidade de participação e contribuição para a comunidade. Naquela época, não existia um sentimento amoroso entre pai/filho ou mãe/filho, e uma prática bem comum era entregar as crianças para outras famílias, com o intuito que elas fossem educadas para o serviço doméstico, para também adquirirem valores humanos, uma vez que não frequentavam as escolas. Quando completavam sete anos, a criança era inserida no ambiente adulto, passando a conviver e ser tratada como um “adulto em miniatura”, desde suas vestimentas até os ambientes e conversas que participavam (ARIÉS, 1981, p. 87).

Na época do Brasil colonial, além da função materna, a mulher tinha a obrigação de governar a casa de forma a agradar o seu marido. Algumas eram levadas a conventos para aprender a bordar, costurar, entre outras atividades consideradas fundamentais para administrarem seu lar. Era mínimo o número de mulheres que aprendiam a ler e escrever, pois não tinham essa oportunidade, logo cedo eram treinadas para a vida doméstica. Com alguns

avanços, começou-se a valorização da imagem da mulher como “esposa-mãe-educadora”, a maternidade passou a ser considerada essencial na vida das mulheres dessa época.

A relação mãe e filho nesse tempo era marcada pela frieza, que de certa forma funcionava como um mecanismo de defesa para as mulheres que temiam perder seus filhos, pois a taxa de mortalidade infantil era muito alta. Badinter (1985) explica que “a frieza do pai, e da mãe em particular, serviria inconscientemente de couraça sentimental contra os grandes riscos de ver desaparecer o objeto de sua ternura” (BADINTER, 1985, p. 85). Do ponto de vista histórico, naquela época, a falta do amor materno era considerada um dos fatores para a morte das crianças. De acordo com a historicidade, não existia essa relação de carinho e afeto que vemos hoje entre mãe e filho. Quando o bebê sobrevivia, era amamentado pelas amas de leite, que eram as escravas, muita vezes doentes e desnutridas, o que acabava adoecendo também a criança e levando à morte.

Com o surgimento da família conjugal moderna, alicerçada no casamento por amor, com o direito à livre escolha do cônjuge, esse novo modelo de família passou a ser reconhecido “como um valor e exaltada por todas as forças da emoção” (ARIÈS, 1981, p. 152). Apesar dessas mudanças, nada mudou para a mulher, que continuava como dona de casa, seguindo ordens do marido, e exercendo a função de esposa cuidadora do seu lar. Já as crianças, passam a ser retiradas do convívio com os adultos e levadas para os internatos. No caso das meninas, eram inseridas em conventos e só saíam de lá para se casarem. Essa prática segundo Badinter (1985) era, por parte dos pais, “um meio moralmente honroso de livrar-se deles” (BADINTER, 1985, p. 133).

Com o passar do tempo, surgiu um novo sentimento de infância. As crianças passaram a ser valorizadas, e os pais a demonstrar um afeto por essas crianças. A “paparicação” passou a ser um momento de distração e descanso para os pais. Embora a criança tenha passado a ser vista de maneira diferente, as mães ainda e de maneira estranha se recusavam a exercer algumas de suas funções, como a amamentação. Muitas mães não queriam amamentar o próprio filho, justificando essa atitude pelo medo de doenças e pelo medo de ficarem fracas e perderem a beleza. Dessa forma, as mulheres pertencentes as classes sociais mais elevadas continuavam deixando a amamentação na responsabilidade das amas de leite. Nesse caso, a mãe que amamentava seu próprio filho demonstrava para a sociedade que não pertencia a uma boa classe social.

Segundo Badinter (1985), esse gesto distanciava a mãe do vínculo emocional com a criança. Além desses empecilhos postos pela mãe, o pai também contribuía muito para isso, pois eles consideravam esse momento como uma restrição para a prática sexual, uma vez que

essa ideia era reforçada pelos médicos, que afirmavam que a relação sexual entre o casal estragaria o leite. Outro fator que contribuía para esse distanciamento entre mãe e filho era a vontade da mulher pertencente a classe alta de se constituir como tal, e se desvincular da função da maternidade e de dona de casa, tendo em vista o desejo de participar de atividades culturais que surgiam com os avanços.

Esse desejo de emancipação que nascia para a mulher nesse momento trouxe preocupações para a sociedade que ainda tinha o homem como o poderoso. Com isso, passou-se a ser condenada a prática de entregar os filhos para as amas de leite, justificando-se que as crianças iriam ficar com o sentimento de rejeição, bem como a demonstração pelo cuidado com a saúde da criança. Segundo os médicos, as crianças que eram amamentadas pela mãe cresciam fortes e saudáveis. Nesse sentido, a amamentação passou a ser considerada um ato de relevância moral, sendo vista na época como grande demonstração do amor materno.

Com a ideia dos cuidados maternos, baseada no afeto entre mãe e filho, a autoridade paterna entra em declínio, “deslocando-se insensivelmente da autoridade para o amor, o foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade” (ÀRIES, 1981, p. 148). No entanto, questionou-se sobre os valores machistas escondidos por trás dessa valorização da “mulher mãe”, tendo em vista que a mulher nascera para a família e para a maternidade, pois considerava-se que, ao contrário do homem, a figura feminina era mais afetiva, enquanto a do homem, mais racional. Por isso, o pai passou a se responsabilizar pela proteção material do filho, e a mulher ganhou um papel autônomo no interior da casa, o de iniciadora da educação.

Após anos de submissão ao homem, a mulher passou a ser vista como um indivíduo de voz ativa e participante nas funções da sociedade. A possibilidade de ingressar no mercado de trabalho possibilitou o aumento do seu poder de decisão dentro da sua família, bem como o acesso à educação. Com esse novo modo de vida, a mulher passou a ter um novo olhar e se colocar diante as situações. Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram os anticoncepcionais, que trazem para a mulher novas possibilidades de escolha, com isso, diminuiu o poder masculino sobre ela. Dessa forma, a mulher teve novos interesses, sem a responsabilidade e sem medo de ser condenada por não se submeter ao homem, bem como o direito de escolha sobre a maternidade.

Em relação ao vínculo afetivo entre mãe e filho, é notório o processo de avanços. O vínculo materno é considerado o primeiro e primordial para o desenvolvimento dos demais vínculos da criança. As primeiras relações afetivas em que os bebês vivem são com suas mães desde a gestação, já vai se construindo esses laços afetivos. Rompe-se a ideia de que o amor

materno é instintivo e natural, transformando-se em um processo de construção, resultado de relações contínuas entre mãe e filho. Moretto (2005, p. 38) afirma que assim como a identidade feminina é uma construção, a maternidade também o é:

A reprodução é biológica, mas a aceitação do cuidado com a cria é resultado da estruturação individual de cada mulher diante de suas relações exógenas (o outro, a sociedade, a cultura) e endógenas (consequentes ao trato de seu psiquismo para com aquelas variáveis).

O autor reflete sobre a maternidade como uma função desempenhada pela mulher de forma natural, no entanto, a forma a qual será exercida por ela é um processo de construção e apresenta resultados diferentes para cada uma. Nesse sentido, o vínculo afetivo quem estabelece é a mãe, tornando-se sujeito ativo, e o bebê passivo, ou seja, a mãe que prepara as relações afetivas para que o filho receba e possa viver esse processo de construção.

O vínculo afetivo entre mãe e filho é diferente de todos os outros. Constituir-se em uma boa mãe é algo complexo e desafiador. Segundo Nóbrega (2005, p. 18):

Desempenhar bem o papel materno é algo complexo, que depende de inúmeros fatores. Requer muita dedicação, para a qual a mulher já foi moldada pela sua história com os próprios pais. Além disso, baseia-se também em suas próprias experiências do passado e recebe interferências do presente, no que se refere aos relacionamentos interpessoais, gestação e vivências atuais.

Nóbrega (2005) reflete sobre a constituição da maternidade, e mostra-nos que esse processo será vivido de maneira diferente por cada mulher, dependendo de sua história de vida, tendo como base suas relações passadas com familiares, amigos e o esposo, se a mulher for casada.

A gravidez é o momento importante a qual se inicia o fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e filhos. Existem inúmeros fatores que contribuem para a criação desse vínculo, como o desejo de engravidar, a conscientização dos movimentos do feto, a vivência do trabalho de parto, o toque no bebê ao nascer, o cuidado dele e a aceitação como uma pessoa individual na família. Se durante a descoberta da gravidez houver a aceitação e o nascimento de sentimentos positivos, as chances de formação de um vínculo afetivo com o bebê são maiores. No entanto, “se a mulher não se ajustar às alterações inerentes ao período da gestação, vivenciando este período com intensa ansiedade, predominando, assim, a rejeição sobre a aceitação, o vínculo com seu filho ficará prejudicado” (NÓBREGA, 2005, p. 17). Para o autor, existe na mente dos bebês registros que surgem a partir de sua geração no útero da mãe, com isso, no momento em

que a mãe nutre sentimentos negativos, como o abandono pelo filho e a não aceitação da gravidez, ficam marcadas na criança que cresce com esse sentimento em suas raízes.

As primeiras relações afetivas se desenvolvem no momento do nascimento da criança, bem como no desenrolar dos cuidados, como dar banho, trocar fralda, amamentar, colocar para dormir e acalantar nos momentos de choro. Essas atividades são fundamentais para o desenvolvimento do vínculo entre mãe e filho, pois são nelas que se iniciam a troca dos sentimentos, como o amor e carinho. Mesmo de forma inocente, a criança corresponde a esses sentimentos por meio dos gestos com a mãe.

Com base nas leituras realizadas sobre as relações afetivas entre mãe e filho e com foco em nosso estudo sobre mães de crianças com autismo, é importante falar sobre a criação dos vínculos afetivos nessa situação. Tendo como referência a dificuldade da criança com autismo de desenvolver laços afetivos, tornando isso característico, é comum que haja dificuldade na criação de laços afetivos entre mães e filhos com autismo. Mesmo sendo estimulado pela mãe ainda bebê, já é notório a falta de resposta a estímulos de carinho e interação da criança, tendo em vista que em alguns casos a criança não olha no olho da mãe, não gosta de toque, do abraço, isso dificulta a criação desses vínculos afetivos. Sobre essa ausência de conexão afetiva, Hobson *et al.* (2006) abordam sobre as dificuldades no processo de identificação por parte das crianças com TEA. Nesse sentido, a criança com autismo não sabe diferenciar ou identificar a mãe e o pai, dificultando as relações afetivas.

Em seus estudos, o pesquisador Léo Kanner (1943) enfatizou bem a questão da falta do contato afetivo. Ao observar onze crianças, Kanner (1943) concluiu que elas não interagem e apresentavam grande dificuldade de contato ocular, ou seja, as crianças não conseguiam olhar olho no olho de seus pais ou cuidadores. Por muito tempo, o pesquisador abordou o autismo como um “distúrbio do contato afetivo” e relacionou esse fato à patologia das “mães geladeiras”. Nesse sentido, o autor considerava que a frieza das mães poderia ser a causa do desenvolvimento do autismo. No entanto, essa teoria foi negada, pois, se realmente a causa do espectro fosse ocasionada pela falta da relação afetiva entre mãe e filho, todas as demais crianças geradas pela mesma mulher iriam desenvolver o autismo. Dessa forma, os estudos ganharam novos direcionamentos.

Para Greenspan (2001), existem três problemas de cunho afetivo que caracterizam o autismo, que são: “dificuldades em estabelecer proximidade com os pais, problemas em trocar gestos emocionais de forma contínua, e os prejuízos em usar as palavras com a intenção emocional”. O autor organiza uma ordem cronológica para os problemas serem observados desde o nascimento da criança. Greenspan (2001, p. 4) cita que:

De 0 a 3 meses o bebê apresenta falhas em sustentar contato ocular com os seus cuidadores, assim como déficits em estar atento às vozes de seus pais. Entre os 2 e 5 meses o engajamento do bebê com os seus cuidadores apresenta falhas, se o bebê consegue se engajar isso não dura muito tempo. Logo a criança fica desatenta e muda seu foco de atenção. Dos 4 a 10 meses o bebê não apresenta interações sociais e gestos, como sorrisos, intencionalidade para cumprimentar com as mãos e outros gestos interativos, como apontar ou mostrar um brinquedo para o adulto. Entre os 10 e 18 meses a criança não demonstra ser capaz de iniciar e sustentar as interações sociais com trocas emocionais, o que acaba acarretando déficits na comunicação simbólica.

A criação de laços afetivos entre mãe e filho com autismo é um processo delicado e requer paciência por parte do adulto envolvido na situação, pois deve considerar as dificuldades da criança para se relacionar em seu meio. É importante que as mães desenvolvam situações que estimulem a criação desses vínculos, tendo em vista a importância disso para a vida da criança.

Ainda com foco na discussão sobre a mulher e a maternidade, voltamos a falar sobre a constituição histórica e social sobre o ser mãe. Após essa transição do papel da mulher na sociedade, pode-se notar que, atualmente, a maternidade tem novos significados. Cada uma vive esse processo de maneira singular, desde o processo da descoberta da gestação até o momento de dar à luz. Nesse sentido, com o intuito de chegar ao objetivo para esse tópico, foi realizado questionamentos com duas mães sobre o “Ser mãe”. A questão foi elaborada da seguinte forma: Para você o que é ser mãe?

A primeira participante identificada como Vitória¹⁵ viveu a experiência de ser mãe de seu filho primogênito, após uma sequência de quatro abortos espontâneos. Em seus relatos, ela afirmou que sempre teve o desejo de ser mãe, pois logo cedo perdeu seus pais, e sempre quis construir sua família. No entanto, Vitória narrou que o desejo da maternidade havia adormecido, pois ela não conseguia finalizar as gestações, e, de certa forma, acabou se frustrando, pois via todas as colegas ter filho e ela não. Após dois anos de sua última gestação, ela descobriu a gravidez e ficou imensamente feliz com a esperança que agora daria certo.

Vitória narrou que durante a gestação ficou bastante doente, e que a todo tempo o risco de perder o bebê era grande. Mesmo com as complicações, ela conseguiu dar à luz a um menino frágil, e os médicos não lhe garantiam sobrevivência devido aos problemas de saúde pós-parto. O desejo de ser mãe era algo presente na vida de Vitória. Para ela, ser mãe:

¹⁵ Nome fictício para a preservação da identidade da mãe-colaboradora. O nome foi escolhido pela própria participante, que em sua história de vida se reconhece como uma mulher vitoriosa.

É uma condição divina, que Deus me deu como mulher. Eu não imagino minha vida sem meu filho. Ele é o motivo da minha luta diária, o motivo para me levantar todos os dias para mim ir trabalhar, e quando eu penso em desistir eu lembro dele. Ele é minha maior motivação. É impossível medir o quanto para mim é bom ser mãe. Então ser mãe para mim é isso, uma condição divina, dada por Deus a cada mulher, e é muito bom ser mãe (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN 2019).

Nas narrativas de Vitória, é possível interpretarmos o quanto a chegada do seu filho era esperada, a maternidade era um sonho a ser realizado. Em sua narrativa, pode-se perceber a relação da maternidade como algo divino, um presente de Deus na vida da mulher. Há também um grande vínculo afetivo entre ela e seu filho, tornando-o o motivo maior de sua vida. Diferente das relações históricas, as quais a mulher era obrigada a gerar o filho, Com Vitória era algo que lhe faltava para constituir sua identidade como mulher. Não como uma obrigação, mas como um presente em sua vida, algo inexplicável.

A mulher da atualidade tem um empoderamento sobre suas decisões, o que antes era algo obrigatório, passou a ser de livre escolha. Diferente da mulher de antigamente, que tinha como principal função, parir, atualmente, opta-se se quer ser ou não mãe, bem como planeja-se e espera-se o tempo para isso. Entretanto, não podemos negar que ainda existe um poder muito forte por traz da religião, envolvendo o papel da mulher e a necessidade de procriar. Quando, por exemplo, em Timóteo 1, cita que a mulher será salva pela maternidade. Nesse sentido, a maternidade liga-se ao poderoso Deus, aproximando-se da narrativa de nossa participante, quando ela diz que ser mãe “é uma condição divina”.

É notório ainda a igreja ou religião como fator dominante nesse sentido, o que nos leva a uma série de reflexões. Acredito que, se a mulher tem o livre arbítrio de escolha sobre ser ou não ser mãe, quando o pastor ou padre prega uma palavra falando sobre a maternidade como prática de salvação, é como se estivesse incentivando a mulher a ter filhos para garantir sua redenção, assim transforma a livre escolha em contradição. Caracterizo a maternidade como algo singular para a mulher. Cada uma tem suas crenças, culturas e valores que justificam suas escolhas. Algumas sonham em ter filhos e já outras optam por não terem. Para essas questões existe a subjetividade de cada sujeito, e cabe a sociedade respeitar a escolha de cada mulher.

A segunda participante identificada como Superação¹⁶, mãe de três filhos, sendo dois meninos e uma menina. Em relação a sua primeira gravidez, ela falou que foi algo bastante

¹⁶ Nome fictício para preservação da identidade da mãe participante. O nome foi de escolha da participante por acreditar que em sua história de vida com seu filho ela se constituiu com muita superação.

planejado e sonhava em ser mãe logo após seu casamento. No entanto, sua segunda gravidez colocou-lhe em desespero por ser algo sem planejar, e o seu primogênito ainda era muito pequeno, ela teve muito medo de não ter condições para criar, porém, no final, deu tudo certo. Em seu segundo casamento, após oito anos de tentativas de uma terceira gravidez, sofrendo três abortos espontâneos nesse período, fez um tratamento para engravidar do seu terceiro filho. Segundo Superação, durante o processo de gestação, passou por alguns problemas de saúde, tornando-se uma gravidez conturbada. Ela relatou que em seu sétimo mês de gestação caiu e teve muito medo de perdê-lo, e entrou em desespero, pois era algo muito sonhado. Ao ser questionada sobre o que é ser mãe? Ela respondeu:

Para mim ser mãe é tudo. É muito importante, é uma missão que Deus me deu. É ser um suporte para alguém que eu sei que precisa totalmente de mim. É estar ali pronta para ajudar na hora que eles precisarem, fazer o possível. Dar a vida por eles, sou mãe de três filhos, e se precisar eu dou minha vida por eles. Para mim ser mãe é tudo, é uma entrega total, é um amor incondicional. (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019)

A fala de Superação remete a maternidade como uma missão divina. Algo que Deus preparou para ela. A participante se vê como um suporte para seus três filhos para quando eles precisarem de ajuda. Para ela, ser mãe é uma entrega total para cuidar, educar e proteger seus filhos, chegando a entregar a própria vida para protegê-los. Em relação ao vínculo afetivo, percebe-se que existe desde o planejamento do primeiro filho, bem como a superação do desespero para cuidar da segunda filha, e a luta para conseguir gerar o seu terceiro filho após dezessete anos de sua última gestação.

Nessas narrativas, é possível identificar a singularidade no “ser mãe” de cada mulher. O sentimento materno desde a descoberta da gravidez, a insegurança de ver o filho bem e saudável é algo comum em ambas as participantes, bem como a maternidade vinculada a uma missão divina, sendo um presente de Deus na vida da mulher. A nova trajetória de se constituir mãe, de ter uma criança pura e inocente a ser cuidada é algo marcante para o processo materno. As expressões e emoções, durante as narrativas, permitem o olhar sensível sobre essas mães e as histórias com seus filhos, refletindo sobre a mãe de antigamente, que via a maternidade como uma obrigação e não existia um vínculo afetivo com seus filhos, e as mudanças da atual figura materna, que não se imagina viver sem seu filho ou que daria a vida para defendê-lo.

No contexto social atual, a mulher mãe tem sua imagem centrada no ideal de amor, doçura, de um ser cheio de carinho e generosidade pelo seu filho. Mesmo com as mudanças no desempenho de seu papel na sociedade, muitas pessoas veem a maternidade como uma

consequência natural, quase inquestionável como principal função da mulher. E fica aquele questionamento: “Qual menina nunca sonhou em ser mãe?”. Parte-se do ponto que é natural a criança brincar de mãe e filho com seus bonecos durante a infância. Ao seguir essa reflexão, podemos relacionar com a narrativa da primeira mãe, quando afirma que sempre sonhou em ser mãe e construir sua família.

Como pesquisador em (auto)formação, percebo que a sociedade atual julga ser uma boa mãe aquela que se doa, capaz de entregar a própria vida no lugar do filho e de perder algumas oportunidades em razão dos cuidados à criança. Será que realmente essa dedicação acontece de forma natural na mulher? Ou ela se sente pressionada a ser uma boa mãe perante a sociedade? Como podemos observar na fala de Superação, quando ela diz que “ser mãe é uma entrega total” e se for preciso é “capaz de dar a vida por eles”, nesse sentido, encontramos essa doação total da mulher no processo de criação de seus filhos.

Para Badinter (1985, p. 15), “a cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe”. Essa constituição da maternidade e de ser uma boa mãe são resultados das práticas culturais que enxergam por meio de suas lentes a mulher como uma figura meramente procriadora, bem como para exercer essa função de forma totalmente dedicada ao seu filho.

A partir dessas discussões, lançamo-nos um novo questionamento: Essa doação total da mãe acontece de forma natural ou a pressão social contribui para que a mulher torne-se uma mãe totalmente dedicada? Dessa forma, senti a necessidade de encontrar essas mães participantes da pesquisa, e direcionar-lhes esse questionamento. Segundo Vitória:

Responder essa questão é um pouco contraditório, fico meio perdida em responder, mas no meio caso é o instinto materno mesmo, é aquela coisa que vem de dentro, vem da minha alma, porque eu sempre quis ser mãe. Só que não é toda mulher que tem esse mesmo instinto, às vezes tem aquela mulher que pari, que dar o filho, ou mesmo ficando com ele não tem aquele amor, de se entregar de corpo e alma a sua cria como eu me entrego. Por outro lado existe sim uma pressão da sociedade. Por exemplo: eu não me considero uma mãe ruim, mas já tem pessoas que me julgam como uma mãe ruim porque eu trabalho o dia todo, e a noite vou para a faculdade, e mal tinha tempo para ele. E as pessoas rotulam uma boa mãe aquela que trabalha para cuidar do filho, que se dedica a ele integralmente, mas eu acredito que nós como mulheres precisamos do nosso tempo, para nos cuidarmos. Eu acredito que nem toda mulher tem esse instinto materno, até porque hoje em dia a grande maioria das mulheres na sociedade moderna não quer nem ser mãe. Só que no meu caso é o instinto materno mesmo, que vem de dentro de mim, no meu caso eu não levo em conta a pressão social, é algo natural. (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019)

Na fala de Vitória, é possível perceber a constituição de ser uma boa mãe de forma natural, como instinto materno que se constitui a partir do desejo de ser mãe. Vitória nota a pressão social, que a julga por determinadas situações, no entanto, fica notório que ela não se preocupa com esses julgamentos sociais, e ela se vê como uma boa mãe, que independente de não ter o tempo suficiente para seu filho, constrói sua identidade como boa mãe, pois a sociedade cria os padrões, mas ela rompe com esses conceitos e se reinventa nesse processo.

Superação, ao ser também ser questionada, afirma:

Eu acho que quase toda mulher tem o sonho de ser mãe, outras não. E quando a mulher tem essa vontade de ser mãe, aquele instinto é natural, o desejo de amar, de proteger, de educar e de cuidar, em fazer tudo, em dar a vida pelo filho independente da sociedade. Existe casos de pessoas que se preocupa muito com os filhos, mas ao mesmo tempo não cuida deles, mas ela não tem aquele instinto de mãe, de tá ali presente. Eu acredito que independente dessa pressão social, é algo do instinto mesmo, é natural da mulher, coisa que Deus coloca na gente. (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019)

Nesse sentido, assim como Vitória, Superação acredita que ser uma boa mãe é algo natural da mulher, porém, ela enfatiza esse natural, quando a maternidade é algo desejado, que a mulher vive cada momento da gestação, a ansiedade em ver o bebê pela primeira vez, tudo de forma livre, sem sofrer nenhuma pressão ou sem encarar a gravidez como algo obrigatório só por ser mulher.

Percebe-se que as duas narradoras enfatizam muito bem a discussão sobre o instinto materno como algo natural, que vem de Deus para a mulher. Entretanto, esse ponto parte ao contrário da ideia de Badinter (1985) quando afirma que “o instinto materno é um mito”, que esse amor materno é uma construção que acontece de acordo com a cultura, e de forma livre. Para Badinter (1985, p. 367):

O amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente. Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É "adicional" (BADINTER, 1985, p. 367).

Dessa forma, interpretarmos, ao longo desse tópico, que o conceito de maternidade, de amor materno e de ser uma boa mãe é algo que cada mulher consegue definir em sua singularidade, bem como a livre escolha da mulher em decidir se quer ou não ser mãe. Nas narrativas, fica evidente essa singularidade, pois cada participante interpreta esse processo de

maneira única, tornando-se protagonista de sua própria história. Identificamos em ambas o filho como o centro de suas vidas, e que a partir do nascimento, tudo girou em torno da criança, que para elas são presentes divinos.

2.2 “Do luto à luta”: Narrativas sobre o processo de diagnóstico da criança com autismo

Conhecer o conceito do TEA e as características das crianças têm grande importância para se compreender todo o processo de luto no momento do diagnóstico, bem como o rompimento e a iniciação na luta para efetivação dos direitos na busca pela inclusão. É preciso compreender o espectro, sua singularidade vivenciada por cada sujeito, desde o comportamento ao desenvolvimento da criança com TEA, para entendermos os relatos de angústias e felicidades das mães, iniciadas na descoberta do transtorno e permeando todo o processo de desenvolvimento da criança.

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugen Bleuler, para designar pessoas que tinham grande dificuldade para interagir com as demais e com muita tendência ao isolamento (STELZER, 2010). No entanto, as discussões desenvolvidas pelo psiquiatra não estavam voltadas para o autismo que se observa hoje, e sim para criar novos conceitos para a esquizofrenia. Somente em 1943 o autismo foi, inicialmente, descrito pelo psiquiatra Leo Kanner, tornando-se o pioneiro na psiquiatria infantil. Após análise do comportamento de onze crianças, sendo oito meninos e três meninas, Kanner descreveu com detalhes o autismo como uma condição neurológica única que era aparentemente decorrente da incapacidade de estabelecer vínculos afetivos próximos com outras pessoas e de tolerar modificações menores do ambiente e das rotinas diárias. A característica em comum encontradas nas crianças era a incapacidade de se relacionar com demais pessoas desde os primeiros anos de vida (STELZER, 2010). Desse modo, apresentamos a definição de Mello (2010) sobre o TEA. Segundo a autora:

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação (MELLO, 2010, p. 16).

O autismo é notório nos primeiros anos de vida da criança, e suas principais características estão ligadas à interação social, à comunicação, ao aprendizado e à adaptação. Moral *et al.* (2017, p. 3) afirmam que o “autismo não é uma doença, e sim uma condição neurológica, marcada por dificuldades no desenvolvimento da linguagem, nos processos de

comunicação, na interação e no comportamento social”. A causa do autismo é um motivo para grandes estudos, no entanto, já se relaciona o espectro à genética e a fatores ambientais, como complicações no parto ou no período neonatal (MORAL *et al* 2017, p. 4).

Cada criança com TEA tem sua particularidade, ou seja, nem todo autista irá se comportar como outro. O que diferencia uma criança da outra é o grau de autismo que a criança se encontra. Segundo Moral *et al.* (2017, p. 5), pode ser classificado em: grau leve, grau moderado e grau severo, relaciona-se às dificuldades e necessidades de apoio de cada criança. O DSM-V apresenta que as manifestações entre os sintomas podem variar de acordo com a idade cronológica, o nível de desenvolvimento e as condições do autismo. Além disso, há variação dos níveis, que se estende do leve ao severo. Em todos os níveis, o sujeito com autismo necessitará de apoio para se desenvolver, havendo modificações a partir das necessidades existentes.

As crianças com autismo de grau leve, muitas vezes, são quase imperceptíveis, pois são fáceis de lidar, costumam ter dificuldade para iniciarem uma interação social com outras pessoas. Além disso, também podem apresentar pouco interesse por essas interações sociais. A inflexibilidade do comportamento interfere diretamente no funcionamento de um ou mais contextos. A criança também tem dificuldade significativa em trocar de atividade e problemas de organização e planejamento são obstáculos à sua independência, mas possuem algumas habilidades de aprendizagem. Mesmo sendo mais simples, os autistas de grau leve também necessitam de apoio e de terapias, pois apresentam dificuldades em aprender ações simples.

Já no grau moderado, algumas crianças apresentam características a mais do autismo, dificultando o desenvolvimento do trabalho a ser realizado. No grau moderado, a criança apresenta um grave déficit nas suas habilidades sociais, sejam elas verbais ou não. Possui, também, prejuízo social, mesmo quando recebe apoio, e limitações para iniciar algum tipo de interação. Esse é caracterizado pela inflexibilidade do comportamento, a criança também tem dificuldade em lidar com mudanças, além de apresentar comportamentos restritos e repetitivos, frequentemente, apresentando alguns traços agressivos.

No grau severo, existem determinadas situações difíceis de lidar, por apresentar severos prejuízos na comunicação verbal e não verbal da criança, apresenta grande limitação em iniciar uma interação com novas pessoas e quase nenhuma resposta às tentativas dos outros. Há presença de inflexibilidade no comportamento, extrema dificuldade em lidar com mudanças na rotina e apresentam comportamentos restritos e repetitivos que interferem diretamente em vários contextos. Apresenta um alto nível de estresse e resistência para mudar de foco ou atividade, causando momentos de surtos e agressividade consigo ou com outras pessoas.

Para o diagnóstico do TEA, faz-se necessário avaliar o caso por uma equipe multidisciplinar capacitada. Conforme é explicado por Petersen & Wainer (2011):

Para identificar os critérios diagnósticos para o autismo é preciso possuir experiência e especialização, pois eles apresentam um alto grau de especificidade e sensibilidade em grupos de diversas faixas etárias e entre indivíduos com habilidades cognitivas e de linguagem variadas. O diagnóstico é realizado baseando-se na tríade autista, ou seja, contempla as áreas da interação social, comunicação e comportamentos restritos (PETERSEN; WAINER, 2011, p. 87).

Essa equipe multidisciplinar deve ser composta por psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo, dentre outros, que podem analisar e contribuir com o resultado do processo de diagnóstico. Para obter sucesso no diagnóstico, faz-se necessária a análise da tríade autista, que se perfaz através da área de interação social, comunicação e comportamentos restritos.

Segundo Petersen e Wainer (2011), a avaliação de uma criança com o TEA deve ir além da realidade quanto a presença ou não de sintomas. O profissional deve se atentar para o comportamento da criança, comparando-se com aqueles característico do desenvolvimento infantil, e analisar se a criança está tendo ou não competências próprias de sua faixa etária, levando em consideração o comportamento típico e atípico.

Ao descobrir a gestação, há momentos de alegria para todos os familiares, logo se inicia a preparação para a chegada do bebê. Os preparativos, desde a compra das primeiras roupinhas, o momento da descoberta do sexo, são experiências ímpares na vida da mãe e do pai. Junto a essas vivências, cresce o sonho de ver o filho nascer saudável, cheio de energia ao correr na rua, ir à escola e brincar com as demais crianças da mesma faixa etária.

Esse processo cria na cabeça dos pais um bebê imaginário, sendo idealizado como uma criança perfeita. Imagina-se, muitas vezes, algo que nem os próprios pais foram capazes de realizar. No entanto, a saúde da criança é algo que preocupa e anseia os pais desde o descobrimento da gestação. É comum ouvir expressões, como “o sexo não importa, o importante é que venha com saúde”. Ao dizer essa frase, vem um certo medo de como a criança vai nascer, se saudável ou com alguma deficiência ou anomalia.

A mãe dispõe de um maior tempo ao lado do filho e tem um olhar sensível quanto ao desenvolvimento da criança. Sabe bem quando algo está diferente, seja uma pequena macha no corpo ou um comportamento diferente do filho. No caso das mães das crianças com autismo, logo cedo elas percebem o comportamento diferenciado das crianças no desenvolvimento típico e, muita vezes, não aceitam a diferença na vida da criança. Em alguns casos, as mães não têm o conhecimento adequado para reconhecer essas alterações no comportamento da criança.

A não aceitação desse comportamento atípico em seus filhos, fica evidente nas narrativas das mães-colaboradoras do nosso estudo. Vitória narra que:

Quando ele estava maiorzinho, eu comecei a perceber que todo mundo estava indo, evoluindo e ele estava ficando, não estava progredindo. Aí senti muita dificuldade, e comecei a me questionar sobre o que havia de errado com ele. Até então o autismo não era conhecido, pelos menos aqui não se ouvia falar no autismo. Mas comecei a notar que tinha alguma coisa de diferente nele. Ele não se sentava, era todo molinho. Aí foi chegando o tempo em que era para ele fazer o que as outras crianças faziam e ele nada. Foi bem frustrante, porque as outras mães chegavam e dizia que a filha ou o filho já engatinha, já falava algumas palavras e ele veio pronunciar uma palavra com quase dois anos (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

Percebe-se, nessa narrativa, que desde o princípio a mãe já notava o comportamento diferente do seu bebê, ainda nos primeiros meses de vida, ao perceber a evolução das demais crianças de sua faixa etária. Apesar da maneira sutil empregada, é notório a resistência na aceitação do diferente. Embora frustrada com os acontecimentos, ela se colocou na posição de defesa, de não procurar ajuda.

As características do autismo podem surgir com mais frequência por volta dos 30 meses, quando a criança passa a ter comportamentos de intolerância a estímulos externos e mostrar atrasos significativos no tocante à aquisição da linguagem (MARCELLI, 1998; OWEN, 2007). O que dialoga com o relato de Vitória, quando ela diz que seu filho pronunciou a sua primeira palavra com quase dois anos.

A segunda mãe-colaboradora narra suas experiências da seguinte forma:

Desde a descoberta da gravidez, meu filho era muito esperado por todos. Ele veio para fechar com chave de ouro, sonhávamos muito com esse momento, pois minha filha já tinha dezessete anos e foi tudo novo. Só que com a experiência que já tinha com dois filhos, e sempre fiz o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança, acompanhamento das vacinas. Sempre fui, graças a Deus uma mãe bem cuidadosa com relação a essas coisas, e tendo essa experiência. Quando foi a vez dele, de cara já percebi que era diferente. Com dois anos ele não falava nenhuma palavra dele. Ele só repetia o que a gente falava, repetia o que via na televisão. A gente chamava até ele de papagaio. Eu não sabia nada sobre o autismo, aí a maneira dele brincar era diferente, a forma de agir era diferente. Ele era totalmente diferente, eu jamais imaginei que ele era uma criança autista (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

Percebe-se que a experiência de suas outras gestações ajudou no momento de notar o comportamento atípico de seu filho. Entretanto, percebe-se também, assim como na primeira, que houve a resistência na aceitação, pois mesmo percebendo ela não buscou ajuda de imediato.

Porém, a falta de informação sobre o autismo contribuiu para a não intervenção. Na narrativa, podemos interpretar e conhecer as características da criança com autismo, como podemos ver nos dois relatos, a questão da comunicação é muito forte, o que corrobora com as discussões de autores, quando classificam a comunicação uma das três dimensões afetadas pelo transtorno.

Após esse processo de resistência, ao notar a diferença em seus filhos, inicia-se a busca pela confirmação do diagnóstico da criança. Embora cheias do medo, o sentimento de desilusão e ansiedade. O medo de buscar saber o que realmente acontece é perceptível até pelas resistências, pois mostra que a família quer “vendar os olhos” e não encarar a realidade.

O processo de diagnóstico da criança com autismo é um momento doloroso para a família, em especial à mãe, que tem todo o cuidado com o filho. Como podemos perceber nas narrativas, as mães “vendam os olhos” ao perceberem o comportamento diferente do seu filho, pelo medo ou a não aceitação. É comum o processo de diagnóstico só acontecer no momento em que a criança chega à escola, pois no ambiente escolar existe um olhar sensível por parte dos profissionais. Diagnosticar a criança com o Transtorno do Espectro Autista significa para os pais, a entrada violenta em um mundo angustiante. Um mundo que depende da suposição de que a criança ignora os sentimentos de seus pais, que não entendem como a criança interage com o mundo e que sofre de uma doença incurável. Sobre o processo de diagnóstico Vitória narra:

Eu coloquei ele na escolinha com dois anos e meio, aí ele adoeceu, desse processo que ele teve diarreia, muita febre com convulsões. Durante o período em que ele estava na escola já havia evoluído bastante, só que depois dessas convulsões ele retraiu, não conseguia mais fazer o que fazia antes, como pintar, cobrir. Aí me faltou a paciência porque todo dia recebia recado da professora pedindo para ir à escola, porque ele estava diferente. Aí decidi tirar ele da escola e coloquei em outra. Quando coloquei ele nessa outra escola, a dona veio conversar comigo pedindo para mim procurar ajuda para ele, porque ele não acompanhava as outras crianças e isso não era normal. Aí passei muito tempo para procurar, porque na realidade a gente não quer aceitar. E também a forma como as pessoas chega para a gente e usa até palavras que não é para usar, como dizer que meu filho tinha alguma doença. E isso nenhuma mãe gosta de ouvir, porque sempre queremos nosso filho seja normal igual as outras. Aí ele passou o ano todinho nessa escola e eu não fui buscar ajuda. No ano seguinte tirei ele e coloquei na escola pública, e com três dias que ele estava na escola a professora pediu para que se eu pudesse pagar um colégio para ele, porque ela não tinha condições de acompanhar ele, porque a sala tinha muitos alunos, não tinha uma professora auxiliar, e os meninos batiam nele, pois ele era bem reprimido no seu canto. Fiquei sem ter o que fazer. Aí ele passou três meses nessa escola e depois coloquei na escola particular. Só que ele não evoluiu nada, é tanto que passou três anos repetindo de série. Ai nessa escola a equipe pedagógica começou a pegar no meu pé. Aí foi quando procurei o posto de saúde e pedi um encaminhamento para ele. Procurei o Capes e na primeira consulta com o psiquiatra ele já deu quase o diagnóstico

fechado. Mandou fazer os testes psicológicos, mais já disse que ele tinha autismo. Passei quase um ano fazendo os exames. Sei que o diagnóstico fechado em recebi em 2017. Na primeira consulta eu já tomei um grande baque, o médico dizendo que era difícil porém tinha que buscar ajuda pois quanto mais cedo melhor. Mas ouvir aquelas palavras parece que o mundo abre um buraco e você vai caindo dentro. Vem muitas interrogações. Eu ficava me perguntando meu Deus porque comigo? E como e iria proteger ele do mundo. Porque no início tudo que ele ia fazer eu tinha que estar perto, mas receber o diagnóstico não foi fácil. Quando recebi o laudo final eu chorava desesperadamente, fiquei em quase depressão (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

Diante da narrativa de Vitória, podemos perceber as dificuldades na aceitação do diagnóstico para as mães. O medo de como o mundo vai receber a criança, bem como a forma de lidar e o que fazer. São pensamentos que colocam a mãe em conflito. Na narrativa, pode-se notar o abalo em sua fé, ao questionar a Deus sobre o porquê dela, e não outra pessoa. No relato, percebe-se o quanto essa não aceitação atrapalha as intervenções precoces, pois quanto mais precoce, melhor o desenvolvimento com foco nas limitações das crianças, porém, a negação na busca do diagnóstico, acaba prejudicando o avanço da criança. Superação narra esse momento em sua vida da seguinte forma:

Com três anos de idade eu coloquei ele na escola, aí minha irmã que era diretora de uma escola, já vinha trabalhando com criança e com várias crianças dentro do espectro, aí ela foi chegou e perguntou como estar Mateus¹⁷ na escola. Aí eu disse que a professora tinha falado que ele não interage bem, e contei tudo que a professora tinha dito. Aí ela foi disse: Você não acha que Mateus tem autismo? Porque tem nossa prima lá de Areia Branca que parece muito com ele, que vive muito isolado, só mexendo no celular. Aí eu disse não mais ele é tão inteligente, ele fala bem. Porque na minha cabeça autista era mongoloide. Aí ela disse, não existe vários tipos de autismo. A partir daí eu fui pesquisar na internet e via muitas características que ele tinha. Nessa época eu morava no Ceará, foi para o postinho, peguei o encaminhamento para a psicóloga. Aí ela fez três avaliações, a primeira foi comigo, a anamnese, onde pediu toda a história dele. Fez mais três avaliações e encaminhou para a neurologista e na primeira consulta ela disse que ele tinha autismo. Porque eu levei muita informação que eu tinha. Declaração de escolar, laudos da psicóloga, muita coisa que já havia juntado. E no caso dele, ela disse que ela tinha Síndrome de Asperger, que são chamadas as fábricas de gênios, e se enquadra hoje no autismo, pois ele tem muita dificuldade de interação social. No momento eu encarei numa boa, via que tudo fazia sentido. Agora vou estudar e vou tentar. Mais na semana seguinte foi que a ficha caiu e eu entrei em desespero, chorando (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

O processo de enfrentamento do diagnóstico de autismo compara-se ao de luto. Nota-se que as reações emocionais se dividem em fases: fase do choque, cria-se um bloqueio que

¹⁷ Nome fictício ao se referir sobre a criança com Autismo para garantir a preservação de sua identidade.

impede a compreensão das mensagens recebidas; fase de negação, muitas vezes, o diagnóstico é ignorado ou questionado aos profissionais, pondo em risco o equilíbrio psíquico dos pais; fase da reação, dispondo-se da irritação e do sofrimento que está se passando; da culpa, busca-se quais os eventuais erros cometidos; da depressão profunda, tristeza e desesperança; e, por fim, a fase da adaptação, tal essa, totalmente particular. Isto posto, é de suma relevância abordar que nem todas as fases são superadas pelas famílias (MITCHELL; HOLDT, 2014).

No momento em que a família, em especial a mãe, que acompanha todo esse processo, recebe a notícia de que a criança tem o transtorno, ela sofre um impacto desestruturado em suas bases emocionais, como se houvesse a morte de sonhos e expectativas iniciados desde o momento da gravidez. Morre a imagem da criança perfeita. A mãe se vê frente a um turbilhão de sentimentos que desafia sua compreensão e aceitação da realidade e das incertezas do futuro em face às limitações, às adaptações e à dedicação intensa a esse filho que necessita de cuidados muitos especiais. Nesse momento, acontece a elaboração do luto. O sentido de perda ligada ao processo de diagnóstico é justamente a perda da criança que foi idealizada pelos pais. O sonho de ver o filho correr na rua junto com os amigos diminui, pois, a criança com autismo apresenta dificuldades no processo de interação social. É realmente uma situação inesperada, planeja-se algo e, de repente, encontra-se diante de um novo dilema.

Freud (1990) traz em suas discussões que “ao nascer uma criança com déficit orgânico ou este se fazer precocemente presente, o olhar dos pais se desloca da criança para sua deficiência ou sua má formação, que se torna uma metonímia da totalidade do seu ser”. Esse desvio do olhar atrapalha o desenvolvimento da criança, pois os pais não procuram a ajuda dos profissionais responsáveis, e impedem a criança de viver o pleno desenvolvimento. Sobre a elaboração do luto Vitoria diz:

Como já falei, quando eu recebi o diagnóstico eu chorei muito. No momento em que peguei o laudo e vi lá o CID. No início eu fiquei em um estado bastante depressivo. Porque eu não queria. Houve a elaboração do luto, onde eu fiquei bastante retraída no meu canto com medo. Aí veio aquela coisa da superproteção onde tudo que ele ia fazer eu queria tá do lado. Vim deixar ele mais solto esse ano. Agora já consigo deixar ele em casa sozinho (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

A confirmação do diagnóstico de autismo no filho interrompe uma cadeia de sentimentos otimistas, de esperanças e de fé. Um misto de incertezas e medo toma conta dos pais ou de um deles apenas e os arremessa no abismo do sofrimento. “Por que eu?” Essa é a primeira pergunta feita nesse processo de diagnóstico, como ficou visível nas narrativas de Vitória. A resposta perde-se no silêncio, pois a mãe não quer ouvir e nem entender os porquês.

As condições emocionais irão, conseqüentemente, desencadear a angústia, a depressão, o enfraquecimento das forças e o mergulho no “não”: não posso aceitar, não posso fazer nada, não sei aonde ir (MANNONI, 1999). A fala de Vitória evidencia esse momento depressivo, pois a mãe não quer aceitar que seu filho seja uma criança com autismo. Superação narra esse momento da seguinte forma:

Não foi nada fácil. Inicialmente até pensei que estava tudo bem. Mais depois que eu caí na real, chorei muito, o sentimento de que não ia dar conta, passei por toda fase do luto. Fiquei de vinte a trinta dias em uma depressão profunda. Foi terrível, o pai dele não aceitava, dizia que era falta de peia¹⁸, foi um momento horrível mesmo (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

O período de luto é temporário, variando em concordância com o grau de aceitação ou negação por parte dos pais. A seguir, vem a aceitação parcial que os vai tirando do choque e os recuperando gradualmente. O silêncio vai cedendo lugar à consciência da realidade. Nesse momento, as mães precisam superar e buscar forças para romperem o luto, e irem à luta, procurarem pessoas especializadas que possam ajudar, buscarem reconhecer os direitos de seus filhos, e reconhecer a necessidade de ser uma mãe participativa no processo de desenvolvimento de seus filhos. Questionadas sobre o momento em que elas rompem esse luto e vão à luta, elas narram que foram momentos cruciais para esse despertar, pois viram a necessidade e o grito de socorro de seus filhos. Vitória narra o momento em que ela sentiu a necessidade de ajudar seu filho:

Após o diagnóstico ele também ficou meio depressivo. Ele não queria ir a aula regular, porque ele dizia que os amigos iam ficar rindo dele, pois ele não sabia de nada, não sabia ler. Ficou com baixa estima dizendo que era feio. Às vezes eu procurava ele, e o encontrava no banheiro chorando. E tudo isso acontecendo com ele, uma criança de apenas nove anos, e sempre ele dizia que queria morrer. Ai você olhar e vê seu filho dizendo que quer morrer é muito difícil. Foi quando eu caí e si, e reconheci que precisava ir à luta e tinha que procurar ajudar para ele, e para mim também. Aí comecei a procurar o atendimento para ele, acordava bem cedo e ia atrás de tudo que pudesse ajudar ao meu filho (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

O momento de romper o luto é fundamental para a iniciação da luta pelos direitos, bem como pelo total desenvolvimento da criança com autismo. Ver uma criança em fase de depressão foi o ponto crucial para Vitória enxergar que precisava ajudar seu filho. Embora ela também estivesse vivenciando um momento de dor e angústia, percebeu que sua ajuda naquele

¹⁸ Ato de surrar alguém; açoitar. Informação disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>.

momento era a forma de lutar pelo seu filho. Sobre esse momento de rompimento ao luto e a entrada na luta para ajudar a seu filho, Superação narra:

Quando eu vi ele sendo discriminado dentro da própria casa, pelo pai, pelos primos. E sempre que saía de casa, tinha aquela coisa de passar vergonha pelo comportamento dele nos locais. Aí fui me conscientizando que aquilo era característico do transtorno e que eu tinha como ajudar ao meu filho. Matriculei ele na APAE em Russas/CE, ele tinha a ajuda de vários profissionais. Procurei outras profissionais, e foi quando após três meses de acompanhamento a médica disse que além do autismo ele tem TDAH. Sempre corri atrás de tudo que estava disponível na saúde pública, não tinha condições de pagar (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

A inclusão da criança começa em casa, quando acontece o processo de aceitação do diagnóstico. No entanto, ao observarmos a narrativa de Superação, podemos ver que seu filho sofreu discriminação por parte da própria família, supondo que por falta de conhecimento, alguns familiares, a exemplo do pai, que não acreditava na deficiência da criança. Esse momento, foi quando ela encarou como o estopim para ir à luta pela efetivação dos direitos, bem como a garantia ao respeito à deficiência do seu filho.

Como se pode notar nas narrativas, o momento do luto é comum em todos os processos de diagnóstico. A dificuldade de aceitação é óbvia, e traz alguns impedimentos no processo de desenvolvimento da criança, tendo em vista a importância da intervenção precoce.

O rompimento do luto é fundamental na vida da criança, bem como para sua mãe. Esse momento é caracterizado como “eu aceito, eu abraço a causa”, reconhecer a necessidade de ajuda o filho, e o reconhecer como sujeito ativo e contribuinte no processo de desenvolvimento. A missão de ser mãe de uma criança diagnosticada com autismo é desafiadora, o momento do diagnóstico é questionado e bastante doloroso, como vimos nas duas narrativas, a depressão presente na vida das duas mulheres, o fechamento para a sociedade e o medo de como seu filho seria recebido.

O momento da formação do luto é uma fase bastante parecida para as mães de crianças com autismo. Nas duas narrativas existem uma sensação de perda, pois durante o processo de gestação idealizou-se a criança perfeita, o filho que vai brincar com os amigos na rua, a criança que vai à escola e vai se desenvolver como os demais. No entanto, ao deparar-se com o diagnóstico e as dimensões afetadas pelo autismo, é como se houvesse a morte de tudo que se sonhou para o filho. Nesse momento, no estágio depressivo, que se une ao medo de como a criança será vista pela sociedade, e a mãe, em especial, sofre muito com todo esse pensamento.

Entretanto, é visível que as crianças precisam da ajuda de suas mães para que possam vivenciar experiências próximas aos seus pais. A busca por profissionais é essencial para o desenvolvimento da criança, com foco na busca pelo bem-estar e o convívio social. É nesse momento que a mãe precisa encarar a situação de cabeça erguida, rompendo o luto e iniciando a luta pela inclusão da criança.

2.3 “Quem pariu Mateus que balance”: a responsabilidade da mãe no processo de educação de seus filhos com TEA

A mãe tem um papel fundamental na vida dos filhos, e quando falamos em educação, sua atuação nesse processo é primordial para que as crianças frequentem e tenha acesso à escola. No entanto, esse papel não pode ser atribuído somente a mãe, mas se falarmos historicamente, iremos perceber que a mãe sempre teve destaque nesse sentido.

Desde os primórdios, escutamos muito sobre a responsabilidade da mãe no processo de educação dos filhos. Isso acontece devido ao papel que foi designado à mulher de ficar em casa e cuidar das crianças, enquanto o pai trabalha em busca do sustento. A mãe ganha destaque nesse processo, pois é ela que deixa na escola, participa de reuniões escolares e tem outras atribuições dentro da vida escolar de seus filhos.

Mesmo com toda essa modernidade, a mulher conseguiu ganhar espaço no mercado de trabalho. É notória nas escolas a grande participação da figura materna. Nesse processo de educação e inclusão das crianças com autismo, o que percebemos ainda é a responsabilização da mãe, muitas deixam até de trabalhar para cuidar das crianças.

Nesse sentido, a mulher ocupa um lugar de grande importância através do papel da maternidade, a qual se torna sua identidade principal. “A mulher é colocada como um elemento agregador indispensável, sem o qual a unidade familiar não sobrevive” (FAVARO, 2007). O homem, por sua vez, neste contexto, sempre encontrou dificuldade para separar sua individualidade das funções de pai, manteve-se protegido no silêncio comprometedor de toda a possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos (GOMES & RESENDE, 2004).

Historicamente, o papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da realização feminina, associado a renúncias e sacrifícios prazerosos. No final do século XVIII, e principalmente no século XIX, a mulher aceitou o papel da boa mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, privilégio representado pela

família. A mulher foi biologicamente pré-determinada a gestar e foi criada, desde os tempos primitivos, para cuidar da cria.

As exigências sob às mulheres são maiores do que aos homens, pois têm que se dedicar à criação e educação dos filhos e, simultaneamente, devem cumprir fora de casa os horários exigidos pelo emprego, igualmente aos homens. Qualquer falha ao tentar conciliar todas essas tarefas acaba gerando uma culpa na mulher frente ao marido e aos filhos. Reprovando-se a si mesma por não ter rendido como deveria, gerando sentimento de incompetência e culpa. Mesmo estando inseridas no mercado de trabalho, as mulheres não estão livres da carga de gerar filho e construir uma família, ficando a profissão, muitas vezes, em segundo plano.

Algumas mulheres, frente ao medo desse fracasso, optam pelo afastamento profissional após o nascimento de um filho, porém, o acelerado desenvolvimento tecnológico- econômico exige constante atualização profissional, tornando esse afastamento prolongado e a retomada ao mercado mais difícil. Contudo, apesar dos custos físicos e emocionais, as mulheres não querem abrir mão do que consideram uma conquista: a carreira.

Com foco em nossa pesquisa, temos o objetivo de apresentar narrativas sobre a responsabilização posta a mãe no processo de educação do filho com TEA, pois, em determinadas situações, o pai é quase invisível nesse processo, partindo da necessidade de sair em busca pelo sustento materno. Refletir sobre a responsabilização da mãe, leva-nos a pensar sobre a contradição no conceito da mãe contemporânea: a mulher ganha espaço no âmbito profissional, porém necessita desdobrar-se em duas para cumprir o papel de boa mãe e boa profissional. A partir dessa reflexão, surge em mim um novo questionamento: Por que é responsabilidade da mulher de frequentar as reuniões escolares?

Ao passar pelo processo de diagnóstico, a vida da mãe de uma criança com TEA muda completamente. A rotina da mãe e do filho autista são iguais, sendo na maioria dos casos, restrita a ida à escola, bem como as idas aos profissionais responsáveis pelo desenvolvimento da criança. A dedicação da mãe ao filho com autismo é em tempo integral, restando a ela pouco tempo para os autocuidados, pois outros horários são ocupados com os cuidados da casa. Muitas sentem que vivem a vida do filho, e não a própria vida.

As rotinas das mães são definidas pelas necessidades e demandas de cuidado com o filho com TEA. Schmidt e Bosa (2007) relatam existir uma expectativa por parte da sociedade de que, mais que os pais, as mães assumam para si as responsabilidades dos cuidados com a criança. Além disso, existe o sentimento de desamparo das mães em relação aos maridos ou pais, demonstrando o anseio de que eles assumam uma responsabilidade conjugada pelos

cuidados com o filho. Sobre esse carga de responsabilização no processo de educação do filho, Vitória narra:

Eu procuro sempre ensinar a moral, os bons costumes, não é porque ele tem autismo que eu vou querer facilitar a vida dele. Eu sempre ensino o certo e o errado, e ele é uma criança muito obediente. Quando não estou em casa, e ele precisa fazer alguma coisa, ele sempre me liga pedindo autorização. Crio ele sozinho, sou separada do pai dele a sete anos, e a responsabilidade é toda minha, é tanto que a parte que cabe ao pai dele é mínima, pois ele não dar atenção aos conselhos do pai. Na festinha do dia dos pais, quando vem a lembrancinha, ele entrega a mim, porque ele diz que sou o pai e mãe dele ao mesmo tempo. Sobre a responsabilidade na escola, eu procuro ser sempre presente, pois os estudos é tudo na vida da gente. Agora estou sem tempo de ir mais na escola, porém sempre mantenho o diálogo com a professora por meio das redes sociais. Eu procuro contribuir sempre com esse processo de escolarização dele (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

A mãe é, frequentemente, a principal responsável pelos filhos. No caso de uma criança autista, as mães estão mais próximas a adquirir o estresse e a depressão, consequências do envolvimento com as tarefas diárias de cuidado com a criança autista e tratamentos que podem gerar sobrecarga física e emocional (SPROVIERI; ASSUNPÇÃO JUNIOR, 2001).

Como podemos observar, na narrativa de Vitória, ela está sempre presente na vida do filho, tendo em vista que o pai tornou-se uma figura ausente após o processo de separação. A sobrecarga é visível, ter que trabalhar para sustentar o filho, e ainda os cuidados com a criança. A participação da mãe na vida escolar do filho torna-se essencial para o seu desenvolvimento, pois a mãe, com seu olhar sensível, consegue ver as necessidades da criança, bem como contribuir com a escola para que seu filho consiga se desenvolver de maneira correta. Superação narra esse momento da seguinte forma:

Quando engravidei dele eu trabalhava em uma maternidade de Russas/CE, aí quando sai de lá para dar à luz, fiquei na esperança de voltar. Porém com o passar do tempo e comecei a perceber o jeito diferente dele, bem difícil de se lidar. Aí não quis colocar ninguém para cuidar dele, pois ele era meu tesouro. Aí quando realmente recebi o diagnóstico do autismo, aí decidi que não iria mais trabalhar e me dediquei exclusivamente a ele. A nossa rotina é bem cansativa, deixo ela na escola, vou buscar. Levo para a igreja, tem aula de teclado, tem o karatê, é uma correria. Aí vem as idas a psicóloga, com o psiquiatra, tem o Cras, tem o AEE. Eu ensaio as músicas no teclado com ele. Tudo sou eu. Até porque o pai dele é caminhoneiro, aí tem muito pouco tempo com ele. Mas esse pouco tempo ele tenta ser bem presente. Mas a responsabilidade é toda sobre mim. Porém eu acho muito bom, fico sempre com a vontade de querer fazer mais. Eu abri mal da minha vida para viver em função dele. Muita gente diz que tenho que viver para mim também, que preciso me cuidar, mas eu cuide dele, depois que eu penso em mim. Eu sou em segundo plano (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

Pode-se observar nas narrativas das mães a ausência de menção aos pais, ou seja, pouco falaram sobre eles. Superação que vive com o marido, mostra-nos que este quase nunca é presente, porque, sendo o principal provedor de renda da família, gasta grande parte de seu tempo com o trabalho, mas, no período em que está em casa, tenta ser presente na vida do filho. Em relação à sobrecarga, é visível em ambos os relatos. A correria do dia a dia obriga Vitória a trabalhar para o sustento da casa, tendo em vista que ela mora sozinha com o filho.

Na narrativa de Superação, há uma situação comum que acontece com as mães de crianças com autismo, quando a mulher tem a necessidade de deixar sua rotina passada, como por exemplos, mães que seguem uma profissão, e têm que abdicar da profissão para dedicar-se ao filho, tendo em vista que a criança com autismo requer dedicação especial.

2.4 A caminhada na busca pela inclusão: barreiras encontradas nesse percurso

A inclusão escolar das pessoas com deficiência é algo recente. Historicamente, a existência discriminatória da escola e de toda sociedade limita-se à escolarização de um grupo seletivo de pessoas. As pessoas não pertencentes a esse grupo eram excluídas da sociedade e do ambiente escolar. Com a democratização da escola, surge a contradição inclusão/exclusão. As discussões sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência, em especial de alunos com TEA, ganha destaque nos campos de pesquisas e nos ambientes acadêmicos, com foco em efetivar e garantir o direito e a permanência desses discentes no ambiente escolar.

A história da Educação Inclusiva é um tema bastante discutido há décadas e vem sofrendo influência do pensamento social há vários anos. A escola do passado não era pensada para todos. Os alunos que não estavam no modelo padrão da sociedade eram excluídos da escola comum e levados para as salas especiais. Dessa maneira, a Educação Inclusiva surge para atender as pessoas com deficiência.

A partir da década de 90, os sistemas educacionais foram influenciados por políticas destinadas ao desenvolvimento de mudanças nas instituições escolares: o currículo, a obrigatoriedade do acesso dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais e a acessibilidade. Tais políticas atendem ao direito fundamental do indivíduo à educação. A Educação Inclusiva é um debate atual no cenário brasileiro. Sua principal proposta é que todas as pessoas com deficiência devem integrar-se ao ensino regular, independentemente de sua necessidade, tendo direito, portanto, à acessibilidade e ao apoio pedagógico, tudo isso regido por leis que asseguram os seus direitos.

A Declaração de Salamanca refere-se a um documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca na Espanha, no ano de 1994, com o objetivo de fornecer novas diretrizes para uma reforma na política e nos sistemas educacionais. A Declaração de Salamanca tem sido considerada, por muitos, um marco histórico na Educação Inclusiva, pois, a partir de sua aprovação, os países começaram a reformular suas diretrizes educacionais. A cada dia é notória a inserção desses alunos nas instituições de ensino regulares nos diferentes níveis de escolaridade. Com a Declaração de Salamanca, surgiu o termo Necessidades Educativas Especiais, sucedendo o termo criança especial, anteriormente utilizado para nomear uma criança com deficiência. Porém, essa nova expressão não se refere apenas às pessoas com deficiência, mas engloba toda e qualquer necessidade considerada diferente e que necessite de algum tipo de abordagem específica por parte das instituições.

Gil (2005, p. 16) salienta que: “a educação inclusiva não é uma moda passageira. Ela é resultado de muitas discussões, estudo teórico e práticas que tiveram a participação e o apoio de organizações de pessoas com deficiências e educadores, no Brasil e no mundo”. Muitas dessas transformações começaram a surgir no começo do século XX, com a Revolução Industrial, nos países desenvolvidos. Essas mudanças provocaram o início do atendimento às pessoas com deficiência, bem como o aparecimento da educação especial destinada ao movimento de inclusão na escola e na sociedade.

A inclusão das pessoas com deficiência nas escolas significa um grande avanço educacional e é um caminho importante para que se atinja também a inclusão social. Constitui uma meta cada vez mais firme nos diferentes sistemas que envolve a evidência de uma escola eficiente, diferente, aberta, comunitária, solidária e democrática, que ultrapassa o limite da integração e alcança o objetivo de uma sociedade pautada na igualdade para todos, ou seja, a efetiva inclusão.

O sistema educacional inclusivo passou a ser concebido, em sua contextualização histórica, como processo de reflexão e prática, com o objetivo de possibilitar e efetivar mudanças conceituais, político e pedagógicas, coerentes com o propósito de tornar efetivo o direito de todos à educação, preconizado pela Constituição Federal de 1988. A inclusão é uma oportunidade para o aprimoramento da educação escolar de todos os alunos com deficiência, depende, contudo, de uma disponibilidade da gestão escolar para enfrentar as inovações, entretanto, essa condição não é comum aos sistemas educacionais e a maioria dos professores.

A inclusão de pessoas com deficiência na escola vai além da inovação educacional e implica no reconhecimento de que o outro é sempre diferente, embora, em alguns momentos, observamos que muitas escolas não estão vivendo a inclusão como sinônimo de diferença.

Sabe-se que é difícil, muitas vezes, devido ao número de alunos que superlotam as turmas, mas é importante compreender o outro com sua diferença e oferecer um ensino adequado, pois se entende que todo ser humano, independentemente de sua deficiência, é possuidor de capacidades e de limitações.

A presença dos alunos com deficiência na sala de aula regular não acontece de forma rápida. Essa inclusão tem que ser feita com muito estudo, trabalho e dedicação de todas as pessoas envolvidas no processo: aluno com deficiência, aluno sem deficiência, família, professores e comunidade escolar. É de suma importância termos consciência que a educação inclusiva não se faz apenas por decretos ou diretrizes. Ela é construída na escola por todos, na articulação de várias lógicas e interesses. Por ser uma construção coletiva, requer mobilização, discussão e ação de toda a comunidade escolar.

De acordo com Moreira (2016, p. 33), “a educação inclusiva como diretriz para a transformação na estrutura da escola foi implantada pelo Ministério da Educação como política pública” e conseguiu sua expansão por meio do Programa Educação Inclusiva. Mantoan (1998, p. 3) propõe:

[...] uma verdadeira transformação da escola, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o ritmo e suas condições de assimilação dos conteúdos curriculares.

Ao adentrarmos nas entrelinhas das leituras sobre a Educação Inclusiva, percebemos que a verdadeira transformação da escola acontecerá quando realmente criarmos condições para que todos os alunos possam atuar efetivamente nos espaços educativos. Os alunos com deficiência têm seus direitos respeitados quando: frequentam uma escola regular; recebem informações iguais às recebidas pelos demais colegas, mesmo que tenham um tratamento ou atendimento diferenciado; e possuem condições propícias para construir uma posição subjetiva de alteridade. Carvalho (2004, p. 115) aponta algumas das funções de uma escola que busca se enquadrar nessa perspectiva da educação inclusiva, como:

- desenvolver culturas, políticas e práticas inclusivas, marcadas pela responsabilidade e acolhimento que oferece a todos os que participam do processo educacional escolar;
- promover todas as condições que permitam responder às necessidades educacionais especiais para a aprendizagem de todos os alunos de sua comunidade;
- criar espaços dialógicos entre os professores para que, semanalmente, possam reunir-se como grupos de estudo e de troca de experiências;

- criar vínculos mais estreitos com as famílias, levando-as a participarem dos processos decisórios em relação à instituição e a seus filhos e filhas;
- estabelecer parcerias com a comunidade sem intenção de usufruto de beneficiar apenas e sim para conquistar a cumplicidade de seus membros, em relação às finalidades e objetivos educativos;
- acolher todos os alunos, oferecendo-lhes as condições de aprender e participar;
- operacionalizar os quatro pilares estabelecidos pela UNESCO para a educação deste milênio: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser, tendo em conta que o verbo é aprender;
- respeitar as diferenças individuais e o multiculturalismo entendendo que a diversidade é uma riqueza e que o aluno é o melhor recurso de que o professor dispõe em qualquer cenário de aprendizagem;
- valorizar o trabalho educacional escolar na diversidade.

Segundo Carvalho (2004), “as citações são apenas algumas considerações para educadores, que possuem vontade de contribuir como profissional consciente na aprendizagem de todos os alunos, como cidadãos, plenos de direitos e deveres”. Assim, é possível entender que não é preciso apenas se discutir a Educação Inclusiva nos ambientes educacionais, é necessário contrapartida dos profissionais, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento de alunos com deficiência. O professor deve ter a força de vontade e ir à busca de formações e aperfeiçoamentos para saber lidar com esse público.

A escola, por sua vez, para promover a inclusão, deve eliminar barreiras que vão além das arquitetônicas, mas, principalmente, as atitudinais. São necessárias algumas adaptações de grande e pequeno portes, tais como a adaptação curricular e do sistema de avaliação da aprendizagem, a mudança de materiais e equipamentos, o desenvolvimento dos recursos humanos e a preparação dos alunos e pais de alunos que receberão o aluno com deficiência.

Com foco em nosso objeto de estudo sobre a criança com autismo e sua inclusão no ambiente escolar, discutimos a entrada desses alunos nas instituições de ensino, os impactos e os avanços durante esse processo de inclusão. A chegada da criança com autismo na escola regular gera grande preocupação na família e na escola. Nesse momento, a família e os profissionais da educação questionam-se sobre a inclusão dessas crianças, pois a escola necessita de adequações. Para as autoras Brande e Zanflice (2012, p. 44), “receber alunos com deficiência, mais especificamente com transtornos invasivos do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas”. Entretanto, isso não é tarefa fácil, pois segundo Scardua (2008, p. 2), para que haja inclusão escolar, “é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, comunidade, diretor, enfim, todos que participem da vida escolar direta ou indiretamente”.

Quando a criança chega à escola, os professores devem ter em mente que além de conteúdos escolares a serem aprendidos pela criança, é necessário que ela se torne independente, capaz de desenvolver atividades do dia a dia de forma independente, pois, muitas vezes, os pais realizam tarefas que as crianças poderiam realizar sozinhas. Para que o educador consiga fazer essa relação sobre o quê e como ensinar o aluno com autismo, é necessária formação adequada, caso contrário, a metodologia utilizada em sala não servirá para alcançar o objetivo desejado, que é a aprendizagem. Esse é um grande problema encontrado nas escolas, pois os professores não estão preparados para lidar com essas crianças, devido à falta de formação específica.

O professor deve ter consciência que para a concretização da aprendizagem significativa da criança autista, é importante a mudança de crenças e atitudes, pois toda criança é capaz de aprender, basta um olhar reflexivo para quais habilidades esta possui, assim é possível focar em suas aptidões. Além disso, é importante que a criança autista interaja com outras crianças, pois, de acordo com Camargo e Bosa (2009, p. 67), “para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças, é preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos”. As autoras ainda enfatizam que proporcionar às crianças com autismo a convivência com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo das suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo.

O convívio de uma criança autista no ensino regular irá favorecer o seu desenvolvimento e de seus pares. Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola comum ou em uma sala regular. É preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo-a como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade.

O processo de inclusão escolar consciente e responsável não acontece somente no âmbito escolar. Nessa perspectiva, a família da criança com autismo tem um papel decisivo no sucesso da inclusão, pois a família, em especial a mãe, conhece melhor a criança, e pode contribuir com todos os avanços no processo de inclusão escolar e de desenvolvimento.

A inclusão escolar da criança com TEA pode trazer alterações no seio familiar, devido à inserção da criança em um grupo social, oportunizando a convivência com outras crianças. Os pais passam a conviver com outros pais nesse novo universo, e potencializam as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem sistemática de seus filhos. Os prognósticos quanto ao futuro do filho autista podem ficar menos obscuros e a ideia que o filho nada pode realizar pode ser substituída por esperanças conscientes e investimentos no desenvolvimento

da criança. A escola é o único espaço social que divide com a família a responsabilidade de educar e que, de certa forma, trabalha a coletividade.

O meu interesse em abordar a temática sobre a Educação Inclusiva, justifica-se pela necessidade de continuar as discussões por mim iniciadas no ano de 2014, na disciplina de Educação Especial e Inclusão, ofertada no Curso de Licenciatura em Pedagogia da UERN. A experiência possibilitou um novo olhar em relação às pessoas com deficiência. Hoje, encontro nessas pessoas suas particularidades e capacidades para ir além, cada uma em seu tempo, de sua maneira, mas todos com uma grande propensão.

A supracitada disciplina oportunizou uma reflexão e, também, a produção de conhecimentos sobre a Educação Especial e as Práticas Inclusivas, além de possibilitar a minha compreensão do contexto atual. Conhecer o processo histórico da inclusão escolar das pessoas com deficiência mostrou-me que, mesmo de forma lenta e gradativa, a sociedade vem se modificando para incluir todos os alunos com essas condições nas escolas regulares, ampliando a inserção social.

A paixão pela Educação Inclusiva surgiu a partir do momento em que eu, como aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia, enxerguei-me como futuro profissional contribuinte no processo de inclusão de uma criança com necessidades especiais, e consciente do papel que o pedagogo tem no desenvolvimento das práticas inclusivas no contexto escolar. Para tanto, o profissional pedagogo precisa ter conhecimento amplo, teórico e sistemático dos aspectos a partir da visão inclusiva, para que assim, a escola torne-se um ambiente de efetiva inclusão.

Busquei aprofundar-me na área da Educação Inclusiva através de leituras para embasamento teórico e da luta para que a cada dia esse movimento ganhe força, tornando-nos uma sociedade inclusiva. Para, deste modo, ajudar as crianças com necessidade especiais a terem seus direitos assegurados, oportunizando o acesso a uma educação de qualidade. Essa pesquisa é também resultado de uma série de discussões iniciadas durante a minha graduação em Pedagogia. Nesse contexto, a proposta deste estudo busca os registros das narrativas das mães sobre as barreiras encontradas no processo de inclusão de seus filhos diagnosticados com o TEA.

As mães, através do olhar sensível e do sonho de verem seus filhos com autismo serem incluídos dentro das salas de aulas regulares, com as mesmas oportunidades e direitos que os demais, travam lutas constantes para romperem as barreiras encontradas ao longo dessa caminhada. Sobre essas dificuldades, Vitória narra:

Eu acho que a barreira já vem do órgão maior, da secretaria de educação que não dar a devida assistência. O município tem vários professores que são qualificados, que possuem várias especializações, mais não são valorizados, não são contratados. No entanto existe também pessoas despreparadas, que não sabem trabalhar com a crianças com autismo. Uma grande barreira também é o grande número de alunos na sala, e a falta do professor auxiliar. Tem os professores que não procuram se especializar para atuar melhor com a criança, ao invés da criança progredir, faz é atrapalhar. No ano de 2015 eu matriculei meu filho, e a professora foi bem realista em dizer que não tinha condições para trabalhar com ele em sala de aula. Eu até entendi o lado dela, pela justificativa de dizer que a sala era superlotada e ele precisava de uma atenção maior. Porém acho que ele deveria ter procurado a direção da escola, a coordenação, ou até mesmo a secretaria de educação para pedir um apoio. Na época eu não tinha nenhum conhecimento sobre as leis, aí retirei ele da escola e coloquei na particular (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

Vitória considera-se uma militante na luta pela inclusão escolar de seu filho, pois sempre buscou a efetivação dos direitos de seu filho. Apesar de trabalhar e passar muito tempo fora de casa, ela afirma que, quando aparece qualquer problema relacionado à educação do seu filho e ao seu processo de inclusão, vai atrás para saber o que aconteceu. Na narrativa de Vitória, podemos observar que a falta de formação continuada dos professores é uma barreira no processo de inclusão. Para Martins (2012, p. 34):

A formação contínua é um dos fatores imprescindíveis para que os profissionais de educação possam atuar, efetivamente, frente aos alunos sob sua responsabilidade em classe e no ambiente escolar, de maneira mais ampla, por mais diversificado que esse grupo se apresente, oferecendo - lhes condições de atendimento educacional que sejam adequadas às suas condições e necessidades e, não apenas, realizando a mera inserção física desses educandos no ambiente escolar.

Nesse sentido, ao narrar que “existem professores que não buscam se especializar”, a mãe enfatiza o quanto essa formação continuada é importante para que o professor possa trabalhar de forma correta com a criança com autismo. Com essa falta de preparação, o professor sofre dificuldades no processo de inclusão escolar, pois não consegue desenvolver práticas inclusivas em sua sala de aula. Dessa forma, Carvalho (2005, p. 5) afirma que:

O maior desafio está nas salas de aula onde o processo ensino aprendizagem ocorre de forma sistemática e programada. A grande questão parece ser: como planejar e desenvolver práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas, de modo a atender a todos e a cada um, valorizando o trabalho na diversidade, entendida como um recurso e não como um obstáculo? O que nos falta para desenvolver práticas pedagógicas com direção inclusiva?

Esses são questionamentos que o professor despreparado irá sofrer diante da falta de formação adequada para trabalhar com crianças com autismo. A mãe enfatiza também o poder

público como sendo uma barreira que impede o processo de inclusão escolar, pois, segundo Vitória, deveria existir mais investimento governamental para uma verdadeira efetivação da inclusão. Superação narra esse processo de inclusão e as barreiras ao longo do caminho, a seguir:

No início houve uma barreira por parte da direção da escola que havia matriculado ele. A diretora dizia que ele era muito mimado, só que eu mostrei a ela que não era, pois nunca fazias as coisas para cumprir com as vontades dele, sempre impus limite. Eu estudei e sei que não é porque ele tem autismo que vou fazer tudo que ele quer. Eu sempre soube que ele tinha que se inserir no meio social, mais teve barreira em relação a discriminação, ele sofria bullying, ele não gosta de barulho e os meninos da sala ficavam atormentando ele com bastante barulho. Uma barreira também é a falta de apoio das autoridades públicas, recentemente realizamos uma caminhada pelo autismo, reuniões com o intuito de conseguir melhorias no atendimento tanto na escola, como na área da saúde, mais não passou de velhas promessas. Atualmente a professora dele é maravilhosa, mas infelizmente teve algumas professoras no início que eu não gostei muito. Teve umas que chegou a dizer que o autismo era uma invenção, e que meu filho era só mimado, outras que em sua pratica discriminaram, e assim, mexa comigo, mas não mexa com meu filho, eu sou uma mãe leoa, e a partir dessas situações que ainda hoje existe essa barreira com essas professora que fizeram isso (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

Superação aponta novas barreiras no processo de inclusão. Inicialmente, podemos relacionar com a falta de preparação dos profissionais da escola, quando ela relata que a diretora da escola não sabia reconhecer as características do autismo, chegando a tachar seu filho como uma criança mimada. Outro ponto abordado por Superação é em relação à aceitação das outras crianças, pois seu filho sofreu e ainda sofre com a discriminação e o *bullying*.

A criança com autismo fica vulnerável a prática de *bullying*, pois, em alguns casos, as características são visíveis, além da dificuldade em manter as relações de interação com os demais colegas, o que acaba fazendo com que as outras crianças criem situações de insultos e práticas desagradáveis com a criança com autismo.

Ao analisarmos as narrativas, percebemos que, embora existam leis que assegurem a inclusão escolar da criança diagnosticada com autismo, a inclusão é um percurso difícil e com barreiras a serem rompidas para se conseguir o êxito escolar. Algo que aparece incomum e que podemos destacar é o olhar materno sobre o poder público, sendo considerado pelas duas mães-colaboradoras como uma das maiores barreiras encontradas no processo de efetivação da inclusão no ambiente escolar.

A falta de preparação dos professores também é algo em destaque nas duas experiências. Essa problemática é uma realidade presente nos dias atuais e pode afetar o processo de

desenvolvimento da criança e de inclusão. Como podemos perceber em situações que os professores por falta de (in)formação cometem julgamentos, contestando o diagnóstico do aluno com TEA, por exemplo.

CAPÍTULO 3: O OLHAR MATERNO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SEUS FILHOS COM AUTISMO: POSSIBILIDADES

O coração de uma mãe, mulher guerreira
Braço forte no caminho
Nos guiando entre espinhos
Preparando seus filhotes para a vida
Sendo pura e amável
Imbatível no cansaço
Um exemplo pra seguir na minha vida.
(Música: Mãe Guerreira, Alfredo Macratão)

A música reflete sobre o quanto a mãe é importante na vida do filho, pois é uma guerreira, lutando de forma incansável para ver seu filho crescer em uma vida digna. É a mulher que trabalha, estuda e ainda tem tempo para cuidar de sua cria. Além de assumir a missão especial de educar, cuidar e caminhar lado a lado, mesmo em meios aos espinhos, mostrando-se ser forte para ajudar ao filho no momento de precisão.

A mãe da criança com autismo tem um longo caminho a ser percorrido. Para algumas, a caminhada é harmoniosa e cheia dos encantos. Para outras, a caminhada torna-se mais pesada, com barreiras que precisam ser superadas. Todas elas são figuras fundamentais para o rompimento dos empecilhos no processo de inclusão e desenvolvimento da criança com autismo, pois o “ser mãe” destaca-se no caminho de luta e superação.

Com o objetivo de evidenciar de que modo as mães superam os desafios encontrados no processo de inclusão educacional de filhos autistas, neste terceiro capítulo, iremos apresentar narrativas do cotidiano de mães de crianças com autismo, evidenciando as táticas utilizadas na superação de barreiras encontradas ao longo desse processo. Iremos expor, por meio das narrativas (auto)biográficas, o olhar materno sobre a legislação, o que elas conhecem sobre os direitos de seus filhos e as leis que amparam o direito à inclusão escolar de crianças diagnosticadas com autismo. . Para isso adentraremos em discussões com a Lei 13.146/15- Lei Brasileira de Inclusão e a Lei 12.764/12-Lei Berenice Piana, que trata sobre a proteção dos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista-TEA, com foco nos artigos referentes a educação, buscando conhecer o que essas mães sabem sobre a legislação, bem como se fizeram uso em algumas situações do cotidiano escolar.

Apresentaremos discussões sobre a relação entre mãe e escola na luta pela inclusão, a importância da parceria harmônica entre ambas. As mães de crianças com autismo encontram diante de si um longo caminho de obstáculos na educação de seus filhos, e a participação ativa neste processo é o que determinará o avanço educacional dessas crianças. Nesse tópico apresentaremos narrativas sobre a relação mãe e escola, trazendo as vozes maternas de como se sentem dentro desse processo, reconhecendo a importância de se manter uma boa relação

com a equipe escolar, desde o vigilante até a professora.

Por último, traremos as narrativas de experiências de superação no processo de inclusão de seus filhos, com ênfase no êxito do caminhar pela inclusão. Desse modo, optamos em apresentar as narrativas na forma de diários, onde as mães irão selecionar desenhos de seus filhos durante esse processo de inclusão escolar, com foco na representação que cada desenho tem para elas. Assim irão descrever os sentimentos de seus filhos expostos na imagem, bem como os aprendizados encontrados na leitura de imagens. O que cada desenho representou e contribuiu com a evolução de seus filhos com autismo.

3.1 Mães de coragem: construindo táticas para superar as barreiras

Como mencionado no capítulo anterior, pelas mães participantes da pesquisa¹⁹, são inúmeras as dificuldades de inclusão das crianças com autismo no espaço escolar, como a falta de preparação dos profissionais da instituição e o desafio do professor de reconhecer a criança com autismo como um ser de potencialidade para, assim, buscar formas para contribuir com o processo de desenvolvimento dessas crianças.

A criança com autismo, por apresentar características particulares em razão do espectro, requer uma adaptação desde a preparação do currículo, as práticas pedagógicas dos professores, bem como ações pontuais e rotinas que venham favorecer o comportamento positivo do aluno. Ao analisarmos a escola como espaço de relações sociais e fortalecimento das habilidades comportamentais, percebemos que ela tem papel fundamental no auxílio aos estudantes com autismo e aos seus familiares, pois sabemos que os seres humanos, por natureza, vivem em grupo, relacionam-se com diferentes pessoas e, por meio dessa socialização, são passadas as regras da sociedade e, assim, são aprendidas as maneiras adequadas de comunicação, aprendizagem, desenvolvimento e convivência. A escola, nesse sentido, é primordial para que a criança com autismo possa romper alguns de seus limites, e se desenvolva de maneira comum com os demais pares de sua faixa etária.

Segundo Mello (2004), para que a criança com autismo seja incluída na escola com sucesso é preciso considerar três pontos ao longo do processo:

- o primeiro, é que aluno deve ser inserido, preferencialmente, em uma sala que tenha alunos cuja média de idade seja a mesma de sua idade cronológica. O máximo que a idade cronológica do aluno inserido pode ultrapassar a idade média dos outros alunos da sala é de dois anos;
- o segundo, é que o aluno deve ser inserido em uma sala com nível de desenvolvimento semelhante ao dele;
- o terceiro, é que se deve evitar o aparecimento, no ambiente de sala de aula, de problemas de comportamento que comprometam a convivência dessa criança, ou que tais problemas, se aparecerem, tendam à extinção por meio da interferência rápida do professor, com apoio do responsável pelo programa (MELLO, 2004, p. 26).

Ao refletirmos sobre esses pontos, podemos entender que a escola, ao incluir uma criança com autismo, deve organizar um ambiente colaborativo entre os profissionais para

¹⁹ Vitória e Superação, mães de crianças com autismo, militantes que vivem a experiência de lutar por uma educação inclusiva. Foram escolhidas para participar desta pesquisa, por possuírem uma história de vida de luta e participação ativa no processo de inclusão escolar de seus filhos.

favorecer as aprendizagens significativas, e busque estimular as potencialidades do aluno com TEA como um sujeito que pensa e sente, com o objetivo de reforçar os pontos que exigem maior atenção e desenvolvimento e visar uma aprendizagem prazerosa e com diversos estímulos de acordo com a singularidade da criança, acompanhando o tempo de cada uma, as etapas do desenvolvimento e os avanços na aprendizagem. Segundo Eugênio Cunha (2013, p. 49):

No ensino do aluno com Transtorno do Espectro Autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim, grandes possibilidades de aprendizagem. Considerando a função social e construtiva da escola. Entretanto, o ensino não precisa estar centrado nas funções formais e nos limites preestabelecidos pelo currículo escolar.

Nos termos do autor, fica evidente o quanto o professor precisa atentar-se para as habilidades de cada sujeito inserido em sala de aula. A criança com autismo apresenta um ritmo de aprendizagem diferente das crianças típicas, porém o educador deve buscar formas diferenciadas que permitam ao aluno com TEA chegar ao mesmo resultado dos demais. É preciso trabalhar as potencialidades do sujeito, evidenciando os pontos negativos que precisem de uma atenção maior.

Para desenvolver um trabalho positivo com os alunos com TEA, é preciso que haja a parceria entre todos os envolvidos, como professores regulares, professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), pais, profissionais da saúde, da Assistência Social e outros profissionais da educação, proporcionando um acompanhamento preciso e criterioso para a obtenção do pleno desenvolvimento do aluno, pois quanto maior for o comprometimento da equipe, mais desenvolvidas estarão suas habilidades adaptativas e de reforço positivo.

Outro desafio citado pelas mães é sobre as ações da Secretária Municipal de Educação. Segundo relato de Vitória, mãe participante do estudo, falta investimento, por parte desse órgão, no processo de formação continuada dos professores na área de Educação Especial. Com isso, os docentes não têm o preparo necessário para atuar de forma eficaz na inclusão e no desenvolvimento da criança.

Em um de seus relatos, Vitória abordou uma situação no tópico anterior sobre as barreiras encontradas no processo de inclusão. Vitória narrou que uma professora pediu-a para matricular seu filho em uma escola da rede particular, pois não tinha como a docente dar suporte necessário à criança. A falta de conhecimento e a sala superlotada foram apontados pela professora como fatores negativos que iriam prejudicar a criança naquele momento. Nessa fala, podemos perceber que a professora não tinha conhecimento sobre a educação especial,

evidenciando em sua atitude a falta de preparo e de leitura sobre o direito da criança com autismo.

Mesmo diante dos desafios do processo de inclusão, as mães não desistem de verem seus filhos inclusos no ambiente escolar, com direito à permanência e à educação de qualidade. Com isso, as mães buscam formas para reduzir as barreiras encontradas, aqui nomeadas de táticas. A construção de táticas remete-nos a ideia de métodos que foram criados para atingir um objetivo, para se alcançar algo desejado. No nosso estudo, os métodos criados pelas mães para romperem as barreiras encontradas no percurso de inclusão educacional de seus filhos com autismo. Dialogamos com a ideia de tática trabalhada pelo autor Michel de Certeau (1998) quando ele afirma que “a tática é baseada no improviso”, e que a pessoa tática, no caso as mães, não encaram as estratégias de frente. Em nosso estudo, a ideia de estratégia estará ligada às leis e às instituições responsáveis pela inclusão de crianças diagnosticadas com o autismo. As mães não criam embates com as escolas e as políticas de defesa, mas tentam preencher as lacunas e se unem a esses grupos estratégicos para conseguirem ver seus filhos inclusos na escola.

Quadro 1: Narrativas maternas sobre as táticas para superação de barreiras no processo de inclusão escolar de crianças com autismo

NARRATIVAS DAS MÃES SOBRE AS TÁTICAS PARA SUPERAÇÃO DE BARREIRAS	PORQUE CONSIDERAMOS TÁTICAS
<p>As barreiras começam desde o momento do diagnóstico. Logo quando eu soube, mesmo em meu ao choque procurei o atendimento do CAPS da cidade, que era bem próximo a minha casa, e lá ele teve acompanhamento do fonoaudiólogo, terapia ocupacional. Mas eu sentia falta na escola sobre a sala do Atendimento Educacional Especializado, e sentia falta do uma professora auxiliar para ele, pois ele estava sempre só, em alguns momentos os outros alunos batiam nele, e só uma professora para dar atenção a mais de vinte e cinco crianças não tinha como. Decidi então e buscar apoio na parte</p>	<p>Nas narrativas de Vitória, podemos perceber sua história de luta desde o princípio para superar as barreiras encontradas na vida e na inclusão de seu filho com autismo. Em nossas análises, os fragmentos, a seguir, são táticas criadas por ela para superar essas barreiras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mesmo em meio ao luto ela foi atrás de atendimento no CAPS. Cheia das incertezas, e de qual caminho seguir, Vitória foi atrás de ajuda para seu filho. Uma tática de superação ao luto e ao mesmo tempo a busca pelo desenvolvimento da criança.

pedagógica na APAE. Lá ele começou a interagir com outras crianças, nas aulas de violão, de computação e o AEE, hoje ele já consegue socializar com outras crianças. Aqui em Baraúna a gente sentia dificuldade quando procurava um atendimento, era uma maior dificuldade, ir na regulação, e chegava lá nunca dava certo, aí veio a ideia junto com outras pessoas de fundar a Associação de Pessoas com Deficiências de Baraúna-APDB em 2017, com isso se abriu mais as portas, o entanto ainda existe certas barreiras que deixam a desejar. Porque tudo que a gente corre atrás eles jogam como politicagem, que é confusão. Mas as pessoas me conhecem e sabem da minha luta, sempre procuro ajudar a todas as mães, não só a mim. Sou secretária da associação e sempre procuro saber como estão as crianças, fico doente quando vejo uma criança especial sem ajuda. As vezes recebo ligação das mães pedindo ajuda para conseguir uma vaga na fonoaudióloga, já que a demanda é grande no município, aí faço ofício em nome da associação e vou à luta por essas mães e crianças. Houve uma época também que a Prefeitura Municipal não estava fazendo o repasse que assegurava o convênio da APAE para receber as crianças de Baraúna, aí também nos unimos e fomos juntos com os professores que na época estavam de greve e fizemos nossa reivindicação, e lá eu tive a oportunidade de falar e cobrar a implantação

- Fundar com a ajuda de outras pessoas a Associação de Pessoas com Deficiência de Baraúna. Uma tática de enfrentamento ao poder público, tendo em vista que, em algumas situações, Vitória teve seu direito e acesso negados por falta de algo ou alguém que a norteasse.

- Lutar junto aos professores pela educação de qualidade, reivindicando o direito a sala do AEE para crianças com deficiência, e pela continuidade do convênio da APAE, pois ela sabia da importância de ambas instituições para o pleno desenvolvimento do seu filho, sendo assim, uma tática para vencer situações de conflito com poder executivo do município.

- Assumir a secretaria da associação, lutar pelo direitos de outras crianças com autismo, classifico como tática humana, amorosa, de uma mãe que sonha com o mundo melhor para seu filho e outras crianças que vivem na mesma condição. Humana no sentido de se colocar no lugar do outro. Ela pode até considerar como pequena atitude, mas para outras mulheres, que, muitas vezes, não têm acesso e conhecimento necessários para ir à luta pelos direitos das crianças com autismo, torna-se algo grandioso e de muita importância na vida dessas pessoas.

<p>da sala do AEE na escola, pois sabia que era um direito, que nenhuma escola de Baraúna tinha. (Narrativas de Vitória, Baraúna/RN, 2019)</p>	
<p>A tática utilizada para superação das barreiras é muito amor, muita paciência e muita dedicação. Está sempre tentando conhecer mais sobre o autismo, porque quanto mais a gente entende, a gente consegue lidar melhor com as diversas situações. Na escola a tática utilizada é sempre manter o diálogo com a professora, procurar saber como anda o desenvolvimento do meu filho, como é o comportamento desse tipo de coisa. Sobre as barreiras impostas pelo poder público, por diversas vezes, não só eu, mas outras mães criamos táticas para alcançar alguns objetivos, temos um grupo no WhatsApp por nome de “anjo mãe” e sempre nos reunimos para lutar pelos direitos de nosso filhos, participante de fóruns buscando conhecer e ao mesmo tempo mostrar as autoridades da nossa cidade os direitos da criança com autismo. (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019)</p>	<p>Com narrativa mais sucinta, Superação pontua algumas situações que ela considera como tática. Mostra em sua fala uma história de luta e pertinência pela inclusão de seu filho.</p> <p>A participante inicia sua fala pontuando três táticas que, durante a sessão de narrativa, ficaram evidentes que são fundamentais para a superação de barreiras:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tática do amor, paciência e dedicação, relacionado ao amor a seu filho, ao zelo por sua criação; a paciência de lutar pelos direitos da criança; e a dedicação ao longo desse processo. - Tática de conhecimento: buscar conhecer e compreender o autismo para contribuir de maneira positiva com o desenvolvimento do seu filho. -Tática dialógica: conversar com a professora, procurar compreender as experiências vividas por seu filho, bem como contribuir com a professora, relatando vivências do cotidiano da criança, permitindo um conhecimento de como se trabalhar com ele em sala.

	- Tática dinâmica: promover a relação entre outras mães de crianças com autismo, por meio de redes sociais, com o objetivo de unir a luta pelos direitos de seus filhos.
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Ao analisarmos o Quadro 1, percebemos que, ao longo da história de luta e pertença com a inclusão escolar, as mães constroem essas táticas, em determinadas situações até de forma inconsciente, pois elas não conseguem perceber ou identificar as próprias atitudes como uma tática para o rompimento das barreiras. Nesse contexto, buscamos identificar, nas falas das participantes Vitória e Superação, atitudes vivenciadas por elas que demonstram táticas, e, com isso, escolhemos alguns nomes para identificarmos cada uma dessas situações.

Na narrativa de Vitória, evidenciamos a construção das táticas desde o momento do diagnóstico do seu filho, quando ela, mesmo em meio ao seu luto, momento da morte de seus sonhos, teve a força para romper esse momento, e buscou ajuda através das instituições responsáveis. Destacamos ainda, a ousadia e a história de luta de Vitória, ao se juntar a um grupo de pessoas para fundar a Associação de Pessoas com Deficiência de Baraúna/RN (APDB), com o intuito de fortalecer a luta pelos direitos de seu filho.

Percebendo o quanto a educação é importante na vida do seu filho, e ainda sobre o quanto é primordial a valorização do professor, Vitória se uniu aos professores na luta pelos direitos em uma greve municipal, no ano de 2016, em Baraúna/RN, e ainda lá, aproveitou a situação para abrir discussão sobre inclusão escolar e os direitos do seu filho, mostrando ao poder público seus deveres para efetivação das políticas de inclusão.

Na narrativa de Superação, outra mãe de luta, é possível perceber algumas situações que consideramos táticas de superações das barreiras. Superação já inicia seu relato falando que umas das principais táticas é o amor para compreender a criança com autismo, e carinho e muita paciência em todo o processo de aceitação e luta pela inclusão escolar.

Superação sobre o quando a busca por conhecimento sobre o espectro é importante para lidar com determinadas situações para, assim, não julgar a criança pelo comportamento diferente das demais. A mãe relata ainda a necessidade do diálogo com as professoras e os demais profissionais da instituição de ensino, tendo em vista a importância de cada um na vida do filho com TEA. Destacamos, ainda, a tática usada por Superação para partilhar com outras mães de crianças com autismo os momentos de seus filhos, bem como a troca de informações,

buscando ajuda uma da outra no processo de desenvolvimento e inclusão escolar de crianças com autismo.

Segundo Certeau (1998), as táticas cotidianas são a verdadeira “arte de fazer”. É o momento que os sujeitos anônimos abrem seus próprios caminhos, por meio do uso dos produtos já impostos pelas políticas e cultura. São as táticas de resistências que vão alterando o espaço de cada um. Assim, as mães, sujeitos anônimos, criam suas próprias táticas para se sobressair de situações as quais, muitas vezes, os direitos de seus filhos foram negados pelo poder público.

Como já discutido nas leituras de Certeau (1998), as táticas são baseadas no improviso, pois as pessoas táticas não criam confrontos com as pessoas estratégicas. Nesta pesquisa, há a mãe x poder público, a mãe x escola, dentre outras, porém, em determinadas situações, é preciso confrontar de maneira responsável essas instituições para que vejam que as mães têm conhecimentos dos direitos de seus filhos, e lutam para vê-los incluídos na sociedade, e, principalmente, no ambiente escolar.

Ao fazermos a leitura das narrativas das duas mães participantes da pesquisa, podemos identificar algumas táticas para superar as barreiras impostas na sociedade. O Quadro 1 divide-se em duas partes: o lado direito traz a narrativa das participantes; e o lado esquerdo, as táticas criadas por essas mulheres. Os nomes dados as táticas, por exemplo, “táticas de conhecimentos”, foram criados a partir de palavras-chave retiradas dos trechos das narrativas, segundo nossa análise.

Romper com barreiras é uma dificuldade de muitas pessoas, e, em algumas situações, requer criatividade e improviso para enfrentar os desafios. Para as mães de crianças com autismo, são inúmeras as barreiras encontradas no processo de inclusão de seus filhos, como relatou Vitória: “essas barreiras já se iniciam no diagnóstico da criança”. Como já relatado, a mãe sofre muito nesse momento de descoberta e aceitação, tendo em vista o momento de luto e perda dos sonhos idealizados.

Cada mulher vive essa experiência de maneira diferente. Vitória criou as táticas de superação: ir em busca de atendimento e lutar pelo desenvolvimento do seu filho. Com essa experiência, mostra uma grande força interior, capaz de superar o luto, e fazê-la ir atrás dos profissionais capacitados para trabalhar de forma correta com seu filho. A experiência de Vitória traz um grande ensinamento para outras mães que vivem ou estão iniciando o processo de diagnóstico de seus filhos, tendo em vista o aumento no número de casos de autismo em nosso país, pois mostra-nos como se sobressair do luto e ir à luta pelo seu filho, buscando compreender e ajudar.

Vitória encontrou barreiras nos serviços públicos da cidade, as dificuldades de se manter um diálogo, quando necessário, na busca pelos direitos do seu filho e de outras crianças com TEA. Para romper com esses empecilhos, ela conseguiu o apoio de outras pessoas para fundar a Associação de Pessoas com Deficiências de Baraúna/RN (APDB). Mesmo a ideia não partindo de Vitória, ela aproveitou a oportunidade para enfrentar os desafios de forma legal por meio da Associação. Nomeamos esse fato como “tática de enfrentamento”, pois com a fundação da Associação, o poder público do município passou a tratar as pessoas com deficiência, em especial para as crianças com autismo, com mais atenção, capaz de compreender as necessidades desses sujeitos. A partir disso, ainda de maneira inicial, as autoridades têm buscado contribuir com as discussões e com práticas para o desenvolvimento e inclusão das pessoas com deficiência no supracitado município.

Por percebemos a doação de Vitória para contribuir não somente com o desenvolvimento e inclusão de seu filho, mas com todas as crianças diagnosticadas com o TEA, nomeamos essa ação como “tática humana”. Ao assumir a função de secretária da APDB, Vitória assumiu responsabilidade de ajudar de forma voluntária as pessoas com deficiências, com ênfase nas mães de crianças com autismo. Por ter uma história de luta, usa a empatia para se colocar no lugar das outras mães, desenvolvendo um olhar sensível sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres que vivem o dilema de serem mães de crianças com autismo.

Essas mães, muitas vezes, não têm conhecimento sobre o direito das crianças com autismo, ou em algumas situações criam receio em enfrentar determinadas barreiras pelo medo de não ser capaz, mas Vitória traz em seus relatos a possibilidade da mulher, mãe de conseguir vencer os desafios impostos no processo de inclusão de seus filhos. Basta o desejo e a flexibilidade para criar táticas de superação.

Também identificamos, nas narrativas de Superação, táticas criadas para a desconstrução das barreiras no processo de inclusão de seu filho. Durante a sessão de narrativas, Superação deixou evidente três táticas que considera fundamentais para romper os desafios encontrados: amor, paciência e dedicação. “Amor”, no sentido de aceitar, amar e cuidar do seu filho com autismo, sem precisar esconder da sociedade a deficiência do seu filho. Um amor racional, que dispensa o vitimismo, e encara as dificuldades com garra, com desejo de acertar e contribuir com o pleno desenvolvimento do filho. O amor materno capaz de doar a própria vida, como Superação enfatiza a todo tempo, a escolha de deixar sua vida, para cuidar dos seus filhos.

A “paciência” de esperar, processualmente, o desenvolvimento do seu filho, sabendo que, em algumas situações, ele pode se atrasar, diferente das outras crianças. Ter paciência de

lutar e reivindicar os direitos do seu filho, mesmo ciente das inúmeras dificuldades enfrentadas no caminho. Paciência para esperar o devido direito do seu filho sendo respeitando e posto em prática por todas as instituições que precisam levar em consideração as particularidades da criança com autismo.

“Dedicação” total a seu filho, abrindo mão de seus objetivos pessoais e do seu trabalho para cuidar, educar e acompanhar o desenvolvimento da criança dentro e fora da escola. Na narrativa de Superação, percebemos que ela busca participar e acompanhar as atividades escolares e apoiar o grupo docente no que for preciso. Segundo Superação, “onde ele for, eu vou estar com ele”.

Identificamos nas narrativas de Superação a “tática do conhecimento”. Para ela, conhecer o espectro é fundamental compreender seu filho e contribuir de maneira positiva com seu desenvolvimento. A participante relata que uma de suas táticas foi pesquisar e buscar leituras sobre o autismo, com o objetivo de entender seu filho dentro de seus limites e possibilidades. A participação em fóruns e palestras foi essencial para Superação conhecer e ajudar seu filho, buscando sempre o melhor caminho a trilhar.

Através da “tática dialógica”, Superação narra sua relação com professores e profissionais que fazem parte do cotidiano do seu filho, com o objetivo de articular diálogos para efetivar as trocas de experiências, para assim, cada um desenvolver as atividades de forma correta. Para Superação, o diálogo é fundamental, pois cada profissional, assim como ela, tem sua função indispensável na vida da criança.

Por último, nomeamos a “tática dinâmica”. A ideia de criar um grupo no WhatsApp²⁰ para compartilhar dicas, sugestões de atividades e situações que contribuem para o desenvolvimento das crianças com autismo. Atualmente, o uso das redes sociais para o compartilhamento de informações tem se tornado uma forma dinâmica e rápida de interação. O grupo intitulado “Anjos mãe” é composto por mães de crianças com autismo da cidade de Baraúna/RN.

Superação narra que às vezes entram mulheres novatas no grupo, logo após a descoberta do diagnosticado do filho, e elas participam do “Anjos da mãe” com o objetivo de buscar de ajuda e agir em determinadas situações. O grupo tem contribuído muito com essas mães, pois

²⁰ A ideia do grupo surgiu de uma conversa de Superação com outras mães de crianças com autismo da cidade de Baraúna/RN, com o objetivo de compartilhar as angústias e os medos, bem como maneiras de lidar com as crianças e as experiências na escola.

muitas usam esse espaço para desabafar no momentos de angústia, bem como as experiências de conquistas no processo de inclusão de seus filhos com TEA.

Neste tópico, encontramos, nos relatos das participantes, algumas barreiras existentes no processo de inclusão das crianças com autismo. Para romper esses desafios, foi preciso a criação de táticas, seja de conhecimento, enfrentamento, superação ou humanas. Essas táticas foram nomeadas a partir das narrativas maternas, sobre o que elas fizeram para superar as barreiras no processo de inclusão escolar de crianças com autismo. Diante das situações difíceis, essas mães não se curvaram e reivindicaram, fundaram e criaram espaços para debates e esclarecimentos sobre o TEA, uniram-se a outras mães na busca dos direitos de seus filhos.

3.2 A mãe e a legislação para crianças com TEA: quais os direitos do meu filho?

Para discutir sobre as Leis Brasileiras de Inclusão, é preciso compreender todo o processo de lutas e discussões em torno desse assunto, pois não é de hoje que se busca uma educação de igualdade para crianças e adolescentes, independentemente da deficiência. Durante muito tempo, as crianças com Necessidades Educacionais Especiais eram vistas como pessoas fora dos padrões sociais, e justamente por isso, eram inseridas em ambientes destinado às pessoas com deficiência, o que se denominava de integração.

De acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, o acesso à educação é um direito de toda criança, e um dever do Estado e da família em parceria com a sociedade, com igualdade nas condições de acesso e permanência. Além disso, prevê o Atendimento Educacional Especializado na rede regular de ensino para pessoas com deficiência, e também o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas. Sendo assim, está na Lei, logo é um direito. Cabe ao Estado, a família e a sociedade cumprir o que está previsto, garantindo o desenvolvimento e o preparo dos cidadãos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº. 9.394/96, no Capítulo V, da Educação Especial, no Art. 58, define Educação Especial como “[...] a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.” Assim, a Educação Especial surge para atender as pessoas com Necessidades Especiais ou deficiências que precisam de um olhar sensível durante o processo de ensino-aprendizagem nas escolas.

Atualmente, a Lei Brasileira de Inclusão, Lei Nº. 13.146/15, entrou em vigor no 3 de janeiro de 2016, representando um marco na abordagem social e jurídica de inclusão das pessoas com deficiência. A LBI baseou-se na carência de serviços públicos existentes no Brasil e nas demandas da própria população. Essa Lei surgiu para mudar algumas leis que já existiam,

mas que, de certa forma, não atendiam ao novo paradigma da pessoa com deficiência ou que, simplesmente, a excluía de seu escopo.

Segundo Mara Gabrilli, relatora da Lei Brasileira de Inclusão, na Câmara dos Deputados, a principal inovação da LBI está na mudança do conceito de deficiência, pois não é mais entendida como uma condição estática e biológica da pessoa, mas como o resultado da interação das barreiras impostas pelo meio com as limitações de natureza física, mental, intelectual e sensorial do indivíduo. A LBI veio para mostrar que a deficiência está no meio, não nas pessoas, ou seja, quanto mais acessos e oportunidades uma pessoa dispõe, menores serão as dificuldades consequentes de sua característica. A Lei Brasileira de Inclusão traz em seu Art. 2º que:

Art. 2º- Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Lei Brasileira de Inclusão)

Apresentamos a definição com base na LBI para nos fundamentarmos, bem como o mostrar o que diz a legislação sobre a pessoa com autismo. Assim, partimos para o ponto principal que está relacionado ao nosso estudo, o “Direito à Educação”, presente no capítulo IV, a partir do Art. 27, e afirma que a “educação é um direito de todos, em qualquer nível de ensino, e deve ser assegurada ao longo de toda a vida, desenvolvendo as habilidades segundo suas características e necessidades de aprendizagem”.

Já no Art. 28, passo a relacionar alguns pontos de acordo com a realidade a qual vivenciei através do cumprimento desses direitos da criança no NEEs. A Lei estabelece que “é dever do poder público assegurar e criar estratégias para a permanência desses alunos em qualquer nível de ensino, e aprimorar os sistemas educacionais para assegurar o direito e a permanência das crianças nas escolas públicas”. O Art. 28 aborda a “adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado”. Isso acontece na prática, mesmo que não seja possível atingir toda a demanda de professores.

A Lei Brasileira de Inclusão surgiu para que todas as pessoas com deficiência tenham seus direitos respeitados. Atualmente podemos observar avanços significativos, como:

- Proibição da cobrança de taxas extras para alunos com deficiência;
- Adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores;

- Oferta de formação continuada para o Atendimento Educacional Especializado;
- Participação dos estudantes com deficiência e de suas famílias nas diversas instâncias de atuação da comunidade escolar;
- Aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantia de condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;
- Acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino e oferta de profissionais como apoio escolar.

Em razão das particularidades do autismo, a inclusão escolar deve considerar alguns critérios, principalmente o da individualidade. Cada criança autista vive em sua singularidade, com limitações e habilidades únicas que devem ser exploradas pelo sistema educacional. A inclusão escolar compõe um processo de desenvolvimento social primordial para o tratamento autista. A educação, portanto, torna-se um complemento ao tratamento da criança com autismo.

No ano de 2012, foi promulgada a Lei N.º. 12.764, conhecida como Lei Berenice Piana, em homenagem a luta de uma mãe pelos direitos de seu filho autista. A Lei em questão instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e as diretrizes para sua consecução. Essa lei, em sucintos artigos, expõe os direitos da criança autista e as ações do Poder Público.

No inciso IV, do Art. 3.º, é especificado o direito à educação e ao ensino profissionalizante. Aborda o direito a um acompanhante especializado para esse público, conforme termos do inciso IV, do Art. 2.º. Seguindo essa Lei, as instituições de educação além de assegurar matrícula para pessoas com TEA nas classes regulares de ensino, devem oferecer o Atendimento Educacional Especializado e o profissional de apoio, desde que comprovada a necessidade, visando o atendimento de cuidados especiais, como higiene, alimentação e locomoção, acarretando aos gestores penalidades caso esse direito não seja atendido.

O Atendimento Educacional Especializado está previsto na Lei N.º. 7.611, de 17 de novembro de 2011, sendo dever do poder público e das instituições a articulação para oferecer um atendimento de qualidade, baseado nas diretrizes da Lei supracitada, às pessoas com deficiência que dele necessitarem.

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (Art. 2º da Lei 7.611/2011)

Na escola, é preciso que sejam feitas adaptações curriculares e estratégias adequadas para a inclusão escolar dos alunos diagnosticados com TEA. A Lei Berenice Piana nº 12.764/12, em seu Art. 2º, indica algumas diretrizes que devem orientar as escolas para a inclusão escolar de qualidade. A exemplo dessas diretrizes, a Lei cita a intersetorialidade através da integração de diferentes áreas, como saúde, educação, assistência e outros órgãos públicos, com foco na implementação de ações voltadas às pessoas com TEA, isto é, a articulação de diferentes áreas torna-se fator necessário para que a inclusão escolar das pessoas com TEA seja efetivada com qualidade.

A formação e capacitação de profissionais é outro fator importante na efetivação dos direitos e inclusão escolar dos alunos com TEA. A formação continuada deve visar alguns aspectos necessários, como:

- Construção de processos de significação;
- Mediação pedagógica na organização de atividades de recreação e alimentação;
- Implementação de parâmetros para a avaliação pedagógica, valorizando cada progresso do autista;
- Relação permanente com a família no processo de escolarização;
- Intervenção pedagógica com foco nas relações sociais e comunicativas no cotidiano escolar e demais ambientes;
- Interlocução entre as diversas áreas para a troca de informações;
- Acompanhamento dos estudantes com TEA frente ao fazer pedagógico da Escola.

As ações para a promoção da inclusão escolar das pessoas com autismo resultam na adoção de novas práticas pedagógicas e na quebra paradigmas, como, por exemplo, a obrigação do aluno especial em aprender como aluno regular.

Promover a inclusão significa, sobretudo, uma mudança de postura e de olhar acerca da deficiência. Implica quebra de paradigmas, reformulação do nosso sistema de ensino para a conquista de uma educação de qualidade, na qual, o acesso, o atendimento adequado e a permanência sejam garantidos a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades (SCHMIDT, 2013, p. 136).

Para a inclusão escolar de pessoas com deficiência, mais especificamente com TEA, a instituição educacional precisa ter profissionais capacitados para o desenvolvimento eficaz de ações pedagógicas inclusivas. No entanto, o ensino de crianças com TEA tem sido marcado por muitas dúvidas e insegurança por parte do professor, o que tem provocado dificuldades na prática docente.

Além de formação específica para o exercício docente de crianças com TEA, o educador deve conhecer os afetos, as ações e os interesses da criança com autismo. Conhecendo-os, poderá aplicar atividades que possibilitarão maior atenção e participação nas atividades escolares. A afetividade na relação entre professor/aluno é fundamental para o desenvolvimento intelectual, moral e afetivo dos alunos. As crianças com TEA têm alto déficit de atenção, o que requer do educador um trabalho com atividades diferenciadas para conseguir a atenção e participação desses alunos nas atividades propostas.

O processo de inclusão escolar das crianças com TEA deve acontecer por meio de práticas pedagógicas voltadas ao cotidiano dos alunos, tendo por base suas experiências e ações do dia a dia para a promoção do desenvolvimento da criança como pessoa, e não como deficiente. Para isso, além de, simplesmente, colocá-la dentro do espaço escolar, é preciso proporcionar uma aprendizagem significativa, baseada nas potencialidades e práticas cotidianas, pois, como afirma Freire (1992, p. 11), “a leitura de mundo procede a leitura da palavra”.

Conhecer os direitos da criança com autismo auxilia o processo de inclusão escolar, bem como sua participação na sociedade como um todo através do direito à saúde, à moradia e ao lazer. Por isso, é necessário que as mães tenham conhecimento suficiente para lidar com as diversas situações de desrespeito a esses direitos. Com base nas leituras da Legislação Brasileira sobre os direitos das crianças com autismo, surge o questionamento: As mães conhecem as leis e sabem todos os direitos das crianças com autismo? Com isso, levamos as mães a refletirem sobre a importância do conhecimento da leis sobre inclusão.

Com o objetivo de observar as narrativas sobre as impressões das mães sobre os direitos de seus filhos diagnosticados com TEA, perguntamos quais os conhecimentos sobre as leis que defendem o direito da criança com autismo, e se houve alguma situação em que essas mães fizeram uso dessas leis para assegurar os direitos do seu filho. Vitória, como participante ativa no processo de inclusão escolar do seu filho, narrou:

O que eu conheço da lei que garante o direito da criança com autismo é o direito a educação, que a criança tem o direito ao acesso à educação, e dentro

disso o direito ao professor auxiliar em sala de aula. Tem direito a saúde, entre outras coisas, que não estou lembrando no momento, mas eu já li a lei Berenice Piana, e sei de algumas coisas. Inicialmente em relação ao serviço público de saúde, quando mudou a gestão, tudo mudou, o CAPS mudou de lugar, os funcionários também, aí quando chegamos lá para o atendimento, aí informaram que não iam atender as crianças, alegando que eles não podiam ser atendidos junto com os adultos, e que o caso do meu filho não seria resolvido ali, e disse que eu teria que buscar ajuda no CAPS infantil em Mossoró e se tivesse vaga. Aí eu disse que iria procurar a promotoria de Baraúna para resolver a situação, pois era um direito do meu filho assegurado por lei o acesso aos serviços de saúde, só que fiquei só na ameaça, eu não fui, aí com dois dias o rapaz me ligou e pediu para mim participar de uma reunião, aí quando foi com dias depois eles ligaram novamente, pedindo para mim informar as outras mães que os atendimentos iriam iniciar, aí foi dessa forma, citando a lei que conseguimos esse serviço. Infelizmente as coisas funcionam assim, porque na verdade eles conhecem os direitos, mas por acharem que as mães são desinformadas eles querem impedir, ou dificultar as coisas. Outra vez foi um exame, a moça disse que meu filho iria ter que esperar seis meses, aí eu disse que tinha uma lei que assegurava o direito dele de fazer o exame, e ela ficou questionando qual a lei, aí tive que ameaçar novamente e em três dias consegui o exame do meu filho. E recentemente houve uma situação na sala de aula onde tinha uma criança que todo dia batia no meu filho, aí eu vim saber, e a professora disse que meu filho estava mentindo, e não estava acontecendo isso na sala, aí foi preciso chamar as professoras do AEE, e a direção e confirmou que realmente estava acontecendo, aí eu sugeri que ela pedisse um professor auxiliar, tendo em vista que a sala é lotada e ela não conseguia ter esse olhar para situações que acontece na própria sala, pois existe na lei o direito a esse auxiliar. Aí falei com a diretora, e hoje já tem a professora auxiliar em sala (Narrativa de Vitória, Baraúna/RN, 2019).

Por ter uma história de luta dentro do processo de inclusão do seu filho com autismo, Vitória buscou e adquiriu conhecimentos sobre a lei que defende os direitos de seu filho. Em determinadas situações, mesmo de forma ameaçadora, sem pôr em prática realmente a denúncia junto à Promotoria, ela teve a necessidade de mostrar que existia uma lei, e ela como mãe e cidadã conhecia esses direitos.

Vitória narra que, muitas vezes, as instituições têm conhecimento sobre os direitos, no entanto, buscam dificultar ou negar, por acharem, em algumas situações, que as mães são desinformadas. Para acabar com essas situações, as mães de crianças com autismo devem buscar esses conhecimentos para além das experiências cotidianas, além de promover momentos de reflexão sobre a Lei Nº. 12.764/12.

Percebemos, nas narrativas, que o conhecimento de Vitória sobre a Lei permitiu-lhe grandes conquistas, a exemplo do exame, onde seu filho iria esperar seis meses para se submeter, e com seu discurso sobre “a existência de uma Lei que protege e garante o direito da criança, antes mesmo de chegar na esquina já recebia uma ligação a respeito de uma nova data”. Esse tipo de situação é vivenciado por outras mães ao buscarem os serviços públicos de saúde

através da dificuldade para realização do exame e do acompanhamento dos profissionais da saúde, como psicólogos, psiquiatras, fonoaudiólogos, que trazem grandes contribuições para a vida da criança. Seguimos esse mesmo questionamento. Superação narrou:

O que eu entendo sobre as leis é só mesmo o básico, tem a Lei Berenice Piana, que é específico para as pessoas com autismo, tem a lei brasileira de inclusão mas conheço pouco sobre ela pois não me aprofundei muito sobre. Me aprofundei mesmo na que fala diretamente sobre o autismo, por ter um filho autista. Mas para impor algo assegurado pela lei assim, nunca foi necessário não. Quando a gente recebeu o diagnóstico, morávamos no Ceará, e como sabemos, a criança com autismo tem direito ao professor mediador na sala de aula, e isso ele nunca teve, nem lá e nem aqui no RN, mas nunca fui atrás porque o grau de autismo dele não é o severo, e nem agressivo ai deixei passar, mas tem momentos que vejo a necessidade dele ter, pois ele tem umas crises, e tem que sair da sala para se acalmar, ai a professora não pode deixar as outras crianças e ficar só com ele, ai nessas horas vejo que seria necessário. Tentei dar entrada no benefício para contribuir mais com processo de desenvolvimento dele, mas foi negado por questões da renda familiar, aí deixei para lá. Nunca recorri a lei para nada não, embora sinta falta de algumas coisas, mas sempre busco o diálogo sem enfrentar já falando sobre a lei (Narrativa de Superação, Baraúna/RN, 2019).

Superação buscou conhecimento sobre o autismo, as características e os direitos. Em seu relato, ela afirmou que nunca precisou fazer uso da Lei, no entanto, mostrou-se preparada, caso seja necessário usar a Lei. Ter esse fundamento sobre a legislação é importante para garantir os direitos fundamentais para a criança com autismo.

Sobre o uso das leis, podemos perceber que as duas mães participantes não fizeram uso, mas Vitória usou em seu discurso, quando sentiu a necessidade de se impor diante de determinadas situações que poderiam prejudicar seu filho.

Conhecer a legislação que defende o direito da criança com autismo propicia às mães uma tranquilidade no processo de desenvolvimento da criança com autismo. É preciso que haja a participação em debates, mesmo as mulheres/mães sem formação superior. Buscar conhecimento não depende do grau de instrução, mas do interesse de garantir o direito de seus filhos sendo respeitados e assegurados de acordo com a legislação vigente.

3.3 A mãe e a escola: uma parceria fundamental para o processo de inclusão

Neste tópico mostraremos a importância da participação da família no processo de inclusão de uma criança autista, buscando com a escola ferramentas que possibilitem o desenvolvimento e a interação da criança na sala de aula, vivenciando e compartilhando de

momentos do cotidiano da criança, para que ambos aprendam a lidar com o comportamento das crianças com autismo.

Inicialmente, quero destacar a escassez de estudos com foco na participação das mães no processo de inclusão escolar em sites, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da CAPES. Devido a essa dificuldade, traremos, no decorrer do texto, de autores que focam na participação de família de maneira geral, no entanto, estaremos dando evidência à figura materna.

A presença de alunos com TEA no ambiente educacional tem representado um grande avanço na inclusão social dessas crianças, que ganham a oportunidade de conviver e partilhar com outras da mesma faixa etária inúmeras experiências, possibilitando estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo (CAMARGO e BOSA, 2009, p. 316).

A inclusão educacional de crianças com autismo, considerando a participação plena nas atividades escolares e na aprendizagem, ainda não é realidade para muitas crianças. O trabalho com esses alunos na sala comum é um grande desafio para os professores, principalmente pela falta de preparação para se trabalhar com esse alunado.

A inclusão educacional de crianças com TEA deve ser feita de maneira justa e colaborativa, tendo em vista os direitos das crianças. Para isso, devem ser considerados vários elementos, como: a singularidade dos alunos, o ambiente escolar e o contexto familiar,. Nesse contexto, para a efetivação da inclusão, é preciso romper os muros da escola.

Nesta pesquisa, destacamos a boa relação entre as mães participantes e as escolas dos seus filhos, pois são ativas e responsáveis no processo de inclusão. As mães são portadoras de informações singulares que podem colaborar com o planejamento das intervenções educacionais das crianças autistas, assim, fica mais fácil trabalhar com os alunos, pois a professora conhece o dia a dia e comportamento, possibilitando a criação de táticas para se trabalhar com o aluno com TEA. Por outro lado, a relação entre mãe e escola traz uma segurança e motivação para as mães darem continuidade ao tratamento do filho dentro de casa.

A discussão sobre a parceria entre família e escola das crianças com deficiência começou a ser enfatizada pela Declaração de Salamanca, em 1994, mostrando-nos que a relação entre ambas garante uma ativa participação dos pais na tomada de decisão e no planejamento educacional dos seus filhos, com a adoção de comunicação clara e aberta com a escola. Em outras palavras, os pais teriam mais liberdade para expressar suas críticas em relação às escolas, quando não atenderem de forma ampla às suas expectativas. Em parceria com as mães, é

possível que sejam identificadas às dificuldades do processo de inclusão escolar, no que se refere ao preparo da escola em receber o aluno com TEA.

A matrícula da criança com o TEA na escola pode trazer alterações no seio familiar, já que a criança está frequentando mais um grupo social e tem a oportunidade de conviver com outras crianças. Os pais, por sua vez, passam a conviver com outros, em um novo universo e a acreditarem nas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem sistemática de seus filhos. De acordo com Minatel e Matsukura (2015, p. 429), “as famílias vivenciam, em suas experiências no contexto educacional, situações de dificuldades e desafios, na busca por uma escola que atenda às suas expectativas, na garantia de vaga e também de inclusão e respeito aos seus filhos”.

De acordo com Cyrino (2014, p. 9), o professor e os demais profissionais da comunidade escolar devem ajudar e orientar aos pais no processo de escolarização da criança. Os pais, na maioria das vezes, ficam inseguros ao matricular a criança na escola regular, e ao ter que lidar com uma situação nova e, muitas vezes, desconhecida, que é a condição de seu filho, pois muitos dos diagnósticos de autismo só passam a ser identificado quando a criança começa a frequentar a escola.

Para que os professores possam ter um trabalho colaborativo no desenvolvimento da criança com autismo e possam apoiar os pais nesse processo, é necessário o aprimoramento de formação continuada para que eles tenham subsídios que fortaleçam a construção coletiva do conhecimento em torno das práticas de inclusão escolar, além de serem capazes de socializar essas práticas com os pais e outros profissionais.

Para Serra (2010, p. 49), a escola pode colaborar, dando sugestões aos familiares de como agir em casa, de maneira que estes se tornem coautores do processo de educação de seus filhos. As estratégias educacionais desenvolvidas em sala de aula nem sempre têm continuidade em casa, e isso só pode ser resolvido com um intenso processo de parceria com os pais. Já os pais, podem contribuir dialogando com a escola, apresentando o comportamento da criança, bem como a forma de lidar em determinadas situações. Isso confirma que os dois precisam andar juntos e concatenados, seguindo o mesmo objetivo em prol do desenvolvimento cognitivo do aluno com autismo.

É importante que a família encontre uma instituição com a qual possa dividir suas angústias, além de ser orientada de como agir com seu filho que possui o transtorno, pois a escola divide com os pais a responsabilidade de educar. A parceria entre família e escola pode trazer grandes benefícios ao tratamento da criança. Da mesma forma, a boa relação entre ambas tende a amenizar o estresse familiar assegurando motivação aos pais para continuidade do

tratamento (SERRA, 2010). A família encontrará na escola um espaço de convívio social, onde poderá dividir suas experiências e, conseqüentemente, aprender com outros pais e professores.

A parceria entre família e escola, em especial à mãe, por estar mais presente no cotidiano escolar das crianças com autismo, é importante para o processo de desenvolvimento e inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar. A criança apresenta algumas particularidades que só a mãe pode fornecer informações de como agir em determinadas situações, já a escola pode agir em novas práticas para as mães darem continuidade em casa, trazendo benefícios para o aluno.

Como relatado no primeiro capítulo, no ano de 2016, tive a oportunidade de vivenciar a experiência profissional como professor auxiliar de uma criança com autismo na educação infantil. Diante desse momento, observei fatos que me trouxeram até o problema de pesquisa evidenciado em nosso estudo, e um dos pontos foi a parceria família/escola. Qual a importância dessa parceria, e como essa pode contribuir para o processo de inclusão educacional das crianças com autismo.

A família de Nilo era bastante presente no processo de inclusão e desenvolvimento, participava ativamente de todas as atividades, reuniões e formações ofertadas pela instituição e buscava contribuir a todo tempo, mantendo uma relação harmoniosa com a professora titular, comigo, enquanto auxiliar, e com a gestão da UEI, mantendo sempre o diálogo e a troca de experiências.

A oportunidade de trocar vivências e de conhecer o comportamento da crianças em casa e na escola trouxe grandes avanços para o desenvolvimento de Nilo. Todos os dias, ao chegar à escola, a mãe narrava fatos ocorridos em casa, já no final do horário da aula, ela perguntava como tinha sido aquele dia. Essa troca de informação permitia-nos encontrar melhor a forma de agir com a criança, bem como perceber suas dificuldades e necessidades na sala de aula.

Com essa experiência positiva, surgiu o questionamento: Será que todas as relações entre escola e família da criança com autismo são harmoniosas? E se existe conflitos, como rompê-los? Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 2: Narrativas maternas sobre a relação Família e escola

NARRATIVAS SOBRE RELAÇÃO MÃE E ESCOLA	REFLEXÕES
--	-----------

<p>Eu sempre fui presente nas escolas que meu filho frequentou e na que está matriculado hoje, saber como ele tá no desenvolvimento da leitura, a participação nas atividades. Eu tive mais problemas em um determinado ano que ele estudou em uma escola privada do município, porque tinha umas meninas que ficavam fazendo bullying, e eu sempre estava cobrando atitudes da professora para ver se acabava com aquela situação e nada. Relação com a escola atual é muito boa, tirando algumas situações com a professora, onde por último agora ele até passou uma semana sem ir para a escola porque ela chamou ele de mentiroso, e meu filho ficou muito chateado com isso, eu sinto a professora atual um pouco despreparada para esse público alvo da educação especial. Ela é bem estressada, eu sempre buscando o diálogo e ela me tratando de um jeito sem educação, e não gostei nem pouco do jeito dela como professora e estou orando para acabar o ano letivo para mudar de professora. Bem diferente da professora do ano passado, uma ótima pessoa, que mesmo sem especialização na área buscou ajudar meu filho, alfabetizou e a nossa relação era maravilhosa. Já com as professoras do AEE minha relação é excelente, principalmente com tia Fabi²¹</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A participação ativa na escola, querendo conhecer de perto o dia a dia escolar de seu filho. - Reconhecer a falta de preparação por parte da professora. - Reconhecer as contribuições da atuação da professora anterior no processo de alfabetização da criança. - Importante parceria entre a mãe e a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). - Relação professora do AEE e do aluno, em perceber quando alguma situação inquietou a criança em casa. Além de buscar manter o diálogo com a mãe na busca pela solução.
---	---

²¹ Nome fictício para identificar a professora do Atendimento Educacional Especializado citado na narrativa da mãe.

<p>que é a professora do AEE no contra turno o dele, e ela sempre mantem o diálogo comigo, mesmo as vezes devido a luta do dia a dia eu acabo esquecendo de perguntar, mas ela faz questão de me falar como foi o atendimento, ela tem a sensibilidade de perceber quando estar acontecendo alguma situação com meu filho, ai ela me liga e pergunta o que aconteceu.</p>	
<p>Sou aquele tipo de mãe que mexa comigo, mas não mexa com meu filho, ai assim, sempre busco ter o melhor relacionamento possível com os professores, porque sei da importância deles na vida do meu filho, como sei da minha importância, e se a gente não manter uma boa relação, se houver alguma divergência entre mãe e professora, isso irá refletir no desenvolvimento do meu filho. Durante essa jornada já houve algumas situações indesejáveis, mas a gente faz de conta que não aconteceu para não alimentar nenhum conflito, tem que ser um conjunto de união e harmônico para que seja tudo bem. A harmonia é fundamental e indispensável na relação com a escola. Já pensou, eu vim deixar meu filho na escola e não falo nada com a professora por não gostar dela, ou por discussão. Ai como vou saber como anda o desenvolvimento dele? Porque tudo dia eu pergunto como foi, se ele se comportou bem. Graças a Deus eu sempre</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Buscar táticas para superar as situações indesejadas, com o objetivo de manter uma relação harmônica na escola. - Reconhecer a importância dos professores na vida do seu filho. - Relação família e escola: indispensável e fundamental - União com todos os seguimentos da escola - O diálogo com a professora regular - Troca de experiência: Mãe e professora do AEE.

<p>pergunto a professora, temos uma excelente relação. Por isso eu digo, é indispensável a harmonia entre os pais e toda a equipe da escola. Eu converso muito com a professora do AEE, quando estou com alguma dificuldade, a gente troca ideias de como agir, e tem sido muito importante essa relação.</p>	
---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O Quadro 2, acima, apresenta, na primeira coluna, as narrativas das mães Vitória e Superação sobre a relação família e escola e a importância dessa relação para o desenvolvimento e inclusão escolar das crianças com autismo. Na segunda coluna, são feitas as análises das narrativas das mães participantes. Para Vitória, é fundamental a participação ativa na escola do seu filho, para conhecer de perto a realidade do dia a dia. Essa mãe afirma que consegue reconhecer quando o professor não é preparado para atuar com o público de crianças com autismo, pois consegue perceber quando uma professora contribui com o desenvolvimento da aprendizagem de seu filho. Além disso, destaca a importância de uma boa relação com a professora do AEE, tendo em vista que ambas dividem informações importantes que contribuem para o desenvolvimento da criança.

Superação afirma que a relação família e escola é indispensável e fundamental. Segundo ela, buscou táticas para superar as situações indesejadas, com o objetivo de manter uma relação harmônica na escola. Ademais, Superação reconhece a importância dos professores na vida do seu filho, pois sabe que um bom professor jamais irá excluir seu filho em sala de aula, e ainda relata sobre a importância de sempre conversar com a professora, pois mãe e professora alinham as informações. Superação destaca a importância da união com todos os seguimentos da escola, além de conversar e respeitar cada um, e finaliza ressaltando a importância da troca de experiência entre ela e a professora do AEE, pois cada uma vai passando informações importantes para o cotidiano da criança em casa e na escola.

O percurso teórico e as narrativas maternas mostraram que a relação família e escola é indispensável para que a inclusão da criança seja efetivada. Nas narrativas de Vitória (Quadro 2), ela fala sobre a participação ativa da mãe no processo educacional do filho, pois a mãe pode ajudar a escola, e vice-versa, havendo sempre essa relação de troca entre família e escola.

Em suas narrativas, encontramos fragmentos que mostram o quanto ela se preocupa e participa desse momento importante na vida do filho. Perceber a falta de preparação da professora evidencia a riqueza de vivenciar inúmeras experiências e reconhecer a necessidade da busca por formação na área de inclusão é um ponto importante. Encontramos em sua narrativa, algumas situações conflituosas com a atual educadora do seu filho, com isso, enfatizamos que nem toda relação é harmônica. Para que isso aconteça, é preciso uma série de fatores para essa relação.

Ainda nesse processo, evidenciamos a importância da mãe em reconhecer o trabalho docente e sua importância na vida da criança com TEA. Ao elogiar o trabalho de uma professora, Vitória mostra que é possível efetivar uma educação voltada para inclusão e para o desenvolvimento de atividades para alunos com autismo, pois sabemos que essas crianças são repletas de potencialidades, só precisam ser instigadas.

Vitória enfatiza a importância do Atendimento Educacional Especializado e o quanto a relação entre a mãe e a professora do AEE tem contribuído na vida do seu filho. O diálogo e a boa relação entre elas têm oportunizado a troca de experiência entre elas: a mãe levando o conhecimento do dia a dia e a professora com as experiências na sala de atendimento. Essa relação é harmônica ao ponto de reconhecer as necessidades da criança, além de buscar ajuda da mãe sempre que necessário.

Para Superação, a harmonia na relação família e escola é primordial para que tudo caminhe favorável ao desenvolvimento da criança. Inicialmente, ela fala sobre a necessidade de, muitas vezes, ter que “fechar os olhos” para determinadas situações indesejadas dentro do ambiente escolar, criando assim uma tática para combater os conflitos com a instituição, principalmente com as professoras, que para ela, têm um papel de destaque na vida do seu filho, reconhecendo a importância das docentes para o desenvolvimento de sua criança com TEA.

Superação reconhece as contribuições das professoras para o desenvolvimento do seu filho, e destaca a valorização da profissão, fortalecendo um vínculo de afeto e gratidão entre mãe e professora. Superação destaca o quanto a professora do Atendimento Educacional Especializado tem ajudado seu filho no processo de inclusão e desenvolvimento, e como a relação entre elas tem sido essencial. O diálogo e a troca de informação permitem a professora conhecer melhor o aluno em sua realidade dentro de casa, e a mãe em conhecer novas formas de lidar com ele.

Falar sobre a relação família e escola, com ênfase na mãe, é um momento de descobertas sobre a prática e a realidade de nossas participantes. Conhecer a realidade e a particularidade de cada uma, mostrando as relações de harmonia ou as relações de conflitos, apresentando o

ponto de vista de cada mãe participante desta pesquisa. É fundamental a harmonia nesse processo, no entanto, é possível que essa construção tome um caminho diferente da esperada harmonia entre professora e mãe. É preciso que cada uma seja contribuinte nesse momento e caminhem em comunhão na busca pela inclusão escolar das crianças com autismo.

3.4 “Vencendo os limites”: experiências de superações rumo à inclusão

Com o objetivo de evidenciar as narrativas de superações, finalizamos este capítulo com um pequeno diário de memórias com fotos e narrativas das mães participantes de nossa pesquisa. Inicialmente, solicitamos às mães que escolhessem fotos que representassem momentos marcantes na luta pela inclusão educacional de seus filhos, bem como momentos de superações dos desafios e limites dessas crianças.

Em seguida, solicitamos as narrativas de cada momento representado na fotografia, levando as participantes a refletirem sobre o passado, revivendo momentos importantes. Algumas situações foram consideradas dolorosas, já em outros, as experiências de conquistas e superações foram marcantes.

Os diários foram definidos por Patterson (2005, p. 142) como um “registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos”. Para Symon (2004, p. 98), os diários podem ser usados para registrar as “reações, sentimentos, comportamentos específicos, interações sociais, atividades e eventos”. Em um determinado período de tempo, no caso de nossas participantes, enfocamos no período do processo de inclusão escolar de seus filhos diagnosticados com autismo. Recentemente, os diários têm sido usados nas pesquisas como “instrumentos de autorrelato usados repetidamente para examinar experiências correntes” (BOLGER *et al.*, 2003, p. 580).

Segundo Symon (2004), os estudos que trazem a construção dos diários permitem que os participantes registrem suas percepções subjetivas a respeito das experiências que consideram relevantes para si, num determinado ponto no tempo. Com isso, todas as fotos e os registros aqui evidenciados são considerados de grande importância para as mães participantes de nossa pesquisa.

As memórias evidenciadas nesse diário são de momentos de superação para as mães, anteriormente, foram apresentadas as narrativas das barreiras encontradas ao longo de todo o processo de inclusão educacional de seus filhos. Essas narrativas de superação contribuem para que elas se percebam como sujeitos ativos no rompimento das barreiras encontradas.

Diário de Memórias de Vitória²²

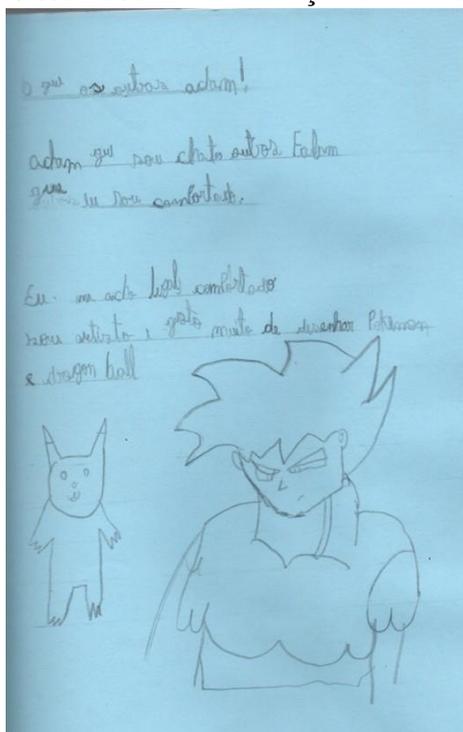
Início esse diário falando um pouco de sua importância e dos desafios de sua construção. Primeiro eu achei muito lindo quando Francinilton Silva apresentou a ideia da construção desse diário com as fotos de momentos que considero importante ao longo do processo de inclusão do meu filho. O primeiro desafios é em relação a escolha dos desenhos, embora tenhamos passado por alguns momentos desafiadores, as experiências de conquistas e superações são muitas ao longo do tempo.

Outro desafio é em relação a se estou indo no caminho certo, a todo tempo ficava perguntando a Francinilton se estava ficando bom. Mas ele sempre me deixou bem à vontade para fazer da maneira que eu soubesse, agindo de maneira natural. As minhas escolhas pesaram muito a emoção, selecionei algumas atividades marcantes que vivem em minha memória e guardo com carinho cada uma dela.

A primeira imagem refere-se a uma atividade realizada pela professora do AEE, onde fazia parte de um projeto, chamado escritores especiais, onde foi desenvolvido na sala do AEE pelas professoras Fabiana e Aurineide em parceria com a diretora da escola Valquíria, que tinha como objetivo levar as crianças com Necessidades Educacionais Especiais, ou deficiência a expressar suas emoções, seus desejos, sentimentos e medos através de desenhos, pequenas palavras ou frases, para aqueles que já conseguiam. A ideia era produzir um livro autobiográfico com o título “EU SOU”, o conteúdo desse livro trazia as brincadeiras preferidas, se a criança se sentia feliz ou triste, comida preferida e outros. Ou seja, a criança iria relatar sobre sua vida.

Foi um momento único na vida do meu filho, teve o dia do lançamento, onde eles davam autógrafos nos livros, teve a presença de algumas autoridades, e as crianças se sentiam importante, afinal eles estavam lançando um livro. O empenho das professoras do AEE e da escola foi muito lindo, pois eles buscaram as potencialidades dessas crianças que são consideradas incapazes, e mesmo a escola com poucos recursos para a impressão dos livros, elas buscaram ajuda de todas as formas e não desistiram do projeto. Em relação a meu filho, ele pude se expressar por meio dos desenhos, pois ele é uma criança calada, e nesse livro ele expõe coisas que nem eu mesma sabia. Por isso eu me apaixonei pelo projeto e sou eternamente grata às professoras por proporcionar esse momento.

²² A partir desse momento será apresentado o diário das mães participantes, Vitória e Superação. O diário será narrado pelas mães, e optamos deixar da forma como elas falaram.

Foto 08: Desenho da criança com autismo

Fonte: Acervo de Vitória (2017)

O desenho tem como objetivo fazer com que a criança expresse como ele se vê, e que as pessoas acham dele. Inicialmente escolhi esse desenho, pois além de trazer um sentimento do meu filho, ele mostra um momento de superação no processo educacional. Até 2017 meu filho não era alfabetizado, e em 2018 com o apoio e a sensibilidade da professora Helena, em buscar formas para ajudá-lo a superar esse problema, ele começa a caminhar rumo à alfabetização. E esse desenho já mostra o momento de conquista, onde ele consegue escrever com o auxílio da professora do AEE esse pequeno texto. Se analisarmos as expressões no desenho, podemos ver a imagem de um garoto emburrado, fazendo ligação com o que ela fala sobre o que as pessoas acham dele. Para eles as pessoas, seja no ambiente familiar ou na escola, o acham uma criança chata, por ele não gostar de se socializar com muitas crianças, se mantém calado no seu lugar.

Como trabalhava ele passava muito tempo na casa da minha irmã, e lá eles o taxavam assim, como o chato que não gosta de falar com ninguém, e até esses dias a menina que trabalha na casa dela disse que ele tem mudado muito, já consegue conversar, pedir comida. E isso é um avanço dentro das dificuldades de socialização. Eu fiquei muito feliz com esses avanços, pois eu mesma tinha medo do meu filho não conseguir se desenvolver, e como muitos acham que a criança com autismo é incapaz, foi um momento de mostrar que eles aprendem sim, só precisam do apoio em casa e na escola.

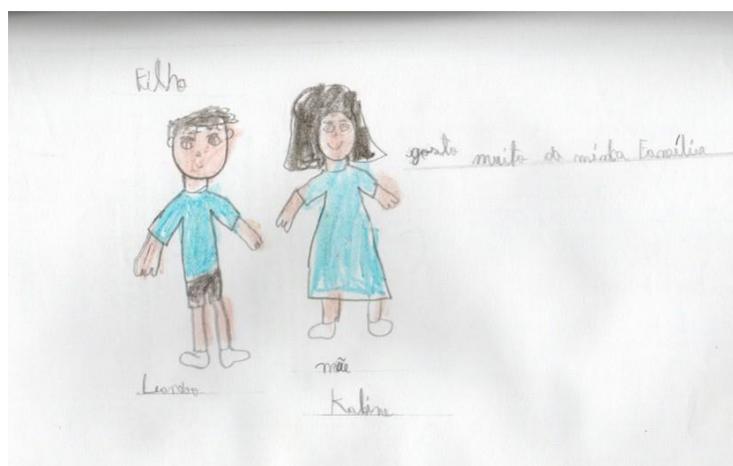
Foto 09: Desenho da criança sobre sentimentos



Fonte: Acervo de Vitória (2017)

Esse segundo desenho foi muito forte para mim. Foi uma atividade onde a professora perguntou quais situações o deixava triste, e ele citou duas, a primeira quando estava sem celular, pois é algo que ele gosta muito é ficar no celular, com jogos. E a outra coisa, foi quando eu não estou em casa. O desenho que ele recortou, representa um menino sozinho na janela, aquilo me doeu muito, pois eu precisava sair para trabalhar e infelizmente ele tinha que ficar. Então minha ausência o deixava triste, pois sempre que estou em casa a gente passa muitos momentos juntos, brincadeiras, atividades da escola, e para ele estava sentido em ausência.

Foto 10: Desenho da criança sobre relação mãe e filho



Fonte: Acervo de Vitória (2017)

Escolhi esse desenho onde meu filho fez a representação da família, para ele a família é só nos dois, por ele não conviver com o pai, e ser algo ausente ele não consegue desenvolver um sentimento de pertencimento com a figura paterna. Coloquei esse desenho para mostrar um momento de superação do meu filho quanto essa ausência do pai em sua vida, pois para muitas crianças é algo que traumatiza, causa danos, e graças a Deus meu filho consegue conviver bem, logo eu busco me manter presente suprindo os dois papéis. Coloquei esse desenho também como forma de representar os sentimentos do meu filho, de que a criança com autismo sabe amar, sente falta e reconhece cada pessoa e sua importância na vida dele

Foto 11: Desenho feito por Vitória sobre inclusão escolar



Fonte: Acervo de Vitória (2019)

Este último desenho, a pedido de Francinilton Silva, tentei representar a inclusão na escola, confesso que sou péssima em desenhos, no entanto fiz de forma livre como o mesmo me orientou. No desenho representei pontos que acho fundamentais para que a inclusão escolar aconteça.

Inicialmente fiz um rabisco da sala do AEE, pois considero fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. E o quanto a professora do Atendimento tem contribuído para a evolução do meu filho, por isso acredito que o AEE era para existir em todas as escolas, pois iria facilitar muito para as crianças com necessidades especiais.

Do outro lado, tentei representar uma professora despreparada para atuar com a inclusão escolar, uma situação bem complicada a qual vivenciei esse ano de 2018, onde meu filho não se adaptou de forma alguma com a professora, pois nem jeito de falar com os alunos ela tinha. Na primeira semana de aula meu filho chegou relatando que a professora havia chamado ele e

perguntado: “Henrick você tem algum problema?” e ele a respondeu, “não tenho problema nenhum”. Essa resposta justamente por sempre esta trabalhando que o autismo não é uma doença, que ele é igual às outras crianças. A partir dessa situação já se criou uma barreira com ela, e durante o ano ocorreu outras situações as quais fizeram ele não se adaptar com ela. Então eu acredito que a formação dos professores é essencial para que a inclusão seja efetivada, pois só assim é possível eles compreender as necessidades das crianças com autismo, e respeitar suas particularidades.

A inclusão escolar comparada a antigamente tem evoluído, no entanto em considero em passos lentos. Sinto falta das partes estruturais, como na sala do AEE, que muitos recursos são as professoras que tentam fazer, pois não tem muitos materiais disponíveis. Eu vejo que ainda faltam algumas coisas para essa inclusão acontecer de verdade. Para essa inclusão acontecer, é preciso também se trabalhar com as demais crianças, as questões de respeitar as crianças com deficiência, no caso do meu filho com autismo, acho que seria preciso se trabalhar a questão dele não gostar de gritos, de ser respeitando ao não querer brincar com as demais crianças, seria tipo, mostrar as características para as crianças ditas normais, eu acho que assim iria acontecer menos situações de preconceito e bullying dentro da sala de aula.

Ao longo desse processo de inclusão, eu amadureci muito, a partir do momento que recebi o diagnostico eu me tornei uma pessoa melhor, a olhar para os outros com um olhar sensível, pois meu desejo é que as outras pessoas tenham esse olhar sensível para o meu filho. Não é um olhar sensível de pena, mais sim de compreensão, de respeito e inclusão. No decorrer da pesquisa eu peguei me perguntando: Meu Deus para que fui entrar nessa pesquisa, se até eu mesmo tenho duvidas se meu filho tem autismo. Ai quando olhei do lado estava ele fazendo os movimentos com as mãos, ai me vem a real. Não é que eu queira esconder que ele tem o autismo, mais também não uso isso como vitimização, para querer me fazer de coitada porque meu filho tem autismo.

Eu comecei a ter empatia por outras mães que vivem o mesmo. E uma coisa que aprendi muito foi deixar de ter preconceito, a gente diz muito, eu não tenho preconceito, mais no instante em que entramos em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE da vida, a gente se depara com determinadas situações que esse preconceito surge, como por exemplo, não querer abraçar uma criança com paralisia cerebral, pois ela baba, e a gente fica com um certo nojo. A partir do meu filho eu consigo romper com essas situações, pois meu maior medo é que aconteça uma situação de preconceito com ele, então eu evolui bastante ao longo desse processo.

É chegada a hora de finalizar nosso diário de memórias. Finalizo com o sentimento de gratidão a Francinilton Silva por me oportunizar a vivência desse momento em minha vida. Confesso que tive muito medo no início, e também me senti muito importante e privilegiada por fazer parte desse estudo. Saber que minha história de vida, junto a luta pela inclusão do meu filho tem se tornado um estudo acadêmico é um honra muito grande. Gostaria de enfatizar a importância dessa pesquisa para a sociedade de forma geral. Ao Francinilton me apresentar esse tema e o objetivo eu fiquei muito feliz por ver que existe pessoas que se preocupam com nossas vozes, mães de crianças com autismo, mulheres humildes e que sonham com a inclusão do seu filho com TEA.

Espero ter contribuído mesmo que de forma pequena com esse estudo, que outras mulheres possam se inspirar em minha história de luta. Não é fácil, no entanto é possível buscar dias melhores e uma educação de qualidade para nossos filhos. Que os relatos das angústias sobre a formação de professores e as barreiras encontradas nesse caminho sejam vistos por outros profissionais que busquem contribuir com a educação e o desenvolvimento dessas crianças. Por último quero desejar sucesso na finalização da pesquisa e defesa do mestrado a Francinilton e a professora Ana Lúcia Aguiar, que venham mais estudos sobre a criança com autismo.

Diário de Memórias de Superação

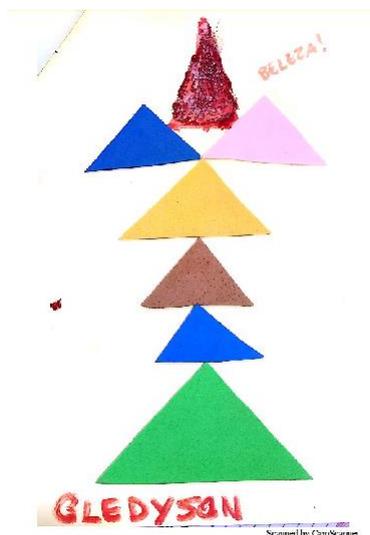
A escrita desse diário é bem difícil, pois sou muito sucinta em minhas palavras e não sei se o conteúdo ficara com muitos detalhes. A escolha dos desenhos foi bem complicado pois são inúmeros os registros das atividades de meu filho na escola. Mas procurei trazer momentos em escola e de experiências das superações das barreiras.

A primeira imagem se remete ao tempo em que ainda morava em Russas/CE e foi bem no início quando recebemos o diagnóstico do autismo. Logo procuramos inseri-lo em atividades que pudesse contribuir com o desenvolvimento dele. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE de Russas foi uma grande parceira no início de nossa trajetória na luta pela aceitação e na busca pela inclusão de Gledson. Desde cedo como já falei, Gledson apresentava um comportamento diferente o que causava estranhamento em alguns locais, ou até mesmo na família. Muitos acreditavam que eram birras, má criação, ou até mesmo falta de limites.

Após o diagnóstico e o atendimento da APAE foi que passamos a entender melhor esse comportamento. Na APAE ele tinha acompanhamento por vários profissionais como psicóloga,

e fonoaudióloga. E participava de atividades diversificadas, coisa que não se tinha na sala de aula regular.

Foto 12: Atividade do Filho de Superação na APAE



Fonte: Acervo de Superação (2015)

Guardo essas atividades como lembranças dos primeiros passos do meu filho em seu processo de aprendizagem. Muitos podem até considera uma besteira, mais eu mantenho todas guardadas. Como já falei, na APAE de Russas/CE, meu filho era acompanhado por diversos profissionais, e tinha ao AEE, onde a professora buscava desenvolver as habilidades do meu filho.

Nessa atividade era para desenvolver as habilidades motoras com o corte de figuras em E.V.A, e a considero uma superação pois meu filho não conseguia se concentrar nas coisas, tinha um comportamento bem agitado, e foi a partir dessas atividades que foi se trabalhando o comportamento, a atenção e outros.

O atendimento na APAE contribuiu muito com o desenvolvimento de Gledson, pois além dos estímulos a ele ofertados, passamos a compreender seu comportamento e buscar ajuda. Foi a partir desse momento que comecei a pesquisa e fazer leituras de coisas relacionadas a pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Foto 13: Atividade na escola filho de Superação



Fonte: Acervo de Superação (2017)

Esse segundo desenho se refere a uma atividade realizada em sala de aula, onde a professora contou a história festa no céu, e depois solicitou que os alunos reproduzissem a história por meio de desenhos. Apresento esse desenho, pois considero uma superação para meu filho, pois sabemos que algumas crianças com autismo apresentam dificuldades em assimilar determinadas situações, e foi a partir desse desenho que percebi o quanto meu filho era inteligente e o quanto ele terá um futuro brilhante pela frente. Não cito essa questão de inteligência por querer me gabar, mais sim por valorizar cada momento de superação do meu filho, pois sabemos que a criança com autismo é vista como incapaz, e meu filho a todo tempo vem mostrar que esse pensamento não é verdade.

E dentro da escola, houve inúmeras superações, como conseguir fazer apresentação tocando teclado, em um evento na escola, em meio ao barulho, várias luzes que tudo isso incomoda muito ele, mais ele se concentrou e feliz uma belíssima apresentação. Também em sala de aula, ele consegue superar as situações de bullying, onde as outras crianças sempre praticam, antes ele se incomodava muito, mais hoje em dia ele já superou bem, eu sempre busco trabalhar com ele essa questão do autocontrole.

Foi solicitado por Francinilton, que eu fizesse um desenho representando como vejo a inclusão escolar, no entanto não consegui fazer, tenho muita dificuldade em desenho e não estava me sentindo bem para pelo menos tentar. Mas quero falar um pouco sobre a inclusão na escola. Eu vejo muito a evolução da inclusão por meio do AEE, porque esse atendimento vem justamente com o objetivo de promover a inclusão dentro da escola, pois trabalhar a dificuldade

e busca desenvolver as habilidades das crianças com deficiência ou necessidades educacionais especiais. Além disso, trabalha muito o processo de interação entre as crianças, no caso do meu filho, ele tinha muita dificuldade de interação social, e foi a partir dos atendimentos em grupo na sala do AEE que ele vem superando essa barreira. E também as professoras do AEE tem desenvolvido inúmeros trabalhos dentro da escola com foco na inclusão dos alunos.

A inclusão escolar é de fundamental importância, graças a Deus hoje já se tem varias ações de inclusão, mas antes era bem comum ouvir relatos de mães, falando que quando chegava à sala de aula seu filho com autismo estava no canto de parede, por não interagir a criança era literalmente excluída das demais. E a inclusão não é só matricular o aluno, tem que ter todo o respeito pelas dificuldades e os limites das crianças e buscar formas para ajudar a elas a vencerem esses limites. Graças a Deus cada dia que se passa a inclusão vem avançando, em passos largos, pelos menos dentro da escola onde meu filho estuda eu vejo assim, e gosto muito desses avanços, e nem penso em tirá-lo de lá.

Ao longo de toda trajetória eu evolui muito como pessoa, minha irmã até diz que meu filho foi mandado por Deus para me poder melhorar. Eu mudei muito, foi uma missão que Deus me deu, e quando soube do diagnostico eu disse que era uma missão e que não ira decepciona-lo. Evolui como pessoa, como mãe, pois é como se o nosso amor aumentasse, a paciência para saber lidar, buscando sempre conhecimento para não deixar a desejar. E luto para que o futuro do meu filho seja o melhor, ele tem muitas chances de ter um futuro promissor, e no que depender de mim, eu movo montanhas para ele voar alto.

Finalizando esse diário, gostaria de dizer o quanto me senti privilegiada em participar dessa pesquisa, me senti honrada em ter sido convidada a falar sobre o autismo, contar um pouco de minha experiência, pois eu nunca escondi e nem tem vergonha de ser mãe de uma criança com autismo, pois vejo muitas que escondem e tentam fugir da realidade. Eu gosto muito de falar, agora é que não sei falar direito, tive medo de não corresponder a expectativas.

Encantei-me com o estudo, pois acho que vai contribuir muito com outras mães, pois acho que essa pesquisa será uma maneira de divulgar para as pessoas que terão acesso, trazendo mais conhecimento sobre o autismo, e com esse conhecimento levando essas pessoas a aceitarem as crianças com autismo e diminuir o preconceito e assim trazendo grandes benefícios.

Relembrar coisas do passado as vezes é bom, tem situações que haviam adormecido e vem a tona nesse momento, as questões das práticas do passado, ver erros e acertos, e poder avaliar para não cometer o mesmo erro. Por outro lado, existem momentos difíceis, algumas lembranças que gostaríamos de apagar. Para mim, trabalhar com memórias traz grandes

aprendizados, gostei muito do exercício de lembrar fatos do passado, foi muito bom, não sei se contribuí muito, se correspondi as expectativas, como já disse, falo pouco, sou bem direta em minhas respostas e não sei se era o que a pesquisa buscava. Desejo que esse estudo seja finalizado com sucesso e estou ansiosa para poder ler por completo e que outras mães tenham acesso e lutem pela inclusão de seus filhos com autismo, não é fácil, mas se correr atrás é possível ver nossas crianças com TEA participar ativamente como qualquer outra criança de todas as atividades na escola e na sociedade de forma geral.

Quadro 3: Interpretação sobre os diários das mães

<p>Diário de Vitória</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância dos professores e dos projetos da escola para seu filho. • Valorização de cada conquista de seu filho. • O medo da criança não se desenvolver. • Ausência/Tristeza: relação mãe e filho. • Desenhos: representação dos sentimentos. • Inclusão escolar: Passos lentos. • Pontos essenciais para a inclusão escolar: AEE, formação para professores e alunos. • Empatia: colocar-se no lugar do outro. • Sujeito de importância: ajudar outras mães de crianças com autismo. • Sobre os desenhos: Vitória enfatiza a importância do seu filho se expressar por meio do desenhos, pois sabe o quanto ele tem dificuldade de se expressar por meio da oralidade.
<p>Diário de Superação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de gratidão: APAE • Atividade de recordações: perceber as potencialidades de seu filho • Momentos de superações: contato com muitas pessoas, a tolerância aos insultos dos colegas de sala. • Inclusão escolar: fundamental para grandes mudanças. • A missão: ser mãe de um menino com autismo tornou-a uma nova pessoa

- Trabalhar com memórias: grandes aprendizados.
- Sobre as atividades: Superação expressa bem a felicidade em perceber a evolução de seu filho a cada tarefa realizada, bem como buscou reconhecer o potencial do seu filho por meio das atividades da escola.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Ao interpretarmos à escrita do diário, é possível perceber as inúmeras experiências de superações das crianças com autismo dentro do ambiente escolar, bem como as superações de suas mães diante de algumas situações do processo de inclusão. Os desenhos escolhidos representam para as participantes, Vitória e Superação, momentos de conquistas, seja pelo desenvolvimento da escrita, ou pelo fato da criança conseguir se concentrar em algo.

Vitória inicia seu diário demonstrando o reconhecimento pelos projetos desenvolvimentos na escolar onde seu filho estuda, e a valorização pelas professoras, percebendo as contribuições para superação das barreiras ao longo do processo de inclusão escolar de seu filho. Em suas narrativas, é possível perceber a alegria de Vitória, a cada conquista do seu filho, respeitando seu ritmo e caminhando lado a lado com sua criança na busca de suas potencialidades. Percebemos também que Vitória carrega um grande medo de seu filho não se desenvolver. Esse é um sentimento comum para mães de crianças com autismo, pois, ao receber o diagnóstico, nasce esse medo, por acreditar ou ouvir relatos de outras pessoas, que seu filho não irá ter um nível de aprendizagem como as demais crianças. No entanto, esse medo vai se desconstruindo ao longo dessas experiências de superações, pois a criança dentro de seu tempo consegue desenvolver a escrita e representar seus sentimentos por meio dos desenhos. A mãe percebe a capacidade do filho, só precisa que existam possibilidades e estratégias para o desenvolvimento.

Ao interpretarmos as narrativas de Vitória sobre o desenho da relação com seu filho, fica possível compreender a ligação entre eles. O amor e a troca de carinhos a ponto de deixar a criança triste quando Vitória não estava em casa, pois sentia a falta de ter com quem brincar e do aconchego materno. A mãe enfatiza a alegria de ver seu filho expressar seus sentimentos por meio dos desenhos, pois sabemos a dificuldade da criança com autismo de socializar seu dia a dia, seus desejos e sentimentos por meio da fala. O desenho chega como uma nova possibilidade da mãe e da professora para conhecer o mundo interior do aluno.

Sobre a inclusão escolar, elemento principal de nosso estudo, Vitória representou, por meio de desenho, elementos fundamentais para que essa inclusão aconteça de fato. Inicia sua

narrativa ressaltando que, embora já tenha mudado muita coisa, a inclusão escolar caminha em passos lentos, e aponta como pontos fundamentais na escola: o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a formação de professores. Vitória aponta que o AEE contribui muito com o processo de desenvolvimento da criança, rompendo com as barreiras e criando possibilidades para que o aluno consiga avançar em suas potencialidades. Já na formação de professores, ela aponta como fundamental, pois o professor preparado para atuar com a educação inclusiva irá contribuir muito com o processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança com autismo, diferente disso como Vitória citou, aquele professor despreparado se mostra resistente na construção de práticas inclusivas, como, por exemplo, achar que o autismo é uma doença, um problema e ainda questionar a própria criança, criando assim uma barreira na relação professor/aluno. Vitória ainda fala sobre a importância de formação e informações para as crianças da escola, pois, a partir do momento em quem os demais alunos conhecem as características da criança com autismo, facilita as relações interpessoais, pois as outras crianças irão compreender o comportamento diferente, o não gosto pelo contato físico ou pelo barulho, tornando assim uma relação de respeito às diferenças.

Nas narrativas de Vitória, é possível perceber sua empatia ao se colocar no lugar do outro. Quando ela fala da existência de preconceito em relação às outras deficiências, como Síndrome de Down, paralisia cerebral e outras, encontradas em suas primeiras visitas à APAE. Com suas experiências como mãe de uma criança com autismo, ela sabe que em determinadas situações enfrentará preconceito, e se constitui de um novo sentimento, e como se houvesse a quebra das barreiras de preconceito, ela reflete sobre a dor da outra mãe ao ver seu filho sendo excluído ou sofrendo *bullying* por conta de sua condição física ou mental.

Finalizamos com as interpretações do diário de Vitória, falando sobre o quanto ela se sentiu importante ao ser convidada para participar de nosso estudo, pois percebeu que sua história de vida servirá de inspiração para outras mulheres que vivem a luta pela inclusão de crianças com autismo. Partilhar de suas experiências foi fundamental para seu processo de reflexão à prática materna, bem como a valorização de sua trajetória de luta pela efetivação dos direitos de seu filho, percebendo-se nesse processo como sujeito ativo e contribuinte para o desenvolvimento de seu filho e de outras crianças diagnosticadas com autismo.

Nas narrativas de Superação, mãe de uma criança com autismo, podemos perceber algumas conquistas ao longo da trajetória escolar de seu filho. Superação inicia suas narrativas do diário falando sobre as contribuições da APAE-Russas/CE na vida do seu filho. É possível notar em seus relatos o sentimento de gratidão pela equipe responsável pelo processo de desenvolvimento da criança. Segundo ela, foi na APAE que seu filho iniciou suas conquistas e

aprendeu muita coisa. Conseguimos interpretar que Superação valoriza as construções da atividade de seu filho, pois foi a partir desses desenhos e atividades que ela começou a enxergar as potencialidades do seu filho, notando sua inteligência e capacidade de participar e desenvolver tarefas escolares.

Para Superação, a inclusão escolar é fundamental. Em suas narrativas, podemos ver que, atualmente, ela considera grandes avanços na educação inclusiva. Sendo uma mãe de luta e defensora dos direitos das crianças com autismo, e não somente de seu filho, Superação busca sempre conversar com outras mães de alunos com autismo para conhecer a realidade dos demais. Assim, percebe as mudanças ocorridas em determinadas situações, como ela narra que, antigamente, o aluno era excluído no canto da parede, sem direito a participação, por acharem ele incapaz, e, hoje, esse contexto é diferente. Os professores buscam inserir os alunos dentro das atividades, respeitando seu tempo, bem como suas limitações.

Superação fala sobre a missão de ser mãe de uma criança com autismo e o quanto isso lhe mudou como pessoa. Em suas narrativas, podemos entender, que antes dela receber o diagnóstico do seu filho, Superação era uma pessoa totalmente diferente, pois, diante da nova jornada, ela passou por um processo de transformação pessoal, mudanças atitudinais que são reconhecidas por sua irmã. Superação evidencia a missão dada por Deus, e promete não decepcionar. Nesse trecho, é visível a mulher de fé, crente nos planos divinos em sua vida, que assume a missão especial de ser uma boa mãe de uma criança com autismo.

Para finalizar a escrita do seu diário, Superação, assim como Vitória, falou sobre a importância de nossa pesquisa, e como se sentiu gratificada em poder participar e partilhar de suas experiências como mãe de uma criança com autismo, evidenciando momentos de lutas e conquistas no processo de inclusão escolar de seu filho. Para Superação, trabalhar com memórias trouxe grandes aprendizados, pois permitiu voltar no tempo e reviver momentos importantes em sua vida, algumas situações agradáveis, já outras indesejadas que ela gostaria de não ter lembrado. No entanto, a memória não apaga os momentos que contribuem com no processo de formação, como afirma Josso (2002, p. 40), “falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”. Dessa forma, podemos perceber que todas as experiências aqui evidenciadas contribuíram com o processo de formação e (auto)formação de Superação. Isso fica visível quando ela abordou a importância de refletir sobre as atitudes de antes, coisas que ela fez e funcionaram, outras que não deram certo. Esse é justamente o processo de (auto)formação, reviver e refletir sobre sua prática como mãe de uma criança com autismo.

A construção dos diários com as mães foi uma experiência única, a oportunidade de ouvir os sentimentos e as experiências de conquistas das participantes. A importância das mães narrarem suas histórias do dia a dia é como se elas estivessem escrevendo o livro das suas vidas, uma autobiografia. Dentro de alguns anos, irão ver o quanto é precioso rever-se nessas páginas, avaliar como pensava há cinco ou dez anos, reencontrar sentimentos e reflexões, o registro dos sentimentos que marcaram suas vidas, bem como esse diário irá contribuir com a vida de outras mulheres, mães de crianças com autismo. Para que elas possam se espelhar e ver narrativas de lutas e conquistas, e acreditar na capacidade e potencialidade das crianças com autismo, assim como Vitória e Superação fizeram. As histórias aqui registradas são exemplos para outras mães, a quebra das barreiras, a luta na aceitação e o desejo de ver seu filho com autismo se desenvolver e ser incluído no ambiente escolar como qualquer outra criança.

“FECHA-TE, SÉSAMO”: CONSIDERAÇÕES DE MAIS UM TRAJETO PERCORRIDO

Esse estudo é fruto de um desejo em sequenciar as discussões sobre a inclusão escolar de crianças com autismo, iniciadas na graduação e perpassadas por mim no Mestrado em Educação, com novos questionamentos, na busca por outros olhares sobre a discussão em evidência. Enfatizamos que essa pesquisa se finaliza ainda como um percurso, para esse momento nos satisfazemos com os escritos, mas continuamos com a sede de continuar em busca de respostas para futuros questionamentos em nível de um doutorado.

Trabalhar com memórias é uma viagem encantadora. Em cada pensamento e em cada palavra escrita surgem um novo aprendizado. Foram muitas experiências vividas ao longo dessa trajetória, e durante essa construção digo: a vida não é fácil, ela é feita de momentos, e em determinadas situações é cheia de gargalhos e dificuldades, adversidades, e a cada nova experiência nos construímos, nos reinventamos e nos (auto)formamos. Para escrever estas considerações, tive que reler tudo que escrevi até aqui. E, nessa trajetória, percebo que não estava sozinho. De fato, é impossível viver sem as relações sociais. Em cada capítulo os sujeitos foram fundamentais no meu processo de formação pessoal e acadêmica. Sujeitos de vozes, que me espelham e caminham comigo a cada novo trilhar.

Estudar o método (auto)biográfico levou-me a reviver momentos de minha vida, e compreender aspectos que me trouxeram até aqui, e me tornaram a pessoa que sou hoje. Narrar minha história de vida não foi uma tarefa fácil, pois foi preciso voltar no tempo e relembrar momentos dolorosos, mas que se fizeram necessários em nosso estudo, tendo em vista a necessidade de evidenciar minha trajetória de vida. Todo esse processo de construção de minhas narrativas e dos relatos maternos enriqueceram minha (auto)formação, ao me apresentar novas histórias de vida, embaladas pelas experiências de luta e sonhos, assim como minha história de vida.

Alcançamos o primeiro objetivo específico, ao narrar minha (auto)biografia, com ênfase no percurso de formação pessoal, acadêmica e no encontro com o objeto de estudo e o método (auto)biográfico. Oportunizou-me um momento de (auto)reflexão para perceber todas as entrelaces que me trouxeram até esse estudo. Como, por exemplo, relacionar a história de vida da minha mãe, fazendo ponte com as histórias de vidas das mães de crianças com autismo, experiências de lutas e conquistas em ambas as situações.

O trabalho sobre a inclusão escolar de crianças com autismo, por meio das narrativas maternas, é fruto de toda minha pertença com essa temática, a qual me apaixonei ao vivenciar

minha primeira experiência como professor/estagiário. Vivenciar a experiência como professor/estagiário de uma criança com autismo me tornou um profissional de olhar sensível, a ponto de ver nas mães um objeto para novos estudos, com foco na necessidade de sair para além dos muros da escola para ouvir as vozes dos sujeitos comuns, muitas vezes descartadas pela academia.

As contribuições acadêmicas de nosso estudo se evidenciam pelo fato de ser o primeiro trabalho do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN) em apresentar as vozes maternas sobre o processo de inclusão escolar de crianças com autismo, e o segundo estudo com a temática com autismo. E se soma a um conjunto de estudos realizados sobre a orientação da Profa. Dr^a. Ana Lúcia Aguiar, PhD em Educação, que trazem em seu mote de discussões a inclusão por meio do método (auto)biográfico. Ainda na área acadêmica, apresentamos uma pesquisa realizada a nível regional, com sujeitos da cidade de Baraúna/RN, onde contribui para a abertura das discussões e na construção de um novo olhar no que diz respeito à educação inclusiva do município.

O método (auto)biográfico foi essencial para realização desse estudo, além de todos os motivos acima citados, reforçamos a importância do método em relação a valorização do subjetividade de cada sujeito participante, tornando as análises das narrativas ainda mais ricas. A particularidade de cada mãe de criança com autismo, apresentando formas de como se lidar com cada situação, foi fundamental para a obtenção de nossos escritos. Cada mulher tem sua forma de criar e educar, bem como na criação de táticas para superações das barreiras ao longo do processo de inclusão escolar de seus filhos com TEA.

Ao longo de nosso estudo, foi possível conhecer a trajetória de mães de crianças com autismo. Vidas embaladas pelas lutas, iniciadas ainda no processo de diagnóstico e na aceitação de que o filho tem o autismo. Inicia-se, assim, o percurso na busca de ajuda dos profissionais, no sonho de uma educação de qualidade para os filhos e na efetivação dos direitos.

As narrativas maternas escritas nesta pesquisa nos possibilitaram reflexões sobre as barreiras encontradas no processo de inclusão escolar, e como essas mães conseguiram se sobressair de cada situação, criando táticas de superação, de diálogo, de enfrentamento e até de táticas criativas para ajudar a outras mães a passarem pelas adversas situações no caminho da inclusão. Nosso estudo aponta que a inclusão escolar caminha rumo a sua concretização. A pesquisa contribui para que outras mães de crianças com autismo despertem um olhar sobre o processo de inclusão educacional de seus filhos e, através das narrativas dos sujeitos de nosso estudo, possam superar as barreiras encontradas no caminho. Para a comunidade escolar, a pesquisa demonstra a importância da parceria entre a escola e a família no processo de inclusão

de crianças diagnosticadas com o autismo, com ênfase nas experiências de sucesso dessa parceria.

No primeiro capítulo, foi narrado a minha (auto)biografia, com destaque para momentos marcantes em minha trajetória de vida, em que relato e reflito sobre meu percurso de formação como sujeito espelhado na figura materna, como também a construção de minha identidade profissional, enfocando nas experiências que contribuíram com minha (auto)formação.

No segundo capítulo, apresentamos, através das narrativas maternas, o percurso de como se constituir mãe, a missão especial de ter uma criança com Transtorno do Espectro Autista, o processo do diagnóstico, a aceitação e rompimento do luto enfrentado no momento da descoberta, a responsabilidade colocada a essas mães de cuidar e educar os filhos, bem como as barreiras encontradas diante do processo de inclusão educacional de seus filhos na escola.

No terceiro capítulo, evidenciamos as narrativas do cotidiano de mães de crianças com autismo, apresentando as táticas utilizadas para superação de barreiras encontradas ao longo do processo de inclusão educacional de seus filhos. Expondo, por meio das narrativas (auto)biográficas, o olhar materno sobre a legislação brasileira vigente, o que elas conhecem sobre os direitos de seus filhos e as leis que amparam o direito à inclusão escolar de crianças diagnosticadas com autismo, bem como narrativas de superações ao longo do processo de inclusão.

Para realização de nosso estudo, fez-se necessária leitura e reflexões com bases em teóricos para contribuir com a fundamentação de nossos estudos sobre autismo. Para abordarmos a temática da inclusão, refletimos sobre marcos históricos e nos aspectos legais, fruto da trajetória de luta para efetivação dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil e no mundo. Buscamos compreender, por meio da historicidade, o processo de constituição da maternidade, relacionando o antes com os dias atuais.

As mães participantes de nosso estudo passaram por um processo de (auto)formação, tendo em vista que, por meio das narrativas, elas refletem sobre a prática como mãe, como militante da inclusão escolar e como mulher. Com isso, a conquista do empoderamento ao perceber-se como sujeito ativo e contribuinte no processo de inclusão escolar e no desenvolvimento da aprendizagem de seu filho com autismo.

A construção dos diários das mães contribuiu para o nosso processo de (auto)formação das participantes e também para mim, professor da rede básica de ensino e pesquisador em formação. Para as mães, o diário permite uma viagem no tempo, por meio dos desenhos guardados com todo carinho do mundo, percebendo a cada atividade um sentimento, bem como os avanços de seus filhos rumo ao sucesso e a inclusão escolar. Para mim, como professor de

alunos com autismo, na percepção de novas estratégias para inserir o aluno nas atividades propostas. Como sabemos, alguns alunos com TEA são resistentes na participação de lições escritas, e a proposta do desenho contribui para uma boa relação professor/aluno e para que a criança com autismo tenha total participação em sala de aula, dentro de suas particularidades.

O nosso estudo não tem o objetivo de esgotar as discussões sobre a inclusão escolar de crianças com autismo, mas de fortalecer o que já se tem nos meios acadêmicos, e possibilitar aos sujeitos envolvidos nesse processo a reflexão sobre a importância de pensar novas formas para romper com as barreiras. Acreditamos que as experiências aqui narradas irão contribuir muito com outras mulheres, mães de crianças com autismo, as quais passam pela mesma história de luta, bem como despertar o desejo de outras mulheres em contribuir com a educação e a inclusão de seus filhos com TEA nas instituições de ensino. Enfatizamos, novamente, o desejo que novos estudos possam surgir a partir do compartilhamento de nossa pesquisa, pois aqui não buscamos em nenhum momento apresentar uma verdade, mas apresentar histórias de vida com experiências na inclusão escolar.

Finalizamos com a reflexão sobre a necessidade de se romper com todas as barreiras encontradas no processo de inclusão escolar de crianças com autismo, para que esses alunos possam avançar dentro de suas potencialidades. Isso implica no reconhecimento por parte de todos os sujeitos envolvidos, seja a mãe ou a escola, em buscar formas para contribuir com o desenvolvimento dessas crianças. O caminho é lutar, criar táticas e estratégias para o rompimento das barreiras, e comemorar cada conquista da criança, por mais pequena que seja, mostrando sempre que ela é capaz de ir além.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira; DANTAS, Amélia Ferreira; MEDEIROS, Emerson Augusto De. Histórias de si: narrativas da formação continuada de professores do/no curso de pedagogia/PARFOR. **Revista Cocar**, Belém, v. 9, n. 18, p. 233 a 254, jun. 2015.

AGUIAR, Ana Lucia Oliveira; MEDEIROS, Emerson Augusto De. Percursos de formação: experiências e trajetórias (re) significadas nas histórias de vida de professoras no PARFOR. **Revista Educação&linguagem**, São Paulo, v. 18, n. 2, p.121-146, jun./Dez. 2015.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMARO, Rita de Cássia Araújo. **O programa libras nas escolas: (auto)biografia, escrita de si e do outro em espaços formativos**. 2018. 164 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2018. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2016/arquivos/4501rita_de_cassia_araujo_amaro.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara,1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLGER, N. *et al.* Diary methods: capturing life as it is lived. **Annual Review of Psychology**, v. 54, p. 579-616, 2003.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRANDE, Carla Andréa; ZANFELICE, Camila Cilene. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 43-56, jan./abr. 2012.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun., 2002.

CAMARGO, Pimentel Höher;BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74,2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20834/000718941.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 out. 19.

CAMARGO, S. P. H., & Bosa, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. **Psicologia e Sociedade**, 2009.

CARVAHO, Vanessa de Oliveira. **Contribuições do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e de Atendimento ao Surdo (CAS) Junto às Escolas Públicas de Mossoró – RN**. 2015. 160 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2015. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseducdisserta%C3%A7oes2013/arquivos/3938vane_ssa_de_oliveira_carvalho.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

CARVALHO, N.A. **As narrativas autobiográficas de professores da zona rural de baixa grande-ba**. 2010. 61 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Departamento de Educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia- Uneb, Salvador. 2010.

CARVALHO, Rosita Édler. **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

COSTA, Francisco Maycon Passos. **Narrativas da inclusão de um aluno autista: as crianças e seus modos de fazer inclusivos no contexto escolar**. 2017. 125 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2017. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseducdisserta%C3%A7oes-2015/arquivos/4223francisco_maycon_passos_costa.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

COSTA, Mifra Angelica Chaves da. **Relação pedagógica professor, intérprete de língua brasileira de sinais e aluno surdo do curso de pedagogia da UERN**. 2014. 166 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2014. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseducdisserta%C3%A7oes-2012/arquivos/3937mifra_anga%E2%80%B0lica_chaves_da_costa.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

COUTINHO, Maria Angélica Gonçalves. **A responsabilidade de educar e de cuidar: quando a deficiência segrega mães-cuidadoras de estudantes com TEA**. 2017. 145 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2017. Disponível em: <<http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/394>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CUNHA, Antônio. Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CYRINO, M. C. C. T. Análise de tarefas matemáticas em uma proposta de formação continuada de professoras que ensinam matemática. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, p. 751-764, 2014.

FAVARO C. Mulher e família: um binômio (quase inseparável). In: Strey MN, Neto JAS, Horta RL. **Família e gênero**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2007.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, agosto/2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso: 02 dez. 2018.

FREIRE P. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Marcos Randall Oliveira de. **Sujeitos em (auto)formação: experiência pedagógica de docente na inclusão de discente com baixa visão no ensino superior**. 2018. 172 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2018. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2016/arquivos/4501marcos_randall_oliveira_de_freitas.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Ed. Standart Brasileira das obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GIL, Marta. **Educação inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 170 p. ISBN 85-7060-377-0. Disponível em: <https://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.161.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

GOMES AJ, Resende VR. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.** 2004.

GREENSPAN, S. I. **Role of emotions in the core deficits in autism and in the development of intelligence and social skills**. Journal of Developmental and Learning Disorders. 2001.

GURGEL, Iuri Coutre. **Práticas pedagógicas: narrativas de experiências de professores de aluno com deficiência visual na escola municipal rural Antonia Eurlí de Brito de Janduí/RN**. 2015. 136 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2015. Disponível em: <http://www.uern.br/controldepaginas/poseducdisserta%C3%A7oes2013/arquivos/3938iure_coutre_gurgel.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018

HEWITT, S. **Compreender o Autismo- Estratégias para alunos com Autismo nas Escolas Regulares**, Porto Editora, 2006.

JOSSO, M.C. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2010.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. In: ROCHA, P. S. **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997. Disponível no site: <http://pepsic.bvsalud.org>, acessado em 22 dez. 2018.

KOURY, M. G. Enraizamento, pertença e ação cultural. **Revista Cronos**, v. 2, n. 1, p. 131-137, 16 fev. 2017.

Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 mai. 2018.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 maio. 2018.

LINS, Sônia Alves Bezerra. **Da trilha do redimensionamento da formação docente à inclusão do aluno com surdez na UERN**: (auto) biografia da educadora Apoena. 2014. 169 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2014. Disponível em: <http://www.uern.br/controladepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2012/arquivos/3937sa%E2%80%9Dnia_alves_bezerra_lins.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

MANNONI, M. **A criança sua doença e os outros**. 4.ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 1999.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, L. de A. Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. In. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Orgs. Theresinha Guimarães Miranda, Teófilo Alves Galvão Filho. Salvador: EDUFBA, 2012.

MELLO, Ana Maria Serra Jordia Ros de. **Saberes e Práticas da Inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo. 2. ed. atual. Brasília: SEESP, 2004. 68 p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me000436.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

MENK, Patrícia. **Um estudo sócio-antropológico com um grupo de mães de pessoas com autismo infantil**. 2007. 147 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90312>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MINATEL, Martha Moraes; MATSUKURA, Thelma Simões. Familiares de crianças e adolescentes com autismo: percepções do contexto escolar. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 52, p. 429-442, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza & SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1993.

MITCHELL, Carol; HOLDT, Naomi. The search for a timely diagnosis: Parents' experiences of their child being diagnosed with an Autistic Spectrum Disorder. **Journal of Child & Adolescent Mental Health**, v. 26, n. 1, p. 49-62, 2014.

MORAL, Adriana *et al.* **Entendo o autismo**. 1. ed. São Paulo: SANTANDER/USP/FUSP, 2017. 32 p. Disponível em: <https://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final.pdf>. Acesso em: 28 set. 2019.

MOREIRA, Carlos José de Melo. **POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**: uma análise de três Programas Federais, para a Educação Especial, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação do

município de São Luis-MA, no período de 2009 a 2012. Orientador: : Prof. Dr. Pedro Ganzeli. 2016. 404 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319216/1/Moreira_CarlosJosedeMelo_D.pdf f. Acesso em: 20 set. 2019.

MORETTO, Renato Alves. A evolução semântica da maternidade: do útero fundador ao pós-moderno. Campo dos Goytacazes, RJ: Editora da Academia Campista de Letras, 2005.

NETO, Francisco de Acací Viana. **Práticas de formação e inclusão de alunas surdas:** narrativas de experiências de professores da escola municipal Jonas Gurgel-Caraúbas/RN. 2015. 153 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte-Uern, Mossoró, 2015. Disponível em:

<http://www.uern.br/controladepaginas/poseduc-disserta%C3%A7oes-2013/arquivos/3938francisco_de_acaci_viana_netto.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

NÓBREGA, Fernando José. Vínculo mãe-filho. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2005.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. A (re) invenção de si na formação docente. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio. **Histórias de Vida e formação de professores**. Quarttet. Rio de Janeiro. 2008.

PATTERSON, A. Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. **Qualitative Market Research: an International Journal**, v. 8, n. 2, p. 142-156, 2005.

PETERSEN, C. S; WAINER, R. Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes. Porto Alegre: **Artmed**, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCARDUA, Valéria Mota. A inclusão e o ensino regular. **Revista FACEVV - 2º Semestre de 2008**.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas: **Papirus**, 2013

SERRA. D.C.G. **Entre o limite e a esperança:** sobre a inclusão de alunos autistas em escolas regulares. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia. PUC-Rio. 2010.

SPROVIERI, Maria Helena ; ASSUMPÇÃO Júnior, Francisco B. **Dinâmica familiar de crianças autistas**. Arquivo de neuropsiquiatria HC-FMUSP. São Paulo, v. 59, n. 2-A, p. 230-237, 2001.

STELZER, Fernando. Uma pequena história do autismo. São Leopoldo: **Pandorga**, 2010.

SYMON.G. Qualitative research diaries in CASSEL,C. SYMON, G. Essential guide to qualitative methods in organizational research. London: **Sage Publications**, 2004.

TEIXEIRA, Danielle Elisa Paradella. **Desenvolvimento da criança com autismo:** Percepções e expectativas de mães. 2014. 193 p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de

Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/313689/1/Teixeira_DanielleElisaParadella_M.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

TELMO I. A integração das crianças com autismo nos estabelecimentos de ensino regular: realidade ou mito? In: **Educação especial e reabilitação**. - Vol. 1, nº 3 (jun. 1990), p. 41-45.

THERRIEN, J., & NÓBREGA-THERRIEN, S. Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em avaliação educacional**, v.15, n.30, jul.-dez. 2004.

VALORE, LA. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. SILVEIRA, AF., et al., org. **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro:Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 66-76. ISBN: 978-85-99662-88-5. Disponível em: <http://books.scielo.org>>, acesso em 22/10/2018